

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

TÁTIA RANGEL EMMERICK DE OLIVEIRA

**EXPERIMENTAÇÕES EM DEVIR -
CORPO SEM ÓRGÃOS**

Orientadora: Cecília Coimbra

**Niterói
Novembro/2024**

*“Quando a língua está tão tensionada a ponto de gaguejar
ou de murmurar, balbuciar ...,
a linguagem inteira atinge o limite
que desenha o seu fora e se
confronta com o silêncio.”
Gilles Deleuze*

Sumário

BLOCO ZERO

4

BLOCO TESE

21

BLOCO UM

70

BLOCO DOIS

87

BLOCO CEM

109

BLOCO TRÊS

144

BLOCO ...

170

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

178

BLOCO ZERO

Morte da palavra.

, quando falo sobre “a voz” todos logo se encurtam, parece que estou a denunciar algo de louco, mas quando digo “o pensamento”, algo de aceitável massageia os ouvidos, e uma calma abrandando a tensão.

Repito:

a

v o z

de novo:

a

v o z

sabe por quê?

Porque não suportamos o não-nome, a não-linguagem, o não-sentido... e “a voz” porque só conseguimos com palavras, damos à elas um lugar maior que elas de fato ocupam. Nos perdemos na busca por elas. Nos matamos por elas. Tudo em torno delas.

E na morte delas?

Como se comunicar? Se informar? Expressar? Se fazer entender? Obedecer? Mandar? ...

Havia um projeto. Haviam projetos. Entre sonhos e estudos, muitas possibilidades. Um estaque fez tudo parar. Desde a perspectiva sobre a vida até o medo das pessoas, mesmo as amadas. Um vírus que atravessou a vulnerabilidade do bicho-humano, que assim como outro bicho qualquer, é vulnerável, não tem domínio sobre a vida, quiçá sobre a morte. Tudo parou.

Mas sobre o que estou falando?

Sobre a pandemia.

Talvez?

Sobre a pandemia em mim?

Talvez.

Tento gaguejar sobre o tempo que se suspende, e não para, sem intervalo nos atravessa. Esmaga nossa pseudo crença de tudo saber e controlar. Essa avalanche que produziu movimentos caóticos nos dias, nas datas, nas horas pulsa na ponta dos meus dedos como uma urgência em não deixar a vida escapar. Escrevi muito, na intensidade que antes não tinha tempo para experimentar. Textos lançados ao mundo, sem ruminação.

O tempo da virtualidade atravessou meus hábitos, produziu sensações que não havia percebido antes. Descobri tantas coisas, esqueci outras também. E nessa intensidade o doutorado se perdeu do meu campo pragmático, entrou em ebulição somática – quero dizer que ocupou meus movimentos, meus gestos – sem que o “eu” tivesse controle ou mesmo percepção de tal ocupação.

Minhas mãos começaram a rabiscar, muito, todo dia. Desenhos foram brotando como respiros materializados no papel. Só conseguia assistir aula remota se estivesse desenhando. Não conseguia apenas escrever no caderno, como sempre. Precisava ampliar o movimento, ganhar outras amplitudes.

O braço começou a doer, não conseguia traduzir a informação. Um amigo-artista me diz: coloca a folha presa na parede, e leva aqui um carvão. De tal experimentação descobro no corpo que o gesto vem lá das escapulas, os braços levam, as mãos ousam. Assim, desenhos-outros ganham a folha. Me assusto.

E como sempre fui muito comprometida, dormia e acordava pensando: e o doutorado?!, mas ao longo do dia não havia tempo para pensar nessas possíveis respostas. E assim, os dias se passaram. Muitos desenhos. Muitos escritos. E nada de doutorado.

Penso, vou desistir. E escuto do meu terapeuta: desistir de quê?, se você ainda não parou.

O caótico ocupa meu pensamento, estou na total atenção esquisita¹. O corpo paralisa. A digestão se nega a fluir. Tudo fica esquisito. Então, decido me dar de presente meu (consciente) maior desafio: aprender a nadar. Decido enfrentar: o intestino se mexe, o estômago grita, algo desloca.

Dia seguinte na piscina: o medo, a angústia, a vida, a morte. Muitas intensidades. , sem palavras, sem sentidos, . A professora me dizia: seu corpo esta pronto, e a resposta escapava: mas “eu” não.

Se o pensamento e o corpo são uma só coisa, fluem juntos. Que “eu” é esse que fala como se fosse um outro?!?.

Insisto, persisto.

Atravesso a piscina.

Pavor de não conseguir.

Volto a colocar os pés no chão, o andar parece diferente. No caminho de casa vou pensando que não sinto medo de morrer, nem sinto angústia de me afogar, o que sinto?

Não encontro respostas.

Volto, volto. Persisto. Insisto.

E o doutorado?

Ficou numa gaveta inacessível. A urgência da vida era maior, foi maior, é maior.

E o doutorado?

¹ um modo de trabalhar que acontece de acordo com as intensidades, cada olhar que se dirige para um texto é um encontro, uma experimentação. (RANGEL, Tátia. Corpo sem órgãos - experimentações em devir. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2020. P.18)

Essa gagueira que sempre se fez presente em mim. Essa não objetividade diante das perguntas. Essa coragem em pensar com a barriga. Esse medo de ouvir a barriga. Esses modos não comuns de pensar a vida. Assim. Esse dito eu que encontra com você caminhos para não mais estar só. Caminhos nos quais a loucura ou não loucura, não importam.

Fico pensando nas inúmeras cartas que escreveria para Artaud. Fico pensando que não faz sentido algum tentar rascunhar essas cartas. Fico pensando. Pensando. E algo faz plociti. Minha barriga se pronuncia que não concorda com nada disso. Me perco, não sei mais o que fazer. não sei nem o que pensar. Então. Mordo o lápis, quebro um pedaço de carvão, fecho os olhos da razão, e deixo os gestos em ação. O corpo relaxa alguma contenção. O rosto expressa leve emoção. As mãos ganham precisão. E os desenhos se tornam gestos materializados, outra escrita que não se ocupa se é desenho ou não, arte ou não, invenção ou não, nada ou não. Nada. Uma necessidade. Uma urgência.

Se deixar conduzir por conceitos em experimentação. É mais que o contato com as bordas da desrazão. É um mergulho no escuro da ausência de bordas. Sem a priori. Sem muitas coisas ditas e reconhecidas como processos, métodos ... é um deixar-se contornar com os afectos.

Preferiria um caminho mais conhecido, menos errático. Uma língua apreendida, uma linguagem anunciada. Preferiria um tanto de outras coisas. Mas.

Uma impossibilidade se torna a única constância todos os dias.

A impossibilidade de seguir a norma comum a todos. A impossibilidade de não escutar a barriga. A impossibilidade de renunciar o que sente.

Tentei. Por tempos não cronológicos. Tentei. Conter, silenciar, desistir. Tentei. Mas não consegui. Continuo não conseguindo. Como também não consigo o que seria “se deixar conduzir por conceitos em experimentação”. Ou consigo? Não sei. Pois já tentei entender. Desisti. Diante de tantas tentativas, muito escapa. Diante da carne, muito escapa.

A cabeça oca de razões tenta conter a carne envolta nas experimentações. Uma briga declarada. A mente e o corpo tentam cisão. Poderia pensar que é a briga entre o modo neurótico de sobreviver, e o corpo querendo de modo esquizo viver. Ou nada disso, não sei.

Cansei de explicações tentar encontrar. E então, descubro que tento, tento, alguma justificativa inventar. E depois, dou-me conta: de nada isso tudo irá adiantar. Não há coerência, explicação pragmática. Não há.

Uma gagueira atravessada pelo carvão²

“A cor é o sangue, negro e marrom, dessas arquiteturas.
As fraturas desatam laços, obstinadamente visíveis.
O desenho deixa amadurecer seus frutos.”
(Édouard Glissant)

Deparo-me com o *não-saber* como encontrar pontos que se liguem e tracem um fio que conduza uma ideia até a elaboração de um pensamento, um problema, uma hipótese. Esse *não-saber* me angustia, produz insônia, enrijece os músculos, paralisa as ideias. Ou seja, retém. Não permite o movimento, a criação. Emudece. Deixa impregnado de “nãos” qualquer ar que tente escapar como flecha em direção diferente da estagnação.

Certa madrugada as mãos se rebelaram, seguraram um pedaço de carvão como se arma fosse, deixaram a razão de lado, respiraram por si, e lançaram-se ao mar, quero dizer, ao papel. Sem planejamento, mapa ou roteiro. Seguiram. Depois de muito tempo, a exaustão fez parar o movimento, então os olhos entraram em cena. Descansaram na frustração. Isso mesmo: um descanso, uma frustração. Não conseguiam responder ao *não-saber*. Apesar de se julgarem bons leitores, atentos alunos, neste instante só lhes coube a não compreensão³. *Não-saber* traduzir o feito das mãos, *não-saber* afirmar os conceitos, discorrer sobre a etimologia, a ontologia, a pauta ... *não-saber*. A razão foi colocada em xeque.

Era preciso despir-se dos saberes para experimentar esse *lugar-outro* que se fez. Essa poética que se desenha em traços, palavras, memórias, paisagens ... Um corpo que escapa aos ditames reconhecidos, um corpo que se lança em relações poéticas.

² Ensaio escrito para disciplina: Os limites do literário. PUC/RJ, 2020/2.

³ “A primeira e mais constante das violências, que resume e contém todas as outras, exige que “o compreender o mundo”, permanentemente impõe ou difere a sua fixidez”. (GLISSANT, Édouard. *Pensamento do tremor*. Juiz de Fora: Gallimard/Editora UFJF, 2014. Pág. 38).

Cena A

Relação. Afeto. Corpo. Borda.

Palavras que sussurram por toda pele, causam curiosidade nas ideias, tremor no pensamento. Frases ficam borbulhando: “algo do vivido deve se somar ao pensado. Não existe o começo de tudo, o mundo sempre existiu, só não é sempre o mesmo. O fluxo da vida muda tudo, o fluxo do tempo. Simbolicamente, o parto (nascer) a partir da barriga da cobra (sucuri)”⁴.

Os mundos se chocaram, as culturas se colidiram, uma não certeza do/no dizer, ou mesmo, de tentar esboçar uma fala. Um silêncio se fez. Nas escápulas um movimento se iniciou, com as mãos o tremor se encontrou com o papel.

O *não-saber* continuou no modo visceral, agora atormentado pelas serpentes, pela busca de algum entendimento, algo que conforte as novas relações que estão a emergir do movimento no corpo, do corpo – uma escrita que se desenha.

Pensar com outras mentes, outros modos. Entrar em relação, se permitir uma experiência partilhada pelo conhecimento do que fomos e somos. Um pensamento não arborescente, um pensamento que se faz grama, rompe pela terra, cria espaços. “Pensar, nas coisas, entre as coisas é justamente criar rizomas e não raízes, traçar a linha e não fazer balanço”⁵. O pensamento se faz experiência, não ocupa uma fixidez, produz movimento – é relação.

A origem sendo afetada pela diferença e pelo múltiplo⁶, perdendo o caráter englobante. O múltiplo se subtrai à influência do Uno (n-1), tornando-se objeto de uma síntese dita multiplicidade, designando o primordial na experiência real, em oposição aos conceitos da representação. Então, o rizoma afirma não ter ponto de origem comandando o pensamento, são avanços significativos por meio de bifurcações, encontros. Pensar não é representar, ou seja, o pensamento remete à experimentação, sendo o método do antimétodo. (ZOURABICHVILI, 2009).

⁴ Anotações da aula da Oiara Bonilla; 22 de setembro de 2020.

⁵ DELEUZE, Gilles. PARNET, Claire. Diálogos, São Paulo: Escuta, 1998.

⁶ “O múltiplo é a manifestação inseparável, a metamorfose essencial, o sintoma constante do único. O múltiplo é a afirmação do um, o devir, a afirmação ser. A afirmação do devir é, ela própria, o ser; a afirmação do múltiplo é, ela própria, o um; a afirmação múltipla é a maneira pela qual o um se afirma”. (DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976)

Cena A

Relação. Afeto. Corpo. Borda.

Dia após dia, enxurradas de pensamentos atravessam o estômago, não consigo conter quiçá dar um basta em tal invasão. (Por momentos me pergunto se gosto delas, pois me deixo tão à deriva com elas). Uma busca pelo caos que invade o miolo-mundo-pensamento. Talvez – . Vez por outra uma respiração deixa escapar o ar, provocando um pouco de alívio, abrindo um pouco de espaço. No segundo seguinte, tudo volta ao temor que nada mais consegue soltar ou mesmo reconhecer para organizar. Talvez – um mar revolto. Não sei. Nas vísceras uma espiral que se faz origem para várias direções. Produz um contínuo que ganha velocidades e intensidades diferentes. Funciona independente do que quero ou penso. O corpo em alforria da razão. Funciona nos limites da desrazão. Deixa-se livre enquanto fluxos-pensamentos o torneiam, moldam suas bordas. Há contágio. Ondas de tremores.

Uma paisagem. Outro espaço-tempo⁷ atravessou. Rostos máscaras imagens animais, diferenças. Um tremor que diz alguma coisa em silêncio. Um revisitar de memórias. Sussurros que não consigo definir. Quedo-me na contemplação. Por tempos. Até adiar o fim do mundo, e descansar. Talvez – falte pouco para o esgotamento. Talvez – .

Cena A

Relação. Afeto. Corpo. Borda.

Os olhos em cena. Constrangimento. Não reconhecimento. Estranhezas no modo como as palavras se movem, os traços se tornam imagens, paisagens se delineando pelo meio. Imprevisibilidade. “O pensamento do tremor explode por toda parte”⁸.

⁷ “O espaço-tempo é esse jogo da extensão e da profundidade. Seria possível que o universo fosse ao mesmo tempo finito, em tal jogo de Relação, e infinito, na aplicação (a aparência, a “superfície”) que resulta para nós.” (GLISSANT, Édouard. Pensamento do tremor. Juiz de Fora: Gallimard/Editora UFJF, 2014. Pág 40).

⁸ GLISSANT, Édouard. Pensamento do tremor. Juiz de Fora: Gallimard/Editora UFJF, 2014. Pág. 40.

Um *fazer* acontece. O *não-saber* anunciado inventou um *lugar-outro*, tornou-se uma força. “Habitando uma fresta, esse entre, passado e agora, uma espiral”⁹.

Nos olhos, nos rostos, nos desenhos – expressão. Outra fala¹⁰. Emoções circulando em diferentes intensidades, não capturadas pela linguagem, escapando pelos traçados. Afirmando passos cambaleantes em errância. Uma nudez se faz corpo-texto deixando suas superfícies em movimento, uma invenção imagética, uma relação poética.

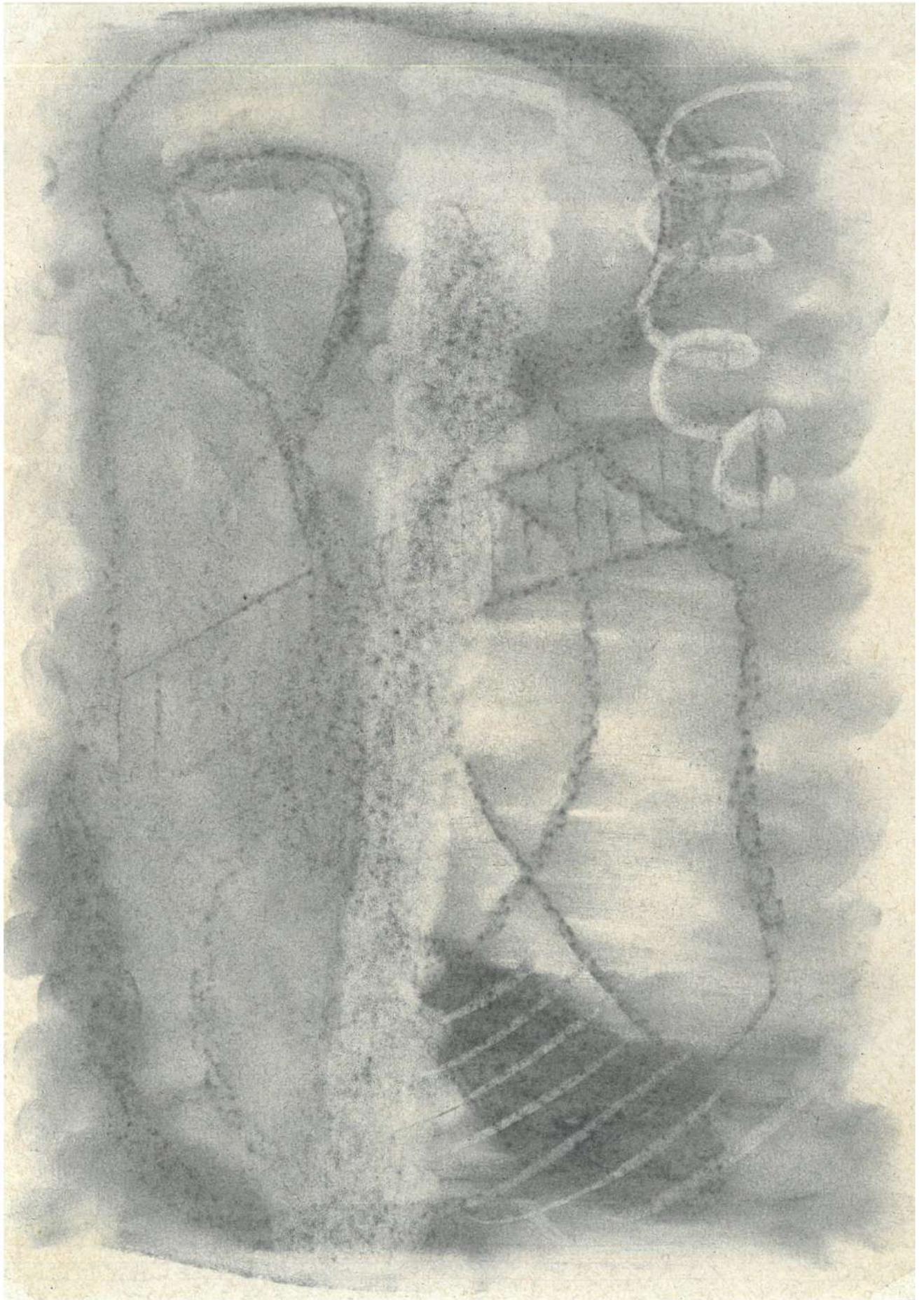
Cena A

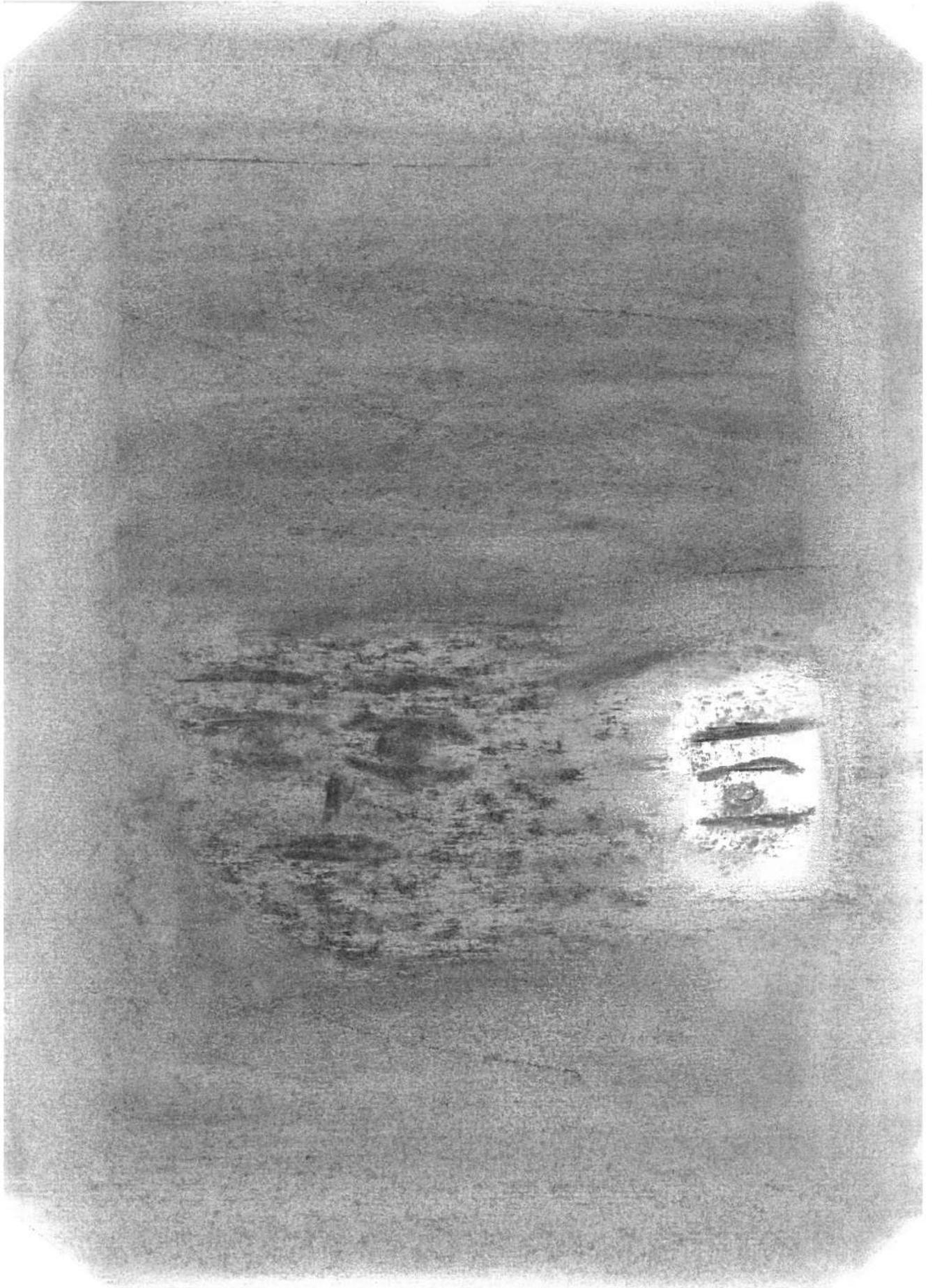
Relação. Afeto. Corpo. Borda.

Certa madrugada as mãos se rebelaram, seguraram um pedaço de carvão como se arma fosse, deixaram a razão de lado, respiraram por si, e se lançaram ... ao *não-saber* traduzir o feito das mãos.

⁹ Anotações da aula com a Ana Kiffer: 08 de setembro de 2020.

¹⁰ “fala poética, que efetua toda a potencia de bifurcação e de variação, de heterogênese e de modulação própria da língua”. (DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997. Pág. 123)

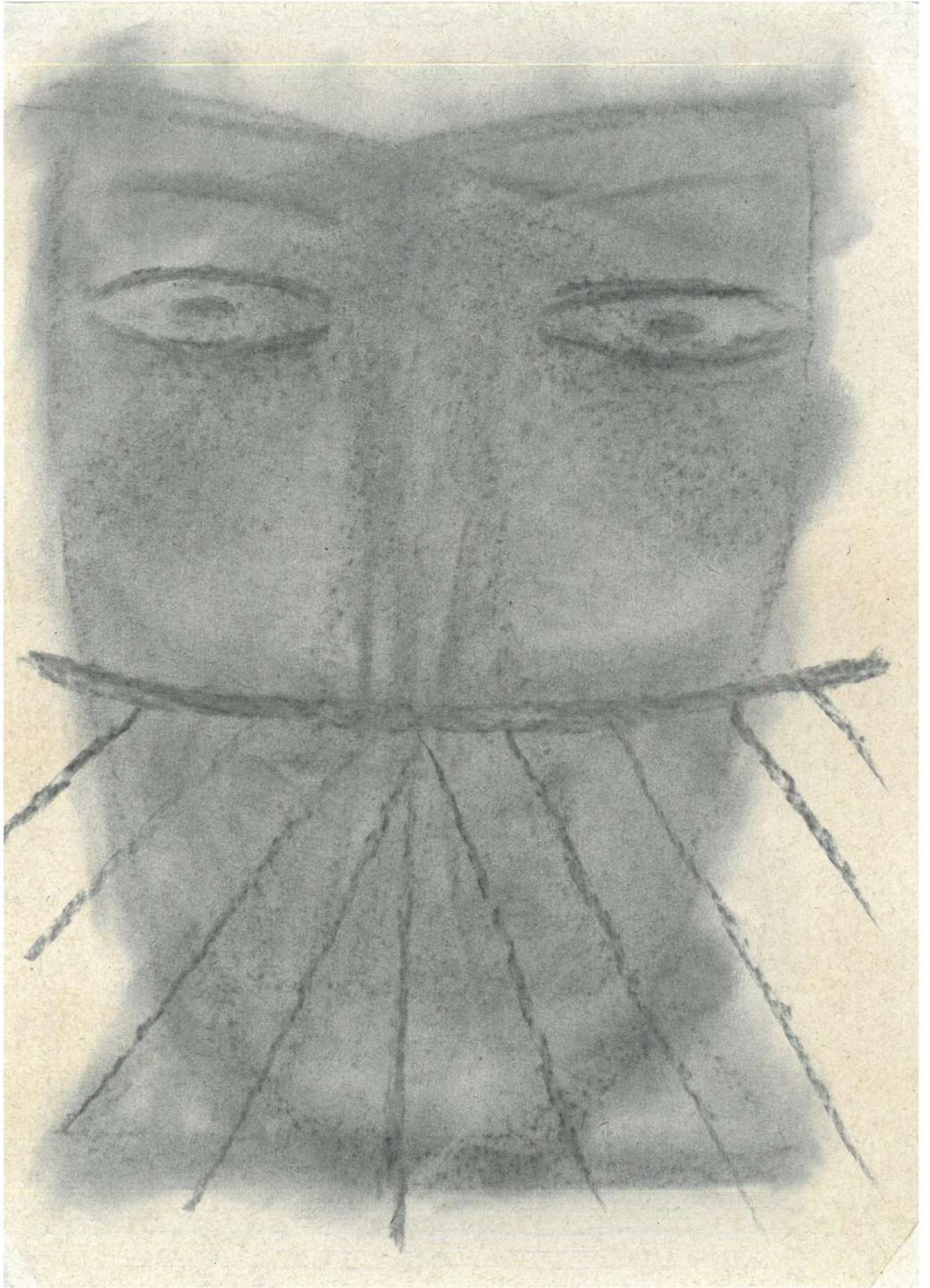


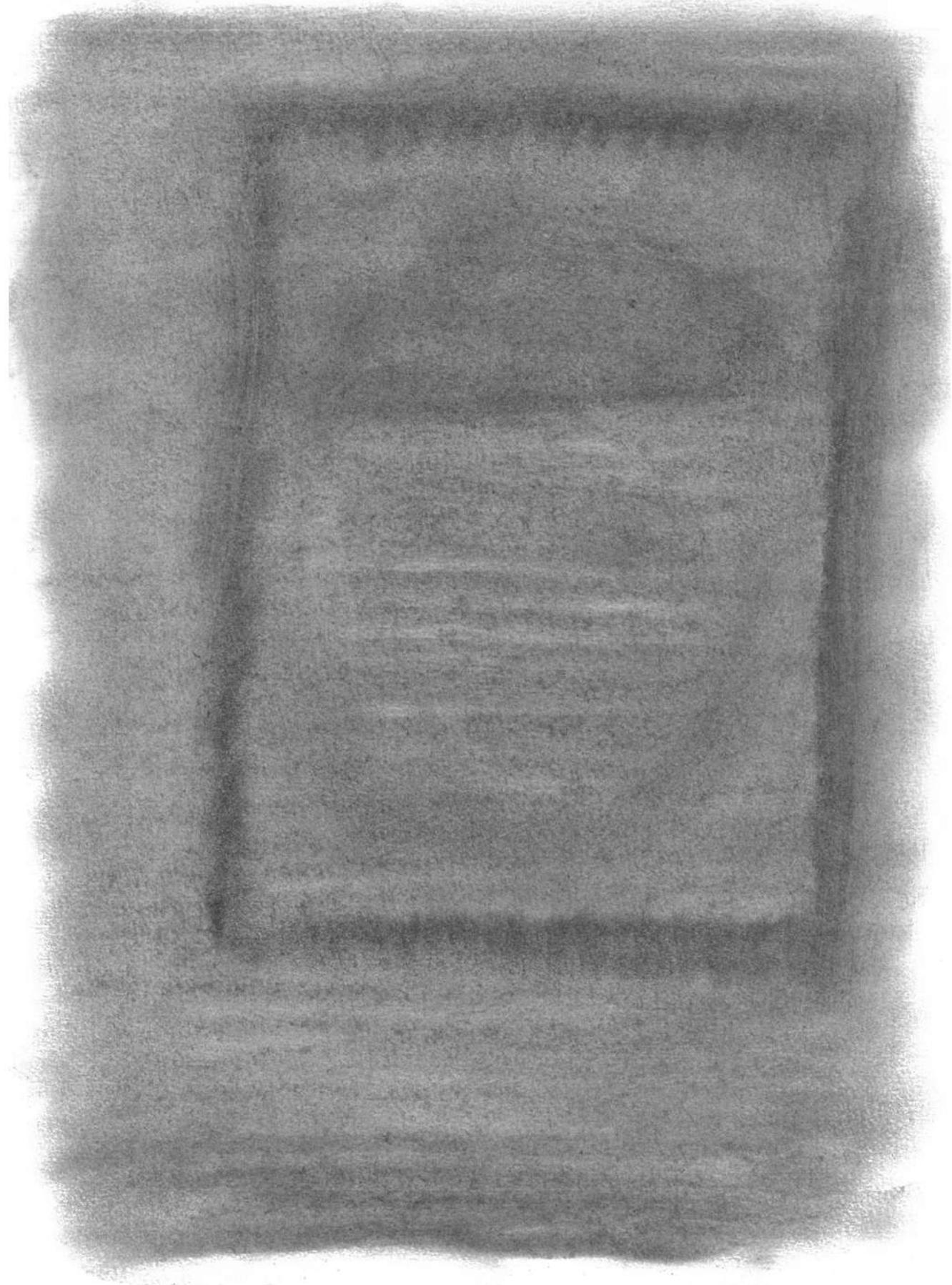














BLOCO TESE

BLOCO UM

Vivi explosão de sinapses. A emoção e velocidade foram tantas que cai em exaustão. Agito no pensar, no sentir. Encontrar-se com um pensamento que vem sendo ruminado há muito tempo é uma explosão, é agressivo, exaustivo. E o mais inusitado, é que não consigo capturar a elaboração de todo esse pensamento. Ele ainda esta em movimento. Meu corpo ainda o digere. Coisas ainda não encontraram lugar. As palavras ainda estão bailando sem coreografia. Entre memórias e imaginação. Há um eu se desfazendo. Não tem pré-ocupação com esse caminho. Mas há algum medo tentando paralisar-me. Posso no lugar dos clichês tecer várias interpretações, mas não caibo nelas. São outras leituras. Outras traduções. Entre a magia do corpo em digestão, e o mistério da linguagem em reinvenção. Muitos eus se compõem. Talvez por essa borda alguma afirmação se faça contorno de um devir-corpo-escrita que se faz no desenhar de memórias como traços de desfazimento da representação.

Quando deparo-me com este desejo: matar a representação. Que seria uma experimentação de uma escrita fora da representação? Encontro profundamente com a Llansol. Em mim sua escrita rompe, cria mundos, não cabe nas representações dadas. Mas não é isso que chamo de “morte da representação”.

Inauguro outro ponto: a “morte da representação”

Precisei de mais tempo, mais digestão. Fui ao google ... o que é morte, matar, morrer?; o que é memória, representação?; tantas perguntas e um grande desafio, como percebo-as. Não quero respostas prontas e definidas. Estou nos processos. A digestão como condutora do pensamento propõe outros caminhos.

A exaustão me abraçou, cozinhei e dormi muito. Talvez pareça que descansei, mas sei que não foi isso, era um momento jiboia, esconder-se com as digestões, economizar energia para tal trabalho. Recolher-me dos contatos, dos outros. Retirar-me comigo para algum silêncio.

, **deixar o que está à espreita escapar pelas letras**, desenhar no papel, formar frases, imagens, marcas... deixar cenas se comporem pelo olhar, pela barriga, deixar a imaginação viajar, não julgar. o desafio de colocar-se a escrever, de permitir-se dançar com as letras experimentando melodias narrativas, deixar de lado a moral castradora do inventivo, dar os braços a ética numa dança com a potência do criar.

assim começa essa escrita rasgada, rompida com o dever de ser coerente, afirmando seus fios soltos que querem encontros, não apenas meras uniões, quer mais, quer composições.

L
U
C
I
D
E
Z

I-

Rosa amanheceu inspirada, largou as obrigações de lado e deixou-se guiar por seus pés. sua vida estava um tanto conturbada, faltava-lhe tempo para tudo, inclusive para reclamar. cada dia sentia-se mais cansada, aproximava-se a sensação de esgotamento,

por horas pensava em adoecimento, mas quando se imaginava convalescente, preferia não, não queria estar nesse lugar, ocupar esse tempo de vida com essa qualificação. sonhava em ter mais criação em sua vida, e a sensação do adoecer era para ela motivo de falta de imaginação, um adoecer da criação que a deixava moribunda de si. não estava em seu projeto flertar com tal possibilidade, então, nesse amanhecer, permitiu-se fugir do adoecer, e andou, andou, andou ...

começou por um lugar que mais parecia um aeroporto, pessoas com expressões distantes, roupas de outras estações, malas, mochilas, pesos carregados pela expressão e por seus corpos. alguns casais, poucas crianças, executivos, turistas, gente de vários tipos que seu olhar tentava imaginar alguma identificação, quando um som a capturou, vinha de algum piano, mas naquele lugar seria improvável tal instrumento, em meio aos corredores frios e distantes, pessoas correndo, voos cancelados, amores abandonados, despedidas e chegadas, era o som de um piano, não havia dúvida; Rosa sorriu com os olhos e deixou-se guiar ao encontro com o som, andou, andou, quando a boa surpresa lá estava, um piano branco, de cauda, daqueles que Rosa só havia visto em filmes, um pianista com ar despojado, cabelos desgrehados, mala ao lado, sorriso discreto e hábeis dedos deslizando pelas teclas, a música ocupou qualquer espaço, pessoas filmando, fotografando – emocionadas – e Rosa, ali sem entender como chegou, mas ficou. deixou-se contagiar pela cena, ganhou uma leveza no pensar que por instantes acreditou que estava a se medicar, talvez considere um tipo de vitamina que revigore a vontade, mas como não havia bula especificando, criou para si o sentido daquela intervenção que a cena experimentada estava produzindo em seu corpo: sentiu um novo fôlego, alguma coisa nova surgiu pelo meio daquela manhã que não poderia ser imaginada.

a música parou

, Rosa voltou a andar, e deu-se conta que não sabia como chegou naquele lugar, procurou um restaurante, sentou-se e quando começou a beber um café a memória tentou lhe localizar, foi quando num lampejo de ousadia, Rosa se levanta e afirma que não quer se achar. volta a andar, andar ... carregando o hábito da representação, começou a descrever para si por onde estava a caminhar, na certeza que estava criando novas memórias como tentativa de outras abandonar, deu-se conta que não teria como uma história linear contar, pois seus retalhos bordavam outros modos de narrativas, que neste momento não conseguia nem ao menos identificar. deixou esses pensamentos guardados no bolso do vestido. vale ressaltar que seu vestido era solto, havia muito pano

para esvoaçar. havia círculos coloridos, uma composição suave com o fundo preto, seus bolsos eram vermelhos, escondidos, deixavam à mostra um pouco de sua vibrante cor por uma pequena brecha que poucos conseguiam perceber, e assim, Rosa caminhava disfarçada de ser comum, sem pretensão ou mesmo chamar atenção de alguns que por ela passavam. seguia passos desmedidos, que mesmo sem saber aonde iriam chegar, afirmavam o caminhar.

II -

não conseguia saber onde estava, o sono era pesado, mal conseguia pensar alguma coisa, foi apenas o suficiente para saber que estava a dormir, tudo balançava, um som rítmico ao fundo, Rosa não conseguia reconhecer o que estava acontecendo ... era um vagão, madrugada, muito escuro, deu-se conta que estava a viajar, mas não tinha memória para recordar de onde vinha para onde estava indo, quando conseguiu forças e abriu os olhos, estava em Veneza.

seu corpo mareado pelo balanço, a fez encontrar o chão com outros pés, nada era linear, havia ondulações por onde pisava. um andar em ondas. isso a fez se atentar aos seus ouvidos: não havia ruídos naquele lugar, foi o instante que Rosa deixou tudo para trás, existiu naquele som, na ausência de chiados, no silêncio com respiros. nada mais era importante. seu corpo percebia outro contorno, uma dita calma a invadiu. soube naquele instante o que era silenciar o pensamento com a sensação, descobrindo que o pensar acontece no corpo todo. um acontecimento por horas abrupto outras ameno, com a repetição de sempre ser desconcertante; uma impossibilidade continuar a mesma depois de pensar, seria pensar um experimentar? não se deteve em perguntas que a distanciava do que estava vivendo, continuou naquele lugar que não sabia a razão de estar, nem bem se deu conta de como chegou, mas havia uma presença dela, nela, Rosa está encarnada, isso já lhe bastava. uma sensação de pertencimento a nutria o suficiente para que caminhasse sorrindo pelas ruas, não conseguia deter o olhar numa única coisa, eram as coisas que escolhiam seu olhar, janelas, portas, pessoas, ruelas, o céu ... esse flertou mais um pouco com seus olhos, tinha um azul que refletia calma, um tom sedutor, poucas nuvens, brisa suave, um belo fundo para paisagens que se formavam em sua imaginação. andou, andou, até que não sabia mais o local que gostaria de chegar,

então, sentou-se às margens do canal, ficou a observar a água, o entorno, já estava entardecendo em si, um desacelerar para um outro começar, viajou pelas ondulações da água, sentiu um remexer em sua barriga, sorriu com os olhos e marejou um sorriso, algo acontecia para além da cena percebida, outra cena estava se compondo em seu corpo, ondas intensas de alegria a nutriam, e sem dúvida alguma, deixou-se entregue às sensações. Rosa se emocionou ao perceber que existia, estava existindo, era em si a sua existência.

sem mais ou menos, existir.

absorta em suas sensações, um pensamento a atravessou com a força da natureza que o gerou, mas foi tão forte que Rosa não conseguiu segurá-lo, não houve condição para a dita elaboração. atravessada, Rosa cai em prantos, um choro do útero, que não só molha os olhos e a face, mas causa transbordar de fluidos pelos buracos do corpo, até os poros deixam-se banhar nesse líquido que escorre e nutre, vai deixando o contorno dela um tanto malemolente. Rosa sente-se um barro nas mãos do escultor, suas ondas-curvas experimentam diferentes formas, poderia ser a massa de um pão, a massinha de uma criança ou um doce de uma doceira, poderia ser tanta coisa, mas era apenas seu corpo se desfazendo de algum nó que o continha em durezas comportamentais que só ela poderia nos dizer, mas daqui sabíamos que estava se dissolvendo, foi entrando num vir-a-ser que não cabia nos contornos do ser, era mais, um tanto quanto naquele instante não caberia nomeação, é até difícil encontrar palavras para descrever, o mais prudente é deixar acontecer. um entornar dos sentidos para afirmar o sentido, sem nomes que o definem ou garantias que o autorizem, acontece nesse instante, nesse encontro que Rosa deixa-se, entregue ao que lhe acontece, acontece junto, junto torna-se um outro que mesmo rompendo as bordas que a identificam, sente alegria no encontro, descobre que sua carne tem vida, faz escolhas e se move pela vida. seus pés já estavam em outro lugar, foi movendo-se sem o pensar, quando deu-se conta era uma dança que a experimentava, na lentidão da respiração, no tempo do mover da ação que nasce ali, na carne, ali no pé em comunicação com o tornozelo, um lento deslocar que expressa o movimento. em micro passos, o tronco se torce para o lado, os olhos fechados, a boca semi aberta, braços em tensão ao longo do corpo, pequenas contrações percorrem os músculos, alguns espasmos chegam nas extremidades, no tempo próprio a dança se coreografa por si mesma, um celebrar a vida, um celebrar o instante. o corpo chega ao ápice do movimento, braços em direção ao céu, pés em toque suave no chão, olhos semi abertos, uma luz entrando pelos olhos e boca, permitindo uma imagem se formar, um

girassol tornou-se, procurou a luz, fez um contorcer-se até lá chegar, em sua luminosidade, em seu lugar. Rosa abre os olhos, já havia acabado a música, todos já estavam sentados a admirar sua apresentação, um tanto envergonhada, volta ao seu lugar, senta-se ainda sem saber do que se tratava, respira.

quando a angústia fala,

pela cavidade do acontecimento, escapa-me a vontade de animar-me diante do dia de agora, a ausência faz reviravolta, um não sentido que envolve tudo pelo fato de existir talvez uma pausa é a necessidade, não precisa ser morte, mas, talvez, , assim o queira esse abismo do dia que termina.

nos embalos do não estar em conformidade com o tempo, inter-rompo o drama e deixo o trágico em suspenso, neste exato momento, sem qualidades, abandono o corpo ao chão, de um lado deita-se a vontade, do outro, a temida coragem. ambas não se olham, pois é caso de paixão. nesse fingir não-existir um espaço chamado vazio . porções de calma, pitadas de alegria, um tanto de tristeza, e mais um pouco de poesia, é o vazio do não pertencimento, esse que escapa mesmo quando apreendido, vai escorrendo pelos dedos, pulando pelos olhos, extravasando pelos poros, vai , em gerúndio sabotando a língua, que estrangula o verbo e faz roer as rimas. destroçado. sem vaidade caminha, o rumo não importa mais, sobreviver nem tampouco, clama pelo vazio que preenche, suplica por amor. quer preencher a folha, borrar a tinta em letra, quer.

antagonismos invadem a obscuridade da razão, não sem emoção, mas cheio de tanta reflexão. uma cisão esta por se dar, um pensamento há de nascer, em contrações por busca de espaços que deixem acontecer, um romper de lágrimas seguem pelo que não esta claro ao sentir. essa intensidade que sufoca, não deixando a borda se formar em frases, fica amorfo, sem desenhar-se pela escrita-carne, sabota as linhas inventivas, e busca coerência mesmo que seja cozendo o cu, colecionando pregas morais que tanto caos travam no abdome, teimam em existir, . arrotos criativos se formam diante do medo da expressão, calam a voz e o coração, e sem pulsação que crie vibração, emudece os sons das palavras em inventação.

é uma guerra. a luta entre a expressão e . em intermitências. pausa. vazio. em silêncio, grita por um pouco de calma. essas agitadas ondas que se fazem imagens-pensamentos. sufocam. deixando esquivar-se como livros didáticos, rasga, faz orelhas, perde o sentido, desmaia na véspera, anuncia hoje a partida de ontem, rompe com o dito tempo, inaugura um outro modo de , faz gemer letras pelas tripas dos ouvidos, e num ruído, a história não se ocupa mais em ter sentido. vai sentindo.

O imperdoável tempo, mais acelerado que ontem, mais ousado que amanhã, escapa. Não deixa rastro de dúvidas sobre seus passos. E os meus, cambaleiam, por querer alguma garantia. Algo preciso aprender com o tempo. Por vezes creio que nada. Em outras penso que tudo. Como sei que tudo é uma impossibilidade. Me quedo nos possíveis. Encarar os próprios limites – as diferenças. O múltiplo da vida que nos rege. Deixar de suportar para de fato presente-ficar. Desafio diante do minuto seguinte. Enquanto no anterior, havia uma covardia me conduzindo ao que já foi, aqueles guardados no quarto dos fundos, que numa manhã despreziosa, descobrimos um universo a parte do que imaginamos. Lá havia amores esquecidos, medos escondidos, algumas dores anestesiadas, havia até abandono de algum querido. Esse quarto persiste ocupar espaço, mas há um tempo insistindo em liberar espaço. Esses lugares que não mais se diferenciam pelos nomes. Ocupam-se da barriga, do pensamento, dos calos, das mãos – ocupam – grandes e pequenos espaços da atenção. Consomem energia. Provocam inseguranças. E o mais temido por todos, há risco de ressentimentos!

Tudo parece como ontem, mas há algo insistindo que seja agora. Desisto de tentar definir, abraço-as, sei que estão em composição com esse instante. Já não há mais tempo para desgastes.

Certo dia, todos esperavam por alguma coisa, nada aconteceu. Foi um intervalo que deixou olhares em suspenso.

Em borbulhas que não se definem. Movimentos. Espaçados e pouco intensos. Não creio ser contrações. Talvez algo de contra-ações. Uma hesitação que não se permite criar um fluxo outro que faça algum sentido. As mãos querem traços amplos, cor forte, força de encontro. Carvão-folha - ao fundo a parede dura, concreta. Aquele espaço de tudo é possível, tem uma base, uma resistência que permite o movimento se fazer fluido. Não saber como começa. Como termina. Nem sabe se há algum fim. O que há são pausas. Espaço-tempo que acontece em duração com alguma não-ação.

Tudo parece confuso, pois nada está dado, nem mesmo afirmado, quiçá nomeado. Há tantos ahhhhsssssss.....

Uma exclamação!

Uma pausa para respirar de outro modo. Talvez não respirar. Silêncio. É preciso alguma outra intensão, ritmo. Sem nomeação. Pausa.

Sem sentido. Sem busca de entendimento. Sem sentido.

Apenas movimentos ritmo acelerado. Sem conter, nem um pensamento. Nem uma ideia. Na rapidez que os dedos conseguem teclar. Uma verborragia sem nenhum som, apenas o som do teclado que nem consegue acompanhar o tempo dos dedos, que resgatam suas juvenis aulas de datilografia, tentam espaços maiores, usar quase todos os dedos. Uma leve contração no trapézio. Alguém me disse que o movimento nasce lá nas escapulas. Lá das costas, é maior que o braço, mais que mãos, mais que dedos.

Travo.

Não consigo me deixar livre para digitar sem ter que olhar, sem ver o que escrevi, sem pensar na virgula no espaço. Como é difícil se deixar entregue nessa experimentação outra. Não sei como dizer

, mas estou deixando agora que apenas os dedos pousem sobre o teclado, fazendo um som rítmico. Tímido. Cheio de medos, ainda vivendo as travas do julgamento. Isso não faz sentido, isso ou aquilo. Não sei, a ideia já passou, não a consegui pegar no vento. Ah o vento ao fundo, há som de avião, deve ser um avião. Deslizar pelas nuvens, leve ao olhos humanos. Sua matéria se faz de peso, não de nuvens.

Me perdi de novo, tento olhar para o teclado, conter o movimento, a ideia. Mas algo me lembra que não é isso. Melhor deixar seguir como vai, sem acertos ou erros. Depois

descubro o que esta sendo digitado. Será que algo serve. Talvez tudo tenha seu valor. Nem tudo é o que é, até que possamos dar sentido ao nosso afeto para o que nos é.

Acertos e erros. Invenções.

Cadaumvaisequindoaquiloquepodesemfazernadaalemdaquiloquedeve

Ufa

Deixei uma frase sem espaços, não tocar o espaço me faz sentir pesada. Sem respirar. Não posso ser avião. Não sei tocar o espaço como se ele não fosse espaço, mas fosse chão.

Ontem comecei a ler um diário, hoje pensei escrever um testamento. Não quero ser diária. Mas penso em ir além dos dias. Talvez. Um pouco mais de outros-em-mim. Isso existe? Acabei de inventar. Dane-se. É isso. Fiquei lenta de novo. Perdi o ar. Afundei os pés no chão. Vou voltar ao devir-avião. Isso também não existe. Mas o som do teclado me faz sentir uma pianista. Acho que essa música alguém poderia até gostar. Mas agora não posso dizer isso, minha atenção esta nas letras, e há o som de cachorros latindo algumas ruas depois da minha, só o eco consigo escutar. Devem ser pessoas passando na rua. Os cães gostam de anunciar o que os olhos veem, ou será o olfato. Também não sei. Nunca me imaginei sendo um cão.

Como seria? Talvez preguiçosa, com sono leve, gulosa. Não sei. Mas cachorros não tomam café. Então, quero não. Deixa como está que é melhor. Outro dia pensei que se fosse uma flor iria ter flores o ano todos. A minha suculenta que floria morreu. Fiquei triste. Mas entendi que ela não gostou da minha distancia. Talvez tenha morrido de solidão. Será possível isso? Não sei. Não vi mais os macacos da janela, sempre andam em bando, seis ou sete. Um deles é especial, falta-lhe uma mão. Sempre imagino que a perdeu ao nascer, pois sua habilidade não deixa duvida que a mão não lhe faz falta. Ele mesmo já me roubou um pacote de pão. Foi bom, decidi não comer mais pães empacotados desde esse dia. Assim ele não me rouba.

Minhas mãos enrijeceram. Os dedos estão duros, cansados. Esse exercício esta me fazendo transpirar. Que estranho. Por que fiquei tensa?. Talvez medo, estou lutando contra o controle, esse me invade sem que perceba. Que doideira. Como é difícil isso. Nem sabia que poderia ser assim.

Quero meu carvão.

Nesse momento o desenho é mais confortável. Seguir o olhar no traço, e só... nunca imaginei falar isso. Até porque não sei desenhar, como posso achar mais fácil. Talvez tenha relação com o que Deleuze disse sobre dar aula sobre aquilo que ainda não se sabe. Isso é interessante. Causa suores. Medos. Arrepios. Um frisson.

"esse eu inventivo que quer outro eu inventar"

Ontem andei muito pelas ruas, carreguei o peso de Kafka nas costas. A educação que ele recebeu acabou com ele. Que delicado escrever isso. Não sei se sou eu ou Kafka, ou nós dois que somos destruídos por nossa educação.

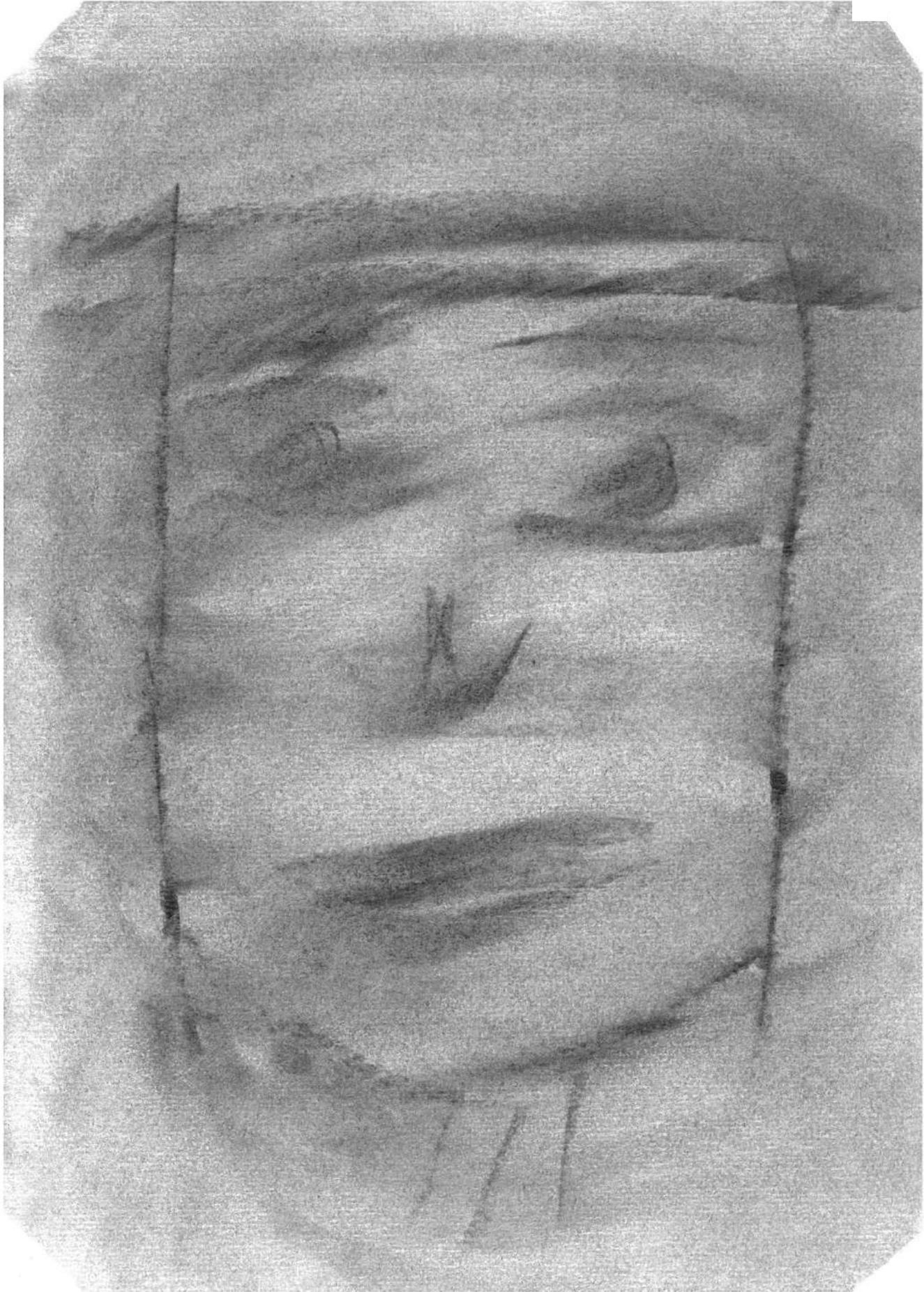
Tantos limites que agora não sei ficar sem eles. Mas quero. Consigo. Não consigo. Ahhhhh que chato.

Vamosdenovonãoencontraroespaçoparecequemeudedofoicongeladotasemsabersuafunção muitoestranhotudoisso.

Ufaaaaaa

Respireidenovoquenadaerasosuspirotudotaigualsempreesteve

Queria bater um papo com Artaud. Acho que não iria falar nada. Queria só olhar pra ele. Mas pra quê? Tem vontades que são estranhas.













BLOCO DOIS

Avalanche de coisas circulando o pensamento. Avalanche que se estende na cama e naufraga. O que seria uma avalanche diante de tanta intensidade?! Talvez apenas uma palavra. Brincar com elas é algo que gosto. Fazê-las e desfazê-las. Outras inventar.

Nesse momento nômade da vida, sinto que as andanças vão compondo. O corpo vai reconhecendo. Os pés caminham tranquilamente. Mesmo alguns doloridos, são pedras, passam como o tempo.

Olho os casais na rua, viajo em suas possíveis histórias. O fato é que estou achando bonito ver pessoas juntas. Imaginar que toleram suas diferenças para estarem juntas. Mesmo quando muito difícil. Continuam ali. Nada é fácil, isso já é sabido. Mas como dar passagem para sentimentos que tornam possível cuidar? Conviver? Mesmo quando as pessoas estão sentadas e não se falam, não se olham. Qual a magia que as fazem ali estar?

Ao meu lado uma mesa com três gerações. Os anciãos olham, seus olhos fazem caretas. A jovenzinha também olha, e faz careta com os olhos. Eles são as extremidades. O casal que irá decidir sobre eles. Deve ser o filho ou filha deles, creio que o filho. O homem que também já tem cabelos brancos e calvície, é o que lê o cardápio, direciona o olhar e a voz para os outros. A jovenzinha cria solução faz uma foto do cardápio. A matriarca começa a cruzar seu olhar com o meu. Gostaria de pergunta-la: como conseguiu? Como consegue? Daqui não os escuto, mas decidiram. São espanhóis. Se olham, se falam. Óbvio que não é fácil. Estou numa cena. Tentando imaginar os bastidores.

Os idosos se tocam. Seja uma suave mão nos ombros, ou mesmo a mão dele na perna dela por baixo da mesa. Gestos. Pequenos gestos. Esperam pelos seus pedidos. As jovens mulheres no celular. Os dois homens olhando as fotos no celular. E a matriarca olhando ao redor, inclusive para mim. Continuo com meu livro, meu caderno, meu vinho. Continuo intrigada com os humanos, suas relações, seus afetos. Lá fora um tanto de vida acontecendo. O trânsito que não para. As pessoas indo e vindo. Clima agradável. O Alentejo tem um calor humano um pouco diferente dos outros sítios que passei. Mesmo os estrangeiros. Talvez algo que só se sintam, mas não se explique. Algo ali aconteceu, estão rindo e conversando, o celular só continua nas mãos da jovenzinha. Os adultos conversam, se olham. Os idosos e a jovenzinha misturam suas comidas. Fazem alguma confusão, e se organizam. Eles três comem batatas fritas. Trocam comidas nos seus pratos. Há uma transgressão que incomoda o casal, principalmente o homem, tenta organizar com o olhar, sem sucesso, pois eles não retribuem o olhar.

Comem animados. Silenciosos em suas degustações. Os idosos falam baixinho entre eles, sorriem. Ele lhe oferece pão, e ela lhe oferece batatas. Uma cumplicidade transborda nos olhares. E ela me olha. Tento disfarçar, mas nos olhamos. O que ela deve estar imaginando? E eu aqui, traduzindo uma cena cotidiana. Uma captura. Um roubo da mesa ao lado.

O homem parece ser o único ansioso. Suas pernas não param, se balançam continuamente. A matriarca tem sabedoria no olhar. O silêncio colocar-se à mesa. Saciados. Elogiaram a comida. Aguardam o café.

Lembro-me do almoço em ouro preto, ano de 2017, com Cristina Veloso. Faltamos às aulas do colóquio deleuziano na UFOP para almoçar sem pressa. Eu me delicieei com torresmos, e ela com a couve mineira. Tomamos cachaça. Rimos muito. Choramos também. Ela me contou de sua mãe, eu me lembrei da minha. Foi uma tarde intensa. Não consigo pensar que algo se transformou em história, pois só nós estávamos no restaurante, somos a própria história.

Penso que a vida é um instante.

Céu sem nuvens, um rosado nostálgico. Pássaros por todos os lados. Línguas diferentes. Roupas de diferentes tipos. Pessoas de todos os modos. A cor telha predomina. Muitas subidas e descidas. Árvores do inverno, nuas. Sem folhas, flores, frutos. Nuas.

Nua completamente vestida. Muitas camadas, pois o frio esta a produzir-me outro modo de vestir. Poderia pensar ser como uma cebola, mas prefiro a ideia das Mamuskas¹¹. Nessas muitas camadas do feminino que me envolve, tento aquecer-me com as forças que compõem meu vestir agora.

Posso mudar novamente de vestimenta, e tornar-me um mito que se desvenda por muitas camadas. Algo não capturado pelas armadilhas da narrativa, que acredita conseguir capturar as histórias e seus afetos criativos.

Meus dedos ficam gelados, esta frio. E nas margens do rio Douro, há um vento, que não se percebe, mas gela o osso. Quero dizer, que esta a gelar minha ideia de calor afetivo, que inventa muitos outros sentidos da história que por hora se desfaz em crepúsculo.

Volto a tal narrativa que busca coerentemente fazer algum sentido.

Vou fazendo-me com as letras que pulam no papel. Escapam da história. Escapam do sentido. Será assim possível alguma narrativa? Será que conseguimos inventar uma outra história com nossas roupas? Nossos afetos? Nosso imaginário?

Parece que hoje é quinta-feira, é o que ouvi dizendo pelas ruas. Em mim, hoje é segunda-feira, pois estou a começar a trabalhar como se ontem fosse domingo. Essa ideia de dias e suas características, sempre me causaram tristeza. Pois gosto da ideia de todo dia ser dia, mas como dialogar com os outros sem nomear?

Amanhã fui sozinha para o aeroporto. No casaco a força das mulheres que me antecederam. Em especial daquelas que imagino, pois não as conheci. Contam-me que minha bisavó era uma mulher diferente do seu tempo, pois rezava à beira do fogão a lenha, e também dava conselho para as pessoas. Mas ao mesmo tempo, vislumbrava que um dia todos iriam ver vozes e imagens saindo de uma caixa contando notícias e histórias. Quando ouvia essa história logo dizia: é a televisão! Me parecia tão óbvio, e agora, muitas décadas depois, concordo que o óbvio precisa ser dito. E a lembrança, enche de lágrimas os olhos ressecados do frio de agora.

¹¹ Ver - www.bonecarussa.com.br

Vejo as águas nos meus olhos e olho para as águas do rio, tudo me parece tão familiar. Da água viemos. Ela nos compõem. E tão perigosa pode nos ser.

Um avião passa pela minha visão, e penso, o que será que a bisa diria disso. Ele vai longe, some. E volto o olhar para o rio, e penso nos mergulhos nebulosos, sejam nas águas das emoções ou mesmo nas águas molhadas que temos na terra.

Lembro das árvores pelo caminho, nuas.

De repente a cena do primeiro café do dia, que poderia ter sido domingo. Um sol agradável, com amigos ao redor, o Gatto e a Luna. Preciso contar-lhes sobre eles. Estamos a nos cuidar. E o mais interessante é que o medo que eu senti do Gatto e ele de mim, transformou-se num enamoramento elegante. Ele me olha, e se vai. Não se fixa. E me olha. Seu olhar nada pede, pois quando algo quer, vem nas minhas pernas e gentilmente enrosca sua cabeça, roça seu rabo. E quando é de comida que ele precisa, vai até a porta aonde esta guardada, e tenta abrir.

Uma relação. Alguém que nada pede, e quando algo quer, afirma. Seus olhos não pedem, olham. Seu modo sedutor para brincar, é disfarçado, se eu entender ótimo, se não, ele brinca sozinho, e tudo bem. Será que ele não cria expectativas?

Me perdi tentando criar uma narrativa para o Gatto.

Isso parece mais forte do que a dança das ideias que estavam circulando, e eu as flertando como uma gata. Não é a primeira vez que os gatos atravessam minha vida. O primeiro deles eu estava a aprender as letras, a chamada alfabetização. Tentei me relacionar como se um cão ele fosse. Para minha decepção, ele não aceitou. Me arranhou. Fugiu de mim. Ao ponto que assumi para os adultos: não gosto mais dele. E sem dó nem piedade, o devolvi. Mas ao voltar para casa, uma lágrima me acompanhou, pois havia uma dúvida: poderia ser diferente?

Mas crianças tendem a ser atropeladas em seu próprio tempo, pois os adultos os delimitam. Não estava pronta para aquela relação, mas a queria, como é difícil se relacionar com a diferença, o diferente. precisava de mais tempo.

Quero continuar onde estou, mas a mente coerente de adulto me diz que o frio esta a aumentar, os dedos já pálidos. E agora o que faço: sigo o adulto, ou aqui continuo na descoberta de dedos congelados diante do teclado?

As luzes da cidade se acendem, agora é aquela hora que a noite ainda não é total, nem o dia existe mais. Um entre. Tons de azul e rosa, o amarelo das luzes. Uma beleza urbana atravessada pela grandiosidade do rio.

Meus antepassados sempre viveram em terras frias, na serra um tanto longe do mar, mas rodeada pelo rio. Interessante que somente agora me dei conta dessa informação. Vim eu para além-mar tentar repousar meus dedos no teclado, minhas mãos nas folhas... e assim dar passagem para essa escrita que estava em regurgito. Justificativa? Jamais. Outra informação. Meus pés me trouxeram. Na falta de medo para outro passo. Na certeza de muitos passos seguidos pelos pés. P É S . neles confiei. A eles entreguei o caminhar. No dia marcado do voo, minha atual cidade ficou alagada, durou pouco a chuva derramada dos céus. O suficiente para que as ruas se confundirem com os rios. Amigos ficaram nervosos. Eu ouvi os pés: tudo bem. Algo me dizia ainda precisar de tempo para então voar. Aqui estou.

Do outro lado, agora mais perto das águas. Movimento constante. Pequenas ondas. Cor turva. Não sei sobre as correntezas ou marés. Creio que são conhecimentos importantes. Mas nunca achei que precisaria deles. Não até agora. Pois poderia estar falando precisamente sobre essas águas e suas forças que me encantam.

Tem algo que me seduz, meus olhos se hipnotizam. Volto ao início do movimento de desistência. Pensei em não seguir essa escrita. Deixá-la na ausência. Foi quando uma voz forte tomou conta do meu pensamento. Estava no fundo da piscina. Eu e meu medo. Não sabia se conseguiria chegar até a outra borda. Não era longe, mas parecia do outro lado do mundo. Não pensava se iria morrer, nada disso. Só precisava dos meus pés no chão, meu rosto fora d'água. Precisava dos meus lugares reconhecidos. E então, a voz gritou, você consegue. Um silêncio absoluto. O som da água é incrível. É só corpo e som. Tem materialidade o som. Ele esta em todas as células do meu corpo. Eu o atravesso. Ele é água. Ele sou eu. uma dissolução. Chego do outro lado e volto, de novo, de novo, de novo ... muitas vezes. Experimentando da dissolução. Experimentando a voz. Experimentando esse outro eu que surgiu nas águas.

Daí comecei a pensar sobre a nossa “voz”, qual voz conduz nossa narrativa? Que tom a permitimos ter? Qual força ela conduz?

Alguns me falaram não ser esquizofrênicos, outros me falaram que esse tema era casa de marimbondos. Bem, o que sei, é que temos a voz do nosso pensamento. Ela não é de outro, nem de ninguém. É sua mesma. É isso aí... seu pensamento tem voz, ele narra. Desde seus sonhos frustrados, aos amores apaixonados, os medos, as preocupações ... tudo. O pensamento não silencia um segundo. Ele até desacelera, ganha foco. Mas não para. Seu silenciar não sei se é algo possível.

Uma angústia me acompanha nas últimas horas. Uma vontade de sair por aí. Uma vontade de não sei bem o quê. Não sei. Entre subidas e descidas. Uma pausa. não sei. Há uma pressa aqui dentro que não parece deixar tempo para que as coisas criem seu próprio ritmo. Ao mesmo tempo, uma lentidão, não sei qualificar. Talvez um pouco perdida nessa coragem destemida, carregada de condições, livre de organizações. Não sei.

Meu braço dói. Digo ser pelo peso da mala. Mas algo me diz que é pela escrita represada. Últimos dias me tiraram da rotina. Me percebo cansada com isso. Um tanto saudosa do Gatto, da rotina com os meninos.

Divago no pensamento sobre o que seria saudade. Descubro-me andarilha que volta aos sítios passados. Voltei ao mercado, à padaria, às ruas. Fui redesenhando o caminho mais percorrido alguns meses atrás. Avalio se hoje volto ao bistrô que a moça contou-me sobre a história do rio Douro. Sinto que algo se digeriu essa noite.

Mesmo com o sono interrompido, uma taquicardia diferente amanheceu comigo. Senti a barriga e sua peristalse. Alguma alegria em estar na estrada. Isso é curioso, me causa espanto por mim. Estou em diferentes casas, camas que não conheço. E isso não me causa incomodo. Ao contrário. Há uma sensação de precisar conhecer essas casas, vivê-las ao meu modo. Não sinto urgência em desbravar a cidade, consumir os pontos históricos. Sinto vontade de conhecer seus mercados, suas padarias. Sentar-me próxima a rua e observar as pessoas. Não busco desnudar o lugar ou a cultura ou as pessoas. Talvez busque desnudar-me. Deixar-me a ver. Estrangeira. Por vezes confundida com alguma nacionalidade que não a minha. Por outras, largo sorriso ao me perceberem brasileira. Desta vez com a cabeça a mostra, essa confusão esta por acontecer mais vezes. Não vejo tantas mulheres portuguesas com cabelo tão curto. Talvez seja mesmo algo do estrangeiro. E talvez daí comece outra história que ficou no passado sobre o cabelo, e a urgência em corta-lo, e o simbólico em raspa-lo. (Causar mais estranheza) Talvez isso que procurei, ou disso que fujo - da identificação que logo tenta um aprisionamento na representação.

Andei e voltei ao bistrô, infelizmente a Rosa não está. Essa sensação de não ser do lugar, mas reconhece-lo causa-me alegria. Até meu celular tem a senha da internet salva. Mas sou estrangeira, recordo-me logo dessa informação.

Desta vez estou hospedada na casa de uma senhora, uma professora de filosofia aposentada que continua trabalhando. - A casa é uma biblioteca. - O quarto um pouco pequeno para o que imaginei. O banheiro grande, bonito, muito branco e cores claras. A cozinha um pouco pequena para o tamanho do apartamento. Fui muito bem recebida, inclusive com um arroz e feijão, uma feijoada, que segundo a senhora não é como a do Brasil. Não é mesmo, mas me trouxe o sabor de casa. Casa de mãe, casa de vó, minha casa. Pois, tenho casa, várias. Já faz muitos anos que durmo em casas diferentes. No

caminho até aqui vim pensando sobre isso, o quanto sempre tive casas que poderia ficar, pessoas a me receber. Tenho comigo várias chaves. Tenho comigo bons amigos.

Gentilmente, a senhora me ofereceu um café com pastel de nata no melhor lugar - o Aloma, fica na esquina de sua casa, em poucos minutos de conversa, ela me diz: Portugal vive do passado, e no Brasil se constrói um futuro. Que coisa bonita, me arrepiou. No momento fui atravessada por um pensamento:

Precisei atravessar o oceano para olhar para meu passado, precisei voltar, olhar novamente, e mesmo que ainda não saiba do que estou falando, senti isso neste instante. não posso fugir do passado, não preciso fingir que ele não existe. E daí surgem questões que não deixam de me rondar: o que é a memória, o que é narrativa, o que é o passado, o que é o futuro ... cansei das interrogações, isso mesmo, não as quero mais, pois não busco respostas, na verdade, nada busco. Sou a pesquisadora dos encontros, eles me atravessam, me levam longe, e assim construo meu percurso. Não vou guiando, sou guiada. Certa vez um amigo me disse: és uma experimentadora. Gosto da ideia, mas se ela me capturar, já a abandono no caminho.

Já não sei do que estou a falar.

Ainda me importo mais do que deveria com os julgamentos. Pois se travo meus movimentos, e quando sem nenhum olhar que possa me julgar, neles mergulho. Há alguma outra explicação?

Meu jantar chega, resolvi pedir um risoto, pois há quase um ano comecei a fazer risotos, mas me dei conta, que experimentei poucos durante a vida. E no que fiz essa semana de cogumelos com açafrão, disse que não estava perfeito. Como posso dizer isso se nem ao menos busco uma receita para acertar?!? Se são invenções, de onde sai essa ideia de perfeição?!?, deve ser do mesmo lugar que sai as travas, as contenções. Lugares ainda não desvendados. Lugares que preciso estranheirar para denunciar.

No sol, na beira do rio. Esquentou. Tanto quanto o possível. Talvez menos do que estou acostumada, mais do que tenho experimentado. Nunca me imaginei como camaleão ao sol. Ou seria lagartixa. Não lembro bem. São histórias da minha avó, contava que por causa do sangue frio do camaleão, ele ficava ao sol para se esquentar. Sol muito quente, muito mesmo, e lá estava o bichano na pedra como se nada estivesse acontecendo. Hoje aqui estou, na beira da pedra, ao sol. Sem temer os raios ultravioleta que estão invadindo minha pele, sem perder essa aventura, foi a tal vitamina d, mas desejando o esquentar. Um pouco de calor, mesmo com dedos gelados. Pele ressecada. Sem nada enxergar na tela, pois a claridade não permite. Feliz. Sem ver plenamente, sentindo abundantemente. O rosto esquenta, a pele da face já deve estar rosada. E as mãos ainda frias. Não é um calor que se produz, é um contorno que faz a pele sentir algo diferente do vento gelado. Da brisa fria. É algo diferente. São muitas coisas diferentes. Desde o clima até as convivências. Tudo são diferenças. Quando me propus essa aventura foi algo para além do já esperado, foi algo para o não esperado. Nada aqui se espera, pois nada foi planejado.

Sai de casa hoje com vontade de sentir as águas do Douro. Pelo caminho fui pensando na insanidade disso, óbvio que não deve ter uma proximidade com a água, até porque, ela esta sempre tão distante. Mas lá cheguei. Geladas águas do Douro. Uma emoção, talvez pelo encontro da água com as mãos. Talvez pela sabedoria dos pés que até lá me levaram. Fiquei um tempo a contemplar. Tanta água, tantas histórias. Nunca a mesma água, e as histórias?

Duas senhoras me olharam de longe, mas não se aproximaram. Ficaram olhando, um sorriso de canto de boca. Mas não chegaram mais próximo. Me esqueci delas, e lá continuei, sentada ao sol, próxima das águas. Sentindo o vento gelado. O voo próximo das aves. Quando resolvi voltar para a superfície, passei pelas senhoras, estavam distantes da água, mas por perto continuaram. Continuei a andar e pensar, será que elas foram até onde eu estava, será que também tocaram as águas, será...

As histórias sempre podem continuar. Ou mesmo se recuarem. Pausas ou invenções. O que vou criando, o que vai acontecendo ... tantos possíveis.

Percebi agora que o “talvez” muito se repete ao longo do texto, e não tenho dúvida que seja pela tentativa de escapar das ditas certezas. São tantas forças. Tantas nuances. Como fugir da escrita que se faz afirmativa, mas não se quer normativa? Como fugir da

narrativa que não se torne uma repetição estéril de buscas de coerência? Repetições? Aprisionamentos?

O sol já se foi. O frio aumentou. A face ainda quente. Há algo pulsando aqui. Não conseguem tornar-se palavras. Há algo que não quer se materializar.

Voltei na mesma rua que outro dia me assustou. Agora estou com meu notebook numa mesa na calçada. Uma cigarrilha, um café. E o medo que deixei em algum lugar. Parece final de tarde. Muitas coisas estão me atravessando nas últimas horas. Não sei ainda nomeá-las. Ao menos defini-las. Creio que viver é um carrossel de intensidades. emoções que vão e vem. Imaginário. Pensamentos. Sensações. Não conseguir capturá-los é uma fuga.

Um senhor me interrompeu para dizer que meu lenço estava no chão. Levei segundos para entender, então, percebo que o medo está aqui, não o deixei por aí, só não está na predominância da minha atenção.

O fato de estar noutra país me permite explorar enquanto estrangeira. Dizem que é seguro, e assim, encaro como sendo.

Essa liberdade do não saber. Volto ao ponto que estava tentando dizer. O que nos predomina e nos faz seguir ou recuar? Não sei bem quais nuances são mais claras que outras. Nem mesmo se elas existem como uma possibilidade de existência.

Carros, buzinas, muitas pessoas. Ruas movimentadas, estou num cruzamento. Vejo avenidas e ruelas. Muitos em movimento. Para onde vão? Quem irão encontrar? De quem fogem? Para quais braços querem ir?

Meus dedos voltam a querer congelar. O frio só está nas extremidades. Estou aprendendo a me agasalhar melhor. Talvez os movimentos internos voltaram a deslocar provocando algum calor.

Para qualquer direção que meus olhos seguem, só encontram árvores nuas. Belas, corajosas. Um esplendor da natureza.

Precisei estar longe para me aproximar. Mais longe do que consigo imaginar. Não são quilômetros, quicá regiões. São as tais nuances. O que não me deixa perto, o que me leva para perto. De mim, do outro. Do nós e dos nós que nos compõem.

Esse estranheirar como uma autorização para que algo escape do controle. Talvez mais que o conhecimento. Sejam as razões que se fazem imagens que de algum modo esquisito, paralisa.

Deixar a escrita sair. Sem cortes, sem moldes.

Deixar o que esta paralisado circular.

Deixar.

Aqui nessa calçada movimentada. Deixo rastros de algo que me torno a cada instante. algo que fui no minuto anterior. Algo que quero saber no próximo minuto.

Assim sem coerência. Assim com todo sentido. Assim . existo nesse agora para além do que estar por vir.

Hoje no metro viajei nas mãos. Muitas sofridas. Quase todas ressecadas. O frio é cruel. Faz sofrer as extremidades. A pele seca. Os dedos avermelhados. Sofrem. O impacto da temperatura. A dureza dos rostos carrancudos. Um grupo de jovens a falar alto, rindo de algo que só eles sabem. Me aproximo, brasileiros. Ao redor seriedade. Ganho uma flor de um senhor, pela proximidade do dia da mulher. Saio da estação e uma banda,: afirmação da democracia para as mulheres. Sigo meu caminho e encontro uma menina simpática, aqui todos chamam as mulheres de menina, o que acho graça. Então, ofereço-lhe a flor, ela agradece e sorri, passa a sorrir e conversar comigo. Me diz que nós mulheres merecemos mesmo flores, pois somos mais fortes do que dizemos que somos.

Continuo meu caminho e fico a pensar na nossa força, recorro do texto: na força da delicadeza. Me lembro das forças-mulheres que me acompanham. Emocionada. Sigo, entre nuas árvores e suas forças. Nós, forças da natureza. Sangramos,

Acordo, mas pareço dormir. Os pensamentos transitam livremente. Perco-me. Sem envolver-me no tempo do relógio, distancio-me do mundo. As coisas desaparecem e retornam vagarosamente ao campo da visão. A desconstrução da narrativa faz necessário criar outro corpo. Há leveza da insuportabilidade de seguir sem amarras. Olho para minhas mãos e há rastros do tempo que se passou. Mexo nos cabelos, e seu crescimento denuncia que o tempo passou. A intensidade dos vividos não tem quantificação em números. Esses acontecimentos intempestivos fogem do controle imaginado nas possíveis intenções. Tudo está diferente. Sem comparações. Um baú de novas recordações se inventa. O desfazimento entre ficção e realidade faz mover a tensão. Uma produção de atenção ganha consistência. Os pés como materialização dessa outra consciência, conduzem. Sem mistificações. É corpo-rific-ação. Entre significado e inventação. Outros modos de estar na vida ganham percepção. Linhas curtas. Pontos e poucas vírgulas. Um texto corrido. Um descrever de outro tempo no próprio vivido.

É uma tese? Um diário? Uma ficção?

Não importa. Da necessidade urgente de escrever outro texto. Textuantes como diria Llansol. Artista como diria Anais Nin.

Não importa. Assumi a urgência de deslocar. A não suportabilidade do mesmo tido como novidade. Da coragem enquanto ação. Do medo enquanto emoção. Não importa. A escrita enquanto excremento. É necessário dar passagem. Deixar fluir. Sair pelos poros. Não se alojar no porão das memórias. Um desafio ao próprio eu. Esvaziar-se da vaidade para ocupar-se da materialidade da criação. Eterno começo. Parecem afirmações. Mas não o são. Carregam as aberturas para qualquer fio ser puxado. Carregam intensidades não capturadas.

Gostaria de voltar em vários recortes da memória. Mas agora, no possível do pensamento, é quarta-feira. A voz narrativa tenta silenciar diante dos sons do cotidiano. A voz racional tenta fugir do sensível que cria nuance nos ouvidos. Constante tentativa. Posso querer chamar de produção da diferença. Mas prefiro deixar sem nome. É um outrar-se. Mesmo na morte da dita coerência. Um suicídio da culpa. É preciso morrer para outrar-se. Nesse não nascimento da morte. Uma criação. Uma inventação que abriga em si a morte e o nascer. Abriga em si a fuga da coerência. Torna-se um lugar sem nome no tempo da urgência. Poderia querer nomear a urgência. Mas a deixo sem explicação. [que quem até esse ponto chegou, que se faça de criador].

Na borda da loucura de Artaud. Na borda da minha loucura. Destemida nômade em linhas ziguezagueantes. Sem critério. Sem coerência. O Gatto deu um pulo para pegar a mosca.

Essa mais rápida, escapou com vida. No cano a água escorre parecendo forte. No rio há correntezas de vida e morte. Aqui, agora, o sol esquentava. Mas lá dentro o frio habita. São polaridades em constantes mudanças. São. No sentido de ser e estar. Sem fixação que as delimite inverno ou primavera. Apenas existem. Faz-se natureza não controlada. Entre minha natureza e o Fora.

Parece confuso. E assim o será. Parece confuso. E assim o faz.

Voltei ao Porto. Encontro de afetos e possíveis. Uma alegria envolve o semblante. Uma calma embala o sono. Da casa reconhecida. Dos amigos queridos. Dos sons calmos. Outro agito mexe minhas águas. Emociono. Deixo as palavras ganharem ritmo. Assim como as águas não controladas do Douro. Do intempestivo da vida. Do trágico da morte. Assim o faz.

Há uma magia que envolve a todos, e por alguma nebulosidade, não esta a me afetar. Ando mesmo na chuva e os pingos não me molham. Coisas acontecem que não sei ou entendo. Caminho por muitos lugares que não sei, e depois, chego ao lugar que deveria estar. Alguns dirão coincidências, eu estou querendo dizer, alguma outra coisa.

Estou aqui, pensando em estar em outro lugar. Estou aqui, a mente longe. Estou aqui, mas não estou.

Passa uma moça na calçada que se parece com uma manequim de vitrine. Até seus cabelos parecem peruca, mas não são. Também passa um homem com seu cão. Sinto saudades do Gatto. Sinto saudades da Melissa.

Os animais são companheiros delicados. Há uma sabedoria na aproximação que me encanta. Há também um tanto de desconhecido, pois não falam se ocupam da ação.

É isso: aqui tem muito concreto. Falta-me afetos que só sinto. Há natureza, mas não há contato. Hoje mais que ontem. Há gentes de todos os tipos. Há todos os tipos de gente. Há muitas coisas. Pouco contato. Por mais que seja o lugar onde mais pessoas encontrei. Poucos contatos.

Hoje fiz um contato, uma moça da editora. Ouviu-me pacientemente. Com uma delicadeza que me fez falar tanto quanto com uma velha conhecida. Nos vimos duas vezes na vida. Um bom encontro que reverberou afetos.

Falei sobre minha tese, contei sobre minha defesa de mestrado. Falei, falei um monte. E agora, pareço vazia. O fato de falar desses processos não é fácil, pois me parecem desnecessários. Depois que falo, escuto que não são desnecessários. Mas prefiro com eles caminhar em silêncio. Não os fico lembrando, ou pensando. Vivo-os e sigo. E agora, ter que estar a escrever sobre os processos, os caminhos. Torna-se um tanto quanto difícil.

Talvez deste ponto surja o corte. Pois em algum lugar não reconheço a importância, não sei bem se é isso. Talvez não seja. Pouca diferença isso faz.

Penso em comprar um relógio, mas penso que não preciso de um. Já gostei muito de relógios, tinha/tenho vários. A maioria não funciona mais, mas sinto dificuldade de jogá-los fora. Estou andando com um na bolsa, mas esse pesa, vou jogá-lo fora. Mesmo que sem vontade, é necessário fazê-lo. Tantos pesos. Não quero mais tantos assim. Continuo avaliando se compro um relógio.

Hoje voltei na mesma manicure. Foi muito divertido estar lá. Ficar com as unhas bonitas ajuda a escrever, sempre acreditei nisso, e Cecilia já me disse isso também.

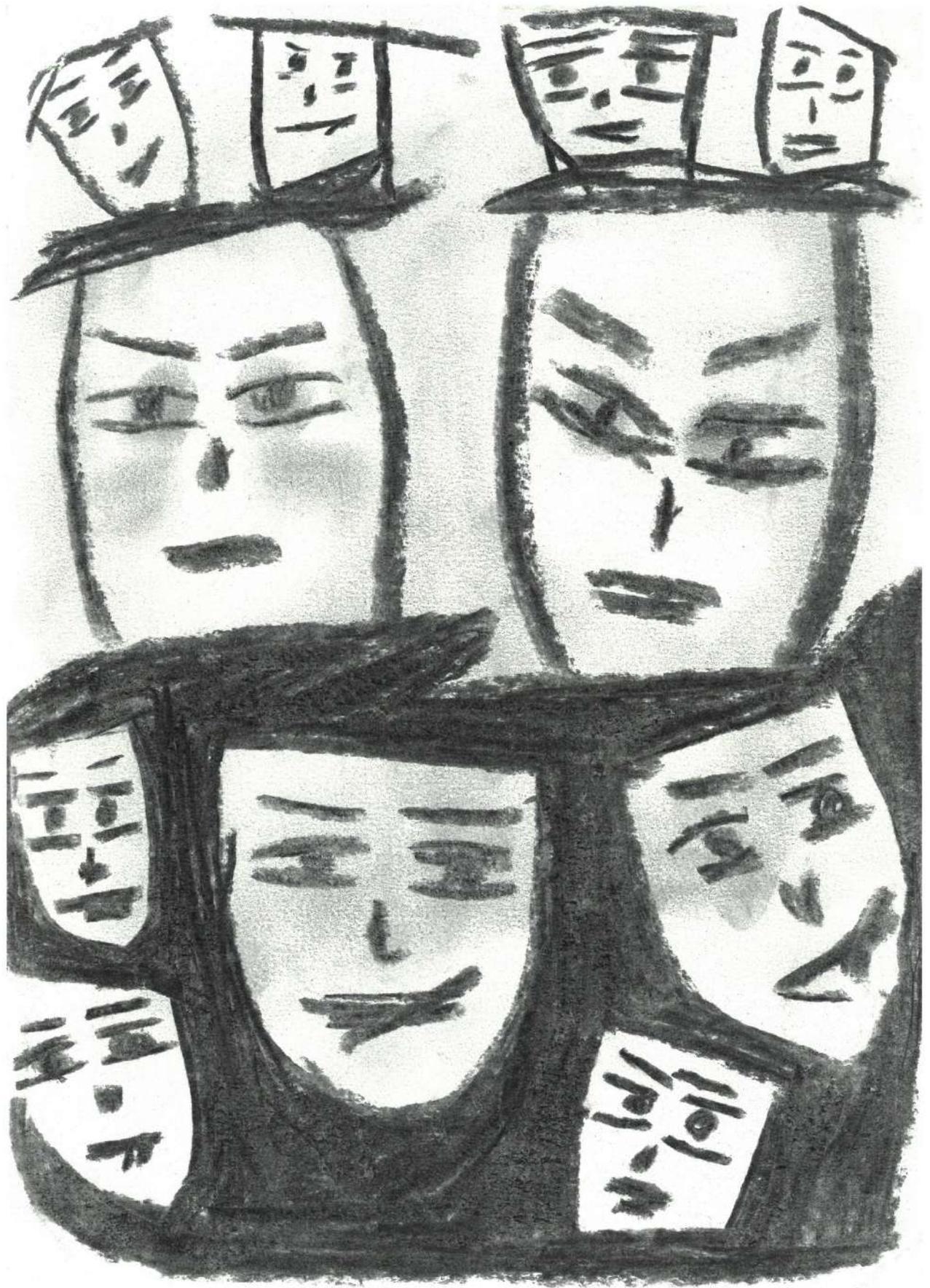
Melhor ir andando, pois há riscos do sol sumir e quero ainda um pouco de sua luz.

Estou em Santiago de Compostela. Fui à missa na catedral. Fui em homenagem aos meus afetos religiosos. Fui em homenagem as minhas corajosas vísceras que tanto sentem. Fui, estou. Estou em acordo com meu fluxo. Tentativa contínua de romper as representações. Na missa ouvi João alguma coisa, porém ouvi, sobre Maria Gabriela em meus pensamentos. Estou tentando fugir, não sei bem de que. Mas sei que acabei de desistir.

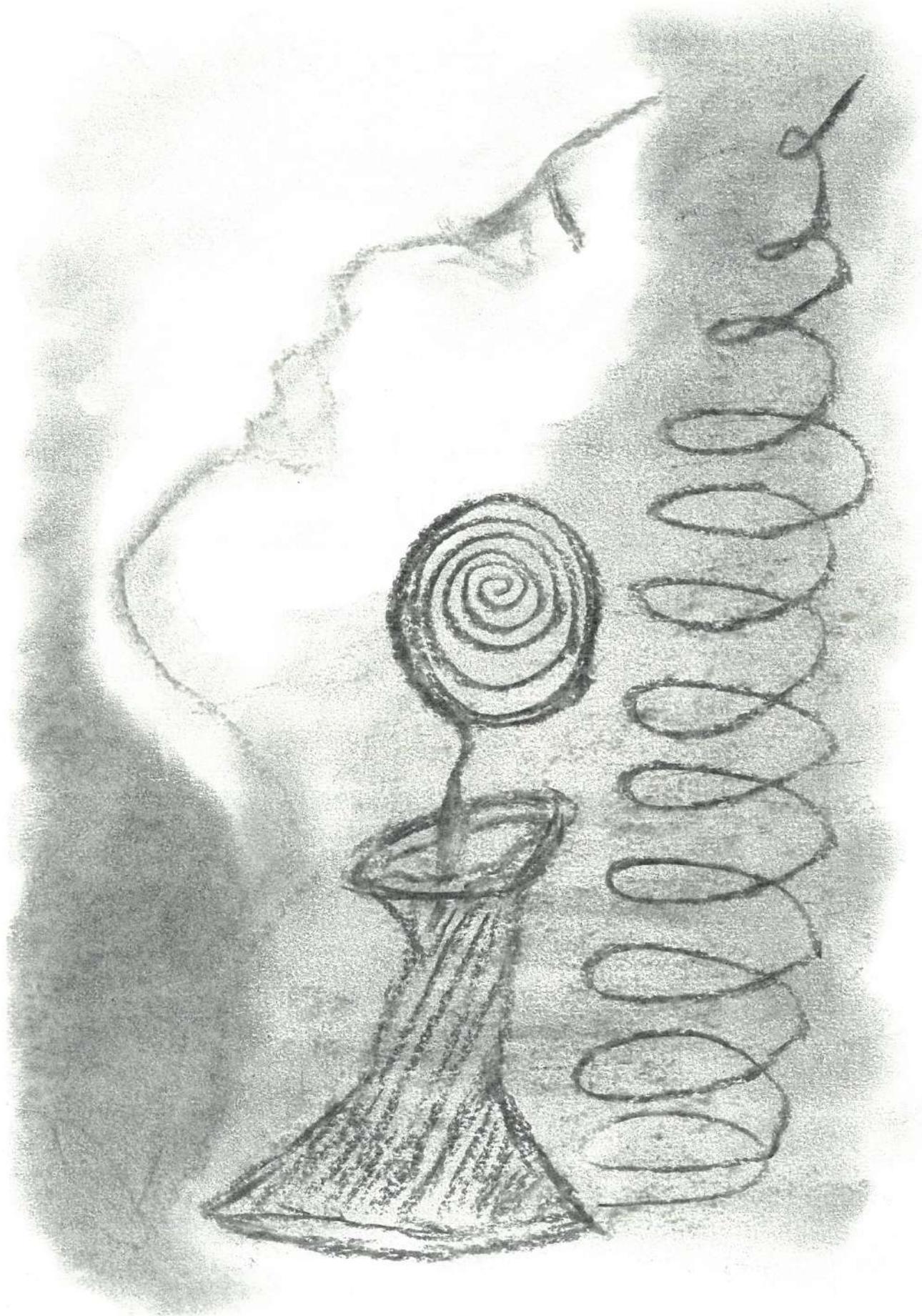
Muitos mistérios me sondaram hoje. O texto escrito não salvou, só o primeiro parágrafo que abre este texto. Fui empurrada na rua, meu pé virou no chão plano, sem nada. Fui ao chão em câmera lenta. E ao chão chegar olhei de onde vim... não havia ninguém. Do lado oposto surgiu um senhor para me levantar, não deixei, me recuperei e levantei sozinha. Olhei ao entorno e queria as ruas de Évora, mas estou em Santiago, não sei a relação entre esses lugares, mas sei do meu corpo agora. Fiquei tonta, perdida. E ao mesmo

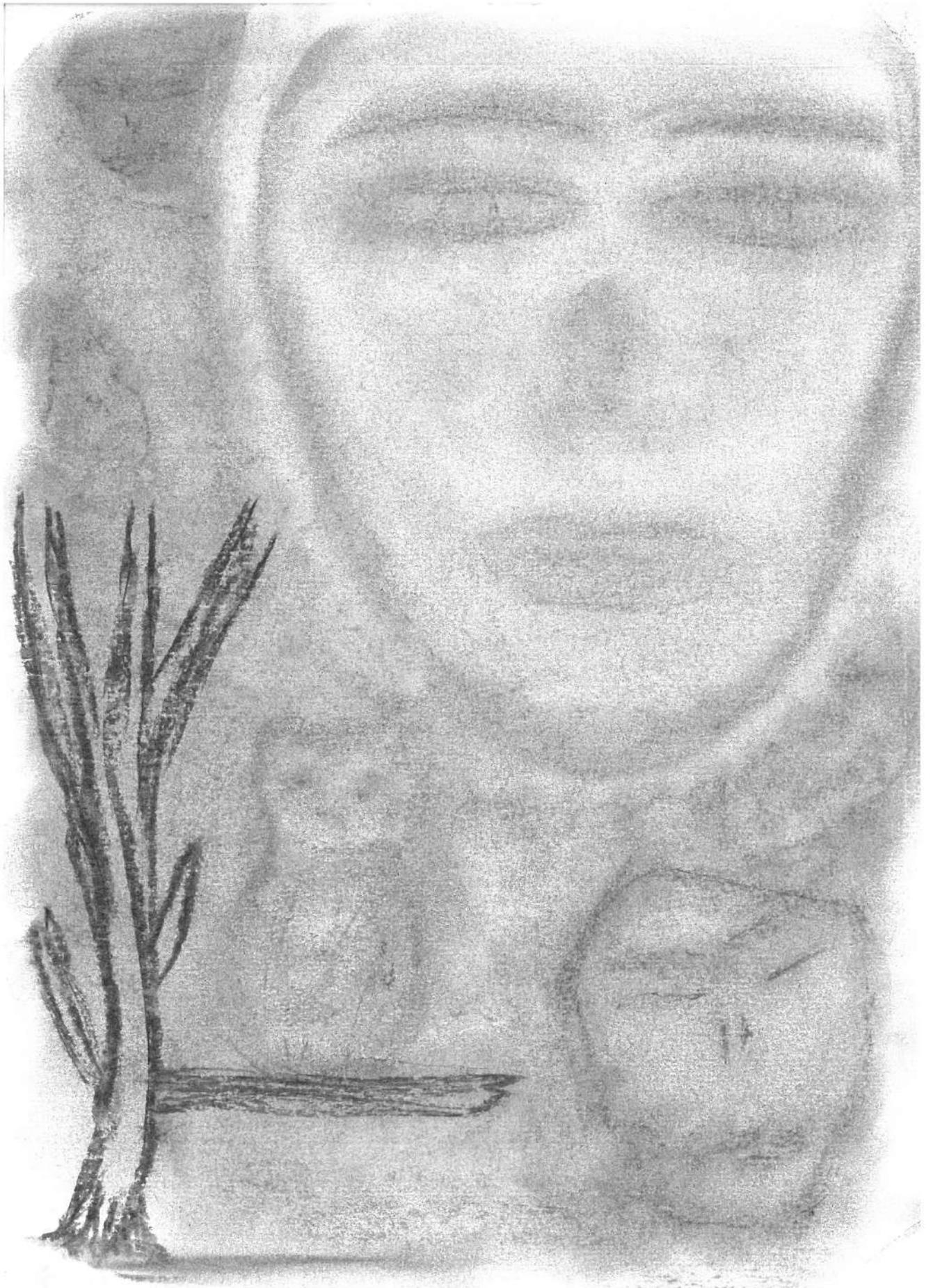
tempo não senti medo, ao contrário, meu pensamento foi me dizendo: está tudo bem. Continuei andando, sai do centro histórico da cidade. fiquei tonta. Sentei-me num café com nome relacionado aos peregrinos. Pedi um café. E fiquei respirando. Chegou um peregrino, possivelmente havia completado o seu percurso. Pediu uma dose de whisky. E pensei em lavar minhas mãos, estava um pouco ralada do tombo. Mas o rapaz foi para o banheiro, resolvi sair. Segui meu caminho para um museu. Meu dia seguiu bem. Mas continuei a pensar – que coisas esquisitas! Conversei com amigos, cada um com suas versões. Lembrei que escrevi, e fui olhar o texto, e o susto, que me trouxe para essas linhas de agora. Nada salvou, quase nada. E começo a pensar que o instante de agora carrega gotículas de outros tantos tempos. Sem metafísicas. Afirmando a imanência. Meu corpo-poroso entrou em contato com tantas sutilezas que não há recursos linguísticos para delas e por elas dar palavras. Fico rondando o surreal, mistério... quando o que há, são células em afetação, um corpo sensível. E há uma não-língua pronta para ficar traduzindo qualquer coisa. E não é disso que se trata essa pesquisa. Não tem que traduzir. Não tem que explicar. Menos ainda é ter que ter coerência. Como dar passagem, deixar passar tantas informações para escolher as que me interessam... o texto que não salvou tinha vividos, não voltarei neles, não os registrei na memória, só em letras que foram apagadas pela virtualidade. Há o registro do corpo aquecendo com a taça do vinho tinto local, uma qualidade “crianza” que imaginei ser algo jovem, mas não, é um vinho envelhecido no mínimo por 24 meses, e depois de 6 a 12 meses em barris de carvalho, segundo a legislação espanhola. E ao buscar o significado descobro que em espanhol “crianza” quer dizer “criação”. E agora, já refeita, ou melhor, já protegida num lugar com porta e janela fechadas. Entrego-me aos mistérios, pois eles não precisam de portas e janelas, mas eu sim. Então a pergunta de por que me desloquei para outro país, uma cidade de peregrinos, começa a fazer sentido. Precisei deslocar os pensamentos. Não tenho mais tempo para deles ficar fugindo. Não tenho mais corpo para não assumir meus vividos.

Sim, tenho uma avó católica e rezadeira. Tenho uma história de muito trabalho e abandono. Tenho muitas coisas e tenho quase nada. Sim, pouca coerência é o que tenho. E alguma consistência é o que busco.













BLOCO CEM

Oiraid

Precisei subir a serra, ir longe para perto sentir. Precisei. Não sei bem de quê, mas há algo acontecendo num tempo que não reconheço o ritmo. Há novidades. Há novas idades. Entre lençóis e descobertas, alguns suspiros.

Quando penso saber reconhecer onde estou, me surpreendo num novo lugar, outras intensidades. Uma amorosidade me envolve. Uma coragem me conduz. Uma ousadia me habita. Diante da vida, a afirmo com alegria.

Sem dramas e confusões. Há vida se desenhando entre possíveis, no agora. Sem antes ou depois. No afirmar dos passos que se firmam diante do chão que se faz terra. Essa força da fêmea que entre seus ciclos e rebolados, se deixar conduzir pelas artes do amar.

31 de julho/2022.

Lá fora alguns miados, latidos, até mesmo choro de bebê. Aqui um silêncio, uma calma, escondendo ondas grandes, agitadas, mar revolto.

Entre agora e daqui a pouco, , como num filme que surge um comercial. Estava lá e aqui, talvez em nenhum lugar. Era somente um disfarce. Do outro, de mim. Era. Apenas alguma coisa que não tem nome. Uma palavra morta antes de nascer.

Entre a morte e a vida, um tempo se desenha. Pontilhados. Gostaria de pouco mais, pouco menos. Gostaria. Na finitude do pensamento que acontece num espirro, volto ao instante da morte, recordo-me que ainda estou viva.

Assim, sem sentido. Criando sentidos. Existo. Na sombra da lucidez que como raio me atinge. Finjo não ser.

18 de maio/2022.

Algo travou. Entre o digerir e filtrar. Mover e respirar. Pensar.

Algo travou. Como pausa entre o agora e o daqui a pouco. Tempo.

Algo travou. Na força dos afetos que evita o deslocamento. Agir.

Assim, em desconexão com a própria necessidade, algo travou. Em pensamento nada há de causa, em sensação só há afetos. Sem causa ou efeito, são movimentos. Precisamos de tempo, digerir leva tempo. Preciso, precisamos. Um pouco de calma, por favor. Sem temor. Outro tempo se faz necessário em nós. Em mim. Não porque querem, tenho quê. Não porque dizem, tenho quê. Pra quê?

Esta frio fora, esta frio dentro. Ondas de arrepio invadem a pele, contraem os músculos, contraem as vísceras. Desesperador se torna a sensação de colapso. Parece medo, pavor. Pode ser frio. Pode ser tantas coisas sem nomes, sem imagens, sem ...

06 de novembro/2022.

Um momento
silêncio.
algum longínquo lugar.

ainda não consigo falar. Preciso de mais um pouco de
Mais um pouco.
A voz embarcou para

08 de outubro/2022.

Não sei o que defino como o que estou sentido. “Não sei” é uma definição. Porque há muitas coisas por fazer, mas uma lentidão me habita como urgência. Talvez alguns poderiam chamar de procrastinação, mas prefiro entender: qual micro regulação meu corpo esta precisando diante de tantas intensidades afirmadas enquanto forças de movimento?

Coisas burocráticas gritam por minha atenção. E as vísceras inchadas pedem alimento e repouso. A pele ressecou, as mãos parecem ásperas. Os olhos lacrimejam alegria. Na cabeça oca nenhum foco se estabelece.

Gostaria de um preparo na beira do rio ao entorno da mata. Gostaria de muitas coisas. cada dia vou descobrindo que os rituais se desfazem, e acabo por entrar em outros,. vou rompendo com o imaginário na produção da imanência que evoca a urgência da presença.

Preciso estar longe. Essa afirmação se repete mantricamente nos meus dias. Talvez meses. Não sei precisar cronologicamente. A força que desvia meu olhar da proximidade, é a mesma que lança meu olhar além mar. Sem tato com o horizonte, há cantos (talvez de sereias) que para longe fazem meus pés desejarem seguir. Cantos obscuros no pensar que deixam nebulosa a tradução do estar.

Assim, sem garantias, quiçá explicações. Navego. Talvez mares nunca antes navegados. Talvez penumbra do desfazer-se que em águas profundas tornam-se cores inventadas.

22 de janeiro/2023.

Hoje. Cheguei num outro lugar. Não consigo descrever com palavras o que estou a sentir. Mas sinto que muito esta por vir. Esse movimento de saída do lugar conhecido, dos asseguramentos. Colocar-se em movimento com o devir. Me lembro do Deleuze que não saia de casa para não espantar o devir, já eu, coloco-me em movimento para caminhar junto ao devir. Isso talvez não faça sentido, mas nesse instante, faz no que sinto. Porque de algum modo preciso do movimento. Posso escrever várias explicações, mas o verdadeiro, é que não há explicação.

Primeiro dia do ano, meus pés ao se encontrarem com o chão, paralisam. A dor não permite um passo a diante, dói, a angústia faz aumentar as sensações.

Algo parece que ainda não deslocou. Talvez. Deixar o corpo guiar os passos, fez com que a dor ganhasse outros sentidos.

10 de fevereiro/2023.

Do outro lado, agora mais perto das águas. Movimento constante. Pequenas ondas. Cor turva. Não sei sobre as correntezas ou marés. Creio que são conhecimentos importantes. Mas nunca achei que precisaria deles. Não até agora. Pois poderia estar falando precisamente sobre essas águas e suas forças que me encantam.

17 de fevereiro/2023.

O que me trouxe aqui? Faz alguns dias que durmo e acordo com essa indagação. Não busco por justificativas. Creio que nem esteja a buscar alguma coisa. Mais como um enredo, uma tentativa do hábito da narrativa. Então, vou me dando conta que o que me trouxe é exatamente a tentativa de fugir da narrativa.

13 de março/2023.

Começo a perguntar para diferentes pessoas sobre as histórias do Rio Douro e do Rio Tejo. Envolver vários nessa busca não definida. Me atento que talvez não precise de informações, mas precise, da coragem de criar. Inventar o que sinto como uma narrativa, quiçá uma lenda... ou como será mesmo, uma ficção.

Aqui cheguei, e logo sai andando, andei até as margens do Rio Tejo. No caminho pensava no Rio Douro, na escrita, no Rio Macaé, no Rio São Francisco, no Rio São Pedro. Fico a pensar sobre a força das águas, suas diferenças, nenhum desses rios se parecem. Mas creio que todos têm características comuns de um rio, além da água.

20 de março/2023.

Andei, andei. Por vezes pensei sentar. Desisti. Andei mais. Senti os pés doloridos. O corpo transpirando. E a mente aquietou. Precisei desse esvaziar, que no momento, chamo organizar.

Afirmar uma escrita que percorra os caminhos das vísceras é difícil. Sempre parece que estou a começar. E junto, o medo de não ser por aí. Hoje levei Artaud na mochila. Precisava com ele estar. Poucas linhas consegui ler, não são as linhas, é a companhia.

06 de abril/2023.

Domingo de sol quente. Pessoas falantes. Muita gente nas ruas. A primavera chegou. Com ela mais movimentos. As árvores estão começando a se cobrir novamente. O dia foi de deslocamentos nos tempos, nos sítios.

Os últimos dias foram de muitas subidas, escadas, descidas. Muitos afetos circulantes. Muitos encontros das histórias nas histórias de cada um. Fico a pensar como nós temos histórias. E muitas das vezes abandona-las se faz necessário para que outras histórias se inventem. Andando por essas imensas construções, onipotentes em suas importâncias e arquitetura, alguns incômodos perseguiram meus passos.

Paredes altas. Muitos mármore. Branco. Grandezas. Madeira maciça. Ar frio preenchendo os espaços. Cheiro de mofo. Há valores. Há poderes. Há coisas interessantes. Há incômodos também. Não quero neles mergulhar. Mas eles apontam que outras direções desenham meus caminhos.

Reconhecer que posso transitar por muitos lugares, é um modo de alegria, que faz-se liberdade em compartilhamentos. Por momentos saber disso é bom, em outros assustador.

Dou-me conta que estou tentando fazer um diário. Que seria um revistar no sentir dos últimos vividos. Mas creio que não seja essa minha tarefa. Muito menos meu objetivo. E por quais razões esse movimento me captura sem que perceba sua força e intenção?. Deixo-me a deriva. Permito que isso aconteça. E quando tento controlar essas forças com as direções: é uma tese. Uma pesquisa. não pode ser assim. Estou perdida. Desiste logo disso. Percebo que tenho uma fala tímida, a voz pra dentro. Encabulada ou mesmo não assertiva. Sempre são desconhecidos. Nomes estranho. Nada disso faz sentido.

Quando com Artaud defino minha parceria. É com a minoria que uno forças. Com os malditos que estabeleço profunda relação. Com o rompimento dos julgamentos morais que quero caminhar. Hoje senti isso ao caminhar pela universidade de Coimbra. Gosto de pensar, não de capturar meu pensamento. Produzir teorias. Confirmar teorias. Defender.... uma falta de ar me percorre.

Não quero essas delimitações. Esse conflito ainda me ronda. Essas ideias ainda travam meus pensamentos. Sinto sono. Não como descanso ou sinais de cansaço. Mas como uma fuga declarada.

É isso. Me travei, por ter questionado tudo o que sinto. Os valores que pretendo dar passagens. Tudo confuso. Chega por esse instante.

16 de abril/2023.

Ouço as vozes ao longe, manda pra lá, manda pra cá, solta, prende, esse vai, essa marca... são bezerros? Pessoas? É macho. É fêmea. A mãe é aquela ali, o pai talvez aquele, mas pode ser aquele outro.

Procuro uma sombra, distante o suficiente para ouvir. Escondo dos olhos a cena, mas aos ouvidos e olfato, não consigo esconder. O cheiro é do couro queimado, os sons dos berros e choros. A ação é para o bem. Mas a invenção disso tudo é a manutenção da vida nesse sistema.

A impossibilidade da natureza diante da cultura. A impossibilidade.

No chão as marcas das pisadas, passos sem coreografia. O sol faz lastros tipo mosaico. A paisagem escapa aos sentidos. Longe a imaginação tenta criar história, mas as vísceras em repulsa retornam ao acontecido.

Vozes longes. Alguns pássaros. Latidos dos cães à espreita. Alguns cantos de galinhas a botar seus ovos. Não há vento, as folhas em silêncio. O sol menos quente, já é outono. Não sinto calor ou frio, estou amena. Diante da cena só sinto o que não tem nome.

Silêncio o pensamento. Mas a bezerra mantém o berro. Dor e susto, o medo do homem, o bípede, também mamífero.

Esses conceitos perambulam em minhas ideias. Não os quero pesquisar ainda. Como humana, mamífera, bípede, mulher tento algo dizer.

Isso é muito difícil. Parece que não posso. Essas ditas verdades me identificam, ao mesmo tempo me aprisionam.

Lembro da vaca defendendo sua cria, lembro do bezerro brincando com as galinhas. Lembro que tenho muitas memórias, nem sei todas que me habitam.

Me emociono.

Vejo um beija-flor, mesmo na cidade vez ou outra, vejo um. É lindo a leveza de seu existir. Uma coreografia da leveza. Lembro do Butoh. O peso da morte na leveza da dança. O micro movimento que faz o pé existir, o micro que move o macro. Um gesto. Um desenho no ar, uma emoção no instante.

Volto ao lugar que estou. Tudo se mantém como antes. No mesmo lugar viajo para muito distante. Não suporto o lugar de agora.

Devia ser um bebê, ou antes disso. Sonhava com algo sem nome, era confortável, amoroso, algo tranquilo, bom de querer, bom de viver. Talvez fosse meu sonho do que seria a vida.

O real e o sonho se tornam estranhos.

Volto de onde parei, era a tentativa de pensar o existir mulher. Percebo que não consegui. Esse lugar criador - dele não consigo falar. silêncio.

Elas berram. Ser fêmea tem suas dores. Mesmo em diferentes espécies. Será que isso faz diferença? Uma questão de gênero ou natureza? Que será essa tal natureza?

Diante dos conflitos culturais há muitas diferenças. Bezerras berram - são vacinadas e marcadas. Para seu bem, assim é dito. Para que possam procriar. Todos choram quando marcados, o cheiro do couro queimado sinaliza a propriedade.

As bezerras choram e berram alto, são marcadas na cara, sinal de proteção contra a bactéria que as poderão tornar inférteis. Sofrem antes mesmo de serem desmamadas.

Ainda com suas mães já são preparadas para seguir a natureza e procriarem.

Será isso natureza? Ou nossa cultura que precisa da produção, do leite, da carne, do couro ... precisa que o ciclo continue. Não pode parar.

O bebê precisa de muitas vacinas para sobreviver. Chora, chora muito. Sente a agulhada, fica sentido. Independem do gênero, precisam das defesas para sobreviver.

Essa dita natureza que produz na fêmea dor - para reproduzir, para sobreviver, para ser uma força geradora.

Engrenagens.

O mundo em seus polos se engendra em movimentos que a cultura nomeia, qualifica.

Sem esses nomes: é fêmea é macho. Cada corpo ocupando sua diferença. O que faz essa reprodução de fragilidade diante do corpo que gera outro?

Dia incrível algo deslocou. Fui com um grupo, sua maioria de pessoas alentejanas. Fomos andar e ouvir poesia. Um ônibus que leva miúdos para a escola durante a semana. Hoje, domingo, levou adultos para próximo ao rio Guadiana. Pessoas desconhecidas, pessoas conhecidas. Eu, nunca havia visto ninguém. Se bem da verdade, nem sabia a razão para ali estar. Aqui mudou o horário, adiantou o relógio em uma hora. Amanheceu com nevoeiro. Parecia frio. Muito úmido. Fui andando para o local do encontro, próximo das piscinas públicas de Beja, e pensando, o que vou a fazer, melhor seria ficar a estudar, escrever ... os pés foram mais rápidos que o pensamento. Cheguei ao lugar. Pessoas sorrindo mesmo com aquele nevoeiro. Logo, já não havia espaço para voltar para o hotel. O corpo estava ali. A atenção ficou flutuando por muito tempo. Os pés firmes não duvidavam de seus passos. Muitos passos, andamos muito. Uma vegetação diferente. Clima diferente. Muitas pessoas. Muitos risos, muitas conversas. As poesias eram narradas com alguma introdução, cuidadosamente explicada, um contexto existia. Esse trabalho foi planejado com cuidado. Havia um cão acompanhando seus donos. Havia idosos, uma criança. Homens e mulheres. Um grupo colorido. Bom humor circulava por todos. Conforme fomos andando e a poesia sendo declamada. Fui me afastando dos pensamentos. Por vezes as vozes eram demais. Queria o som da natureza. Agora estou tentando digerir em palavras.

A noite chegou, mesmo ainda sendo luz do dia. Nesse lugar que muitos afetos encontrei, há tensão. Meu corpo sentiu a vulnerabilidade da estrangeira, mulher, sozinha. Andei por vários restaurantes para tentar jantar. Todos diziam não ter lugar, era necessário reservas, mesmo olhando as mesas vazias. No momento não fiquei nas informações, sai a criar soluções, e num lugar cheguei mudando a abordagem:

- tens mesa?

- várias, apontou o garçom.

- então, por favor, uma cadeira para me sentar.,

o garçom ficou rindo, tirou a plaquinha de reservado, e me convidou a sentar.

Comida deliciosa. Na volta para o hotel. Ruas vazias. Ruas estreitas, todas em pedras. Casas antigas. Tudo muito antigo. Conheço a Rosa, uma típica alentejana (aprendi isso com ela). Numa longa conversa recheada de lembranças, vídeos e fotos, ela foi me apresentando essa vida sofrida, e ao mesmo tempo, muito nutrida pelas relações dos alentejanos. Falamos sobre ancestralidade. Lembramos nossas avós. Falamos da natureza e sua força decisiva sobre nossas vidas. Nos emocionamos. A Rosa deixou as lágrimas banharem seu rosto. Eu deixei que o sorriso mudasse o contorno do meu.

Uma das noites de sono mais tranquilo nesses meses. Acordei com o despertador. Não recordo dos sonhos. Amanheci inteira.

Há uma dureza me capturando. Não consigo defini-la, mas sei que tem relação com a cidade. Outro ritmo, uma correria. Algo acelerado. Identifico diferenças, incluindo o cansaço. Olhares duros, sem sorrisos. Pingos de chuva. Menos frio. Há algo nublado em mim, talvez não o clima. Há algo sem nome. Há. Entre ontem e hoje, pouco deslocou. Muito mudou com o clima, as horas. Mas há algo fixo. Há.

Os pés reclamaram. Comprei tênis novo. Um resgate da juventude. Uma aposta em algum outro estilo. Conforto sempre é uma prioridade, então, não é essa a necessidade. Ainda sem nome. Talvez só uma mudança.

Estou a comer um bolinho ruim. Não se definiu entre doce ou salgado. O atendente mal humorado, não me quis repetir o nome. Acabei aceitando o que não era entendido. E o paladar estava certo, não é bom. A fome continua. Os pingos de chuva aumentam. Talvez deva voltar para casa. O tênis novo, irá se molhar. Não tenho guarda-chuvas. Poderia tomar um banho de chuva, já que os ralos da casa parecem sem urgência para que o banho se prolongue. Algo me convida para ir andar. Preciso ressaltar: o café esta ótimo, forte como aprecio. A moça na sapataria não conseguiu entender minhas dores, até quando lhe disse, meus pés são especiais. Algo a fez entender, não sei o que, mas algo ali mudou.

Penso nas fantasias que as pessoas guardam, nos escutam e traduzem em suas fantasias. Penso que a comunicação sempre falha. Ou mesmo é falha. Não produz o que deseja, nem colhe o que intenciona.

Dorme em mim algo reativo, uma vontade felina de rugir para o outro, virar as costas e sair. Sem uma palavra. Uma expressão. Um nada. Apenas sair.

De modo sábio dizer ao outro o que não pode ser dito. Inclusive, porque não o quero dizer. Há uma cansaça das pessoas. Esse excesso de justificativas, queixas. Pouca afirmação do que querem. Uma produção de confusão sem razão. E há quem diga que são só questões da linguagem.

Um ritmo esta me escapando. Não é o da cidade, nem o meu. É o da escrita. Há uma emoção sem deixa-la escapar. E há algum medo desse escape. Há.

Esse verbo me acompanhando, tentando com ele criar um gerúndio. Mas ao escapar, escapa a chance de inventar com. A chuva aumenta, devo mesmo ir andando.

São as águas dos céus me levando.

Mais uma razão para parar. Intervalo. Interrupção.

Esta difícil ir embora. Há um não querer voltar para tudo que há. Vontade de quero mais, algo mais. Não há tradução suficiente para tais inquietações. São sensações que não estão dando descanso hoje.

Mas bem, aqui estou. Peso da Régua.

Entre ladeiras, videiras e o rio Douro. Um querer entre muitos quereres.

Dou-me conta que estou a tentar escapar da escrita que quer rasgar. Ou mesmo me proteger da vida que quer acontecer violentamente sem meu controle.

Ilusão achar que há controle de alguma coisa. Mas assim sigo, na enganação própria.

Estou bebendo o vinho “quebra cabeças”, não sei das titulações dele, mas sei que preciso quebrar minha cabeça. Como deixar experimentar o corpo em suas forças?

Volto a pensar: o que é o corpo sem órgãos? Essa pergunta sempre atravessa na busca de algum entendimento, e cada vez mais não sei explicar (nem o quero saber), pois é uma experimentação. Tantos já o disseram, mas continuamos a querer o entendimento. Algo que consigamos simplificar para dizer “é isto”.

Não há o isto. Pois há o que há.

*

Diante da imensidão do rio Douro, e o medo ou respeito que causa, não sei bem. Tentei um sitio que pudesse molhar meus pés. As muitas pessoas que perguntei, todas dizem ser muito perigoso. Não há uma região preparada para que as pessoas possam se aproximar das águas. Esse desconhecido tão conhecido. Sua força e mistério.

Ao conversar com uma jovem mulher que aqui vive, me percebo muito distante das tradições. Essa manutenção causa-me desconforto. Um aprisionamento em nome de algo que não me faz sentido. Não sei se há nomes para tal prisão.

Venta, venta muito. As águas do rio chegam a produzir pequeninas ondas. Sinto-me atraída pelo mistério. Pelo desconhecido de profundos olhos. Esse espelho que reflete muitos brilhos. Diz-me palavras doces. Ideias revolucionárias. Um jogo se faz. Ainda não sei como portar-me diante dos lances. Mas sinto vontade de mergulhar mais fundo. Muitos dizem que já levou alguns, a morte como única garantia. O que guardas de segredos? Mistérios? Sabedorias? Com essa força não podemos ... ou a tradição não nos faz tentar algo mais? Seria a natureza algo tão distante, ou saberes que desconhecemos como obediência ao que nos foi dito.

Ousar. Palavra-verbo que me ronda nesse amanhecer.

Se não fores capaz de forjar novos modos de tua própria existência, do quê então serás capaz?

Algo de coragem me atravessa a cada dia mais um pouco. Mesmo nessa ventania. Meu corpo não pensa em passos recuar. Há um convite para um jogo. Entre lá e acolá. E aqui, como dizem, “ a cá”, sempre um outro passo pergunta: o que há?

Lembro-me que faz alguns anos que escrevi um texto sobre o que “há”, não o recordo, pois quando deixo as palavras escritas, delas não me lembro mais. Abandono-as a sorte da deriva, sigo na inquietação das outras em ruminação. Assim, não tem interrupção. Algo não para, assim como a correnteza dessas águas.

Tento conter o fluxo. Adoeço. Tento fingir que nada sinto, acontece. Até a impossibilidade, pois um grito emerge. Como dor, sangue, excremento. Como morte anunciada da palavra silenciada.

Se palavras estão entre o sentir, pensar e agir. É corpo. Corpo carregado de significados. Controlado pela linguagem. Obedecem algumas normas e regras. Buscam a todo custo o entendimento. E em sua ausência? Sem as palavras?

Como deparar-se com a folha em vazio e suportar com ela encontrar?

Não há mais volta para meus caminhos. Apenas um passo cada vez mais longe. Gostaria de voltar tristezinha - o lamento do drama das narrativas. Mas não há possível espaço para tal acabrunhamento. Não há espaço que contraia a expansão.

Volto-me as águas profundas do rio. Delas alguma coisa me provoca. Seja o mistério ou a soberania. Sem palavras. Sigo. Quero esse mistério que se anuncia.

Quero. Outro verbo que se anuncia. Entre idas e vindas rompendo com o estabelecido.

Aqui tão perto e tão longe. Entre farpas do passado e deslumbres do futuro. Ocupando a insignificância do agora. Existo. Sem intervalos para fantasias. Atenção em cada passo. A tensão deixei em outro sitio. Quero estar preenchida nessa carne que me abriga. Nem sagrado. Nem profano. Apenas humano.

Outro território. Bom para perceber diferenças. E para reconhecer o que se mantém. Não tenho dúvidas sobre a necessidade de deslocamento. Olhar a estrada e nela estar foi alegria. Meus pés são andarilhos. Querem sempre mais um passo. E por andarilhos serem, gostam de voltar os caminhos. Ter para onde voltar. Talvez como um modo de poder ir. Não é um andar sem direção. É sobre encontrar direções, e ainda assim, ter outras direções para retornar. Digo isso, porque mesmo num novo lugar, retorno aos lugares que descobri. Repito os restaurantes, os cafés, fico íntima dos mercados próximos.

Olho para janela ao qual estou próxima, e na vizinhança há uma casa abandonada. Antiga, uma construção muito antiga. Algumas partes já desabaram, mas a maior parte não. Viajo na invenção sobre o que se terá passado naquela casa. No jardim há uma árvore nua, e outra cheia de frutos. Será que os donos morreram sem deixar herdeiros, ou será que tanto brigam pela herança que nada fazem, ou ... têm muitos ou(s). Inclusive empreendimento imobiliário. A nova construção deve estar por vir.

Gosto da ideia de pensar que ali viveram duas pessoas que muito se amaram. Discutiam vez por outra, por coisas do cotidiano. Mas logo, conseguiam uma solução. Mantinham suas diferenças, isso nutria o amor. Acho que hoje amanheci romântica. Ou é a paisagem que esta despertando um olhar mais amoroso. E penso, como é difícil não ser clichê ao pensar nos amores. E, lembro-me do poeta que dizia do ridículo das cartas de amor. E então, fico a me perguntar: como é difícil autorizar-me ao ridículo?!?

Talvez sendo mais generosa, o ridículo esteja no romantismo, que baseado no social, cria distancias do real.

Será que o pavão sente-se ridículo ao abrir seu leque de penas em busca da pavoá?, o que fizeram com nossas expressões?, essa pergunta me atravessa. Tantas normas e condutas sociais, interpretações, nomeações., se não fosse desse modo organizado nossa sociedade, como iríamos lidar com nossas expressões?! Tantos jogos, comportamentos ..., mas o que escapa? O que exala sem que tenhamos controle, condução?

Meu olhar retorna para a casa, já estavam velhos de cabelos brancos, algumas dores nos ossos, pouca audição; mesmo com dificuldades, caminhavam ao redor, sem bengalas, era melhor apoiarem-se elegantemente de braços dados. Esse passeio se tornou sagrado, havia dias que era o único compromisso. Depois da possível caminhada, sentavam-se no lugar de sempre, apreciavam o vinho da casa e algum quitute do dia. E o melhor acontecia: conversavam, muito, sobre tudo, inclusive sobre o nada.

A escrita trava. É difícil mesmo que na invenção pensar uma cena amorosa, e não sentir todos meus questionamentos, críticas, e mesmo, a não crença que seja possível viver sem o clichê do romantismo.

Fecho o computador, e volto para a leitura matinal nesses dias em Lisboa. “Cartas de amor de Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz”, página 152:

“13-6-1920

Meu querido Bebezinho:

Hoje não recebi carta tua, mas – é claro – não me admirei, porque já sabia pela tua carta de ontem (a que me entregaste no carro) que não terias naturalmente tempo de me escrever.

Como esta carta te chega às mãos amanhã de manhã, quero mandar ao meu Bebé muitos e muitos parabéns, muitos beijinhos, e desejar que ela seja muito feliz, que muitas vezes o aniversário se repita com o Bebé sempre contente,

O engraçado era que no ano que vem *eu já te pudesse dar estes parabéns de manhã, antes de me levantar*. Percebes, Nininha?

Muitos beijos, muitíssimos do teu, muito teu

Fernando”

Deparar-me com a urgência de responder. Logo outra urgência: será necessário alguma resposta?

Essa loucura de desculpas, e ao mesmo tempo invenções que escapam a necessidade, consome minha energia, e com ela, se esvai a criatividade que se quer livre de respostas. Criatividade enquanto o movimento de criar. Uma cria. Uma atividade.

As palavras estão me escapando como o vento que tento agarrar com as mãos. Escapam. Talvez esteja tentando algo demasiado cruel - atender as obrigações com a alegria da criação. Uma impossibilidade, talvez.

Lá fora agito. A rua parece mais movimentada. Amanhã acontece os festivais do cravo¹². Celebração de quando cravos vermelhos foram colocados nas armas dos militares.

Agito das pessoas. Dos turistas. Meu agito por querer algo que não passa pelo querer.

Estou dando voltas. Voltas no mesmo lugar. As palavras perdem o sentido. Tudo deixa de ter sentido. Fato que não busco sentido.

Quero afirmar a tese com páginas vazias. Ausente de letras. Vazias de interpretações. Não consigo pensar em como romper com a representação. Estabelecer uma ruptura. Algo que faça pensar. Algo que produza algum sentir.

Dei muitas voltas, inclusive atravessei o oceano. Tentei fugir. Evitar a concretização dessa ideia.

De nada adiantou. Pois não consegui convencer-me de nenhuma outra ideia. Outro modo. Nada. Nada. Aqui continuo com a necessidade do vazio. Das páginas vazias.

Indiscutivelmente gostaria de estar escrevendo uma tese como alguns amigos. Gostaria de estar na escrita acadêmica, cercada de seus moldes. Gostaria. Mais uma vez na vida não sigo o caminho comum (não quero dizer que o comum seja fácil, de modo algum quero qualificar), digo caminho já traçado como comum, dando chance que as pessoas façam no seu caminhar modos singulares.

O que estou tentando dizer? Não sei. Talvez querendo me justificar do que não tem justificativa. Talvez querendo escapar do singular que me ocupa e move sem hesitação.

Hesitar em algo ...

Rasgar a tessitura da escrita para romper com a representação. Mais que coragem, é preciso corpo em ação. Como esvaziar-se dos órgãos para deixar espaço para que alguma outra coisa aconteça?..?

¹² Revolução dos Cravos - acontecida em 25 de abril de 1974, e sempre lembrada e festejada em Portugal.

E o médico legista, o que diria de um órgão a sua frente?

Corpo – forma – dentro/fora.?

Enquanto estiver travando a crueldade que quer escapar, tudo irá parecer sem sentido, ou tão frágil a ponto de quebrar. Ouse ouse ou use... ousar e usar.

Sobrevo o oceano, deixo minhas ideias flutuarem juntamente com as nuvens. Algo se passa que não sei identificar. Algo mudou e não consigo localizar. Muitas coisas. Talvez não as consiga nunca dizer. E mais uma vez penso, que nem sempre dizer se faz o mais importante. Essa construção narrativa de tudo, em alguns momentos, me faz pensar que muito se perde dos vividos tentando criar coerência na narrativa já existente.

Num sobressalto assusto-me com a beleza das palavras. Esse encontro de letras e significados. Esse mistério que inventamos e os modos de achar que o traduzimos. Muitos momentos de equívocos. Muitas fantasias. Outros tanto problemas pelos não entendimentos. As falhas da comunicação. Ou seria da expressão?. Será que dizemos o que queremos mesmo estar a dizer? Será que conseguimos ser sinceros com nossos eus? Ou até mesmo nessa busca desenfreada pela narrativa coerente, nos perdemos dessa multidão que nos habita, e fingimos ser um só - de preferência que se faça entender e tenha sentido (coerente).

Por que tanta implicância com a coerência? Pois, por sermos incoerentes na própria carne. Essa invenção que nossa narrativa sustenta, é caótica diante de nosso funcionamento, não tão coerente assim como queremos dizer que o é.

Há esforço nesse tentar manter-se. Sustentar o que se diz, e esconder o que se sente. Tudo fica tão complexo e distante. O que passa na minha pele. O que acontece no meu estômago. Dar outra dimensão aos órgãos. Ou seria dar outras localizações nesse corpo que habitamos e desconhecemos. Seguimos a narrativa que nos falam. Buscamos algumas teorias, comportamentos. Mas algo me inquieta, pois me parece que há algo mais, além dessa simples narrativa que localiza e direciona funções.

Teimo em obedecer essa organização ditada, pela ciência, pela cultura. Teimo em ser apenas o que me dizem que sou. Quero mais além do que dizem do meu estômago, quero mais da minha pele.

Esse somatório de forças que atuam em tantas direções. Uma engrenagem que não para. Lembra-me da correnteza do rio, essa força em fluxos que não param. Lembra-me da criança pequena que ainda teima em lutar por algo que quer, seus pulmões contribuem com total força no choro que as leva a perda do ar, e nem sempre a conquista do desejo que iniciou toda essa força.

Essa força com forma e contorno. Essas forças com formas e contornos. O que faz pulsar para além do pensamento? O que faz seguir para além da razão?

Ouvi que se tiramos um órgão, ele é apenas um pedaço de carne, (fico pensando sobre a engrenagem), a máquina. Quantos sentidos nos ocupam. Quantos sentidos damos conta de perceber. O que chamamos sentido. Tantas perguntas, que por vezes acho que já foram feitas e respondidas. Estou pela primeira vez perdida nos meus textos.

Não por não encontra-los. Mas por eles não estarei buscando ou provocando, como sempre o fizeram. Há algo que cansou-se de brigar, de tentar provocar ou questionar. Respostas, então, continuam não fazendo parte.

Qual seria a intensão de uma tese, a continuação de uma pesquisa, a vontade de escrever algo que outros avaliem para aprovar ou não. Qual o sentido disso? Um título? Um papel? Um gozo? Uma alegria? Quais sentidos se ocupam desse sentido?

Quase quatro anos se passaram, continuo sem perguntas, sem repostas. Inquietações me rondam amorosamente. Cada texto me alegra em diferentes células. Os estudos nutrem meus dias. Não me deparo com a necessidade de problematizar. Então, que faz tu num doutorado? De outro modo: qual o sentido do doutorado?

Tentei abandona-lo. Deixa-lo sem sentido. Mata-lo.

Pois, seria, seriam, melhores soluções para o problema que preciso inventar.

Viajei para longe. Do outro lado do oceano. Sitio que se fala português. Mas são muitos os portugueses que reconhecemos como português. Primeiros dias parecia que minha língua embolava, nos últimos dias novas expressões ocupavam minha fala.

Primeira experiência de viver em outro país.

Primeira experiência de muitas coisas.

Foram nove meses gestando o cabelo. Lutando contra os impulsos de encontrar-me com a tesoura. Revivendo cenas da juventude. Deparando-me com os fios brancos. Muitas vezes me olhei no espelho, e não me reconheci. Experimentei um peso diferente. Nessa jornada, há também, o doutorado. Movimentos de desistências e abandono me cercaram várias vezes. Decidi que queria deixar os cabelos crescerem para prendê-los, voltar a ter a sensação de cabelo atrás da orelha, assim como, inventei a desculpa de ver os fios brancos crescerem, pois sempre soube que o cabelo curtíssimo é minha escolha para futuros tempos.

Em dezembro pensei de tudo desistir. Fui encontrar minha bruxa das tesouras, e ela me disse: não corta, faz contato com o cabelo. Fui encontrar minha orientadora, e ela me disse: não desiste, já está aí, deixa o tempo agir. Respeitei essas amadas mulheres. Nenhuma decisão abrupta escolhi. Passei a sonhar muito, e em muitos dos sonhos minha avó estava presente. Um deles haviam números, mantive a tradição dela, joguei no bicho, eis que ganhei. Arrisquei pouquíssimo, mas o ganho foi suficiente para comprar a Malzebier que ela gostava. Brindei com ela na noite quente de uma terça-feira. Outro sonho, neste ela mostrava o preparo do bacalhau a seu modo. Poxa, pensei: que desafio!, nunca fiz bacalhau. Lá segui para comprar, pergunta para um, pergunta para outro. Dia seguinte já estava a fazer o bacalhau. Jantamos eu e vovó, mas prefiro vinho, então escolhi um blend português aromático de taninos suaves. Saboreei a invenção gastronômica e o encontro espiritual-onírico. Recordei de muitas histórias, das artimanhas que minha avó deixava escapar no seu simples viver na roça. Recordei dela e vovô - sempre os admirei - eternos namorados, com espaço para pirracinhas e ciúmes.

Era uma tarde de quarta-feira, não tive aula e fiquei com meus avós. Estavam cuidando da criação no quintal, nessa época eram patos e galinhas. Fiquei planejando no meu pensamento, que aquele seria o dia que iria fazer meu primeiro café. Fogão a lenha estava a todo vapor. Vovó sempre manteve uma panela grande com água, ela dizia que era bom uma casa ter água quente para qualquer emergência, e naquele dia havia uma, eu queria surpreendê-los com um café. Tudo estava dando certo. Já estava de pé no banco para dar altura na pia, tudo arrumado com o pó de café no coador de pano, a garrafa, água fervendo. O frio na barriga, mas decidida. Eis que pego a primeira parte da água fervente, uma emoção, coração disparado, fico um pouco indecisa. E numa distração coloco a água na jarra de vidro.

Não vi mais nada. Apenas os gritos. Já no chão, meu avô me segurando, disse: segura firme, isso é preciso. E puxa minha calça. Estava frio, era inverno. Usava uma calça preta

bem colada e quentinha. Quando olhei, a pele da minha coxa estava na calça. As lágrimas caíram, as minhas e as deles. Pedi desculpas, e ouvi deles: tudo bem, você queria fazer café. Vovô logo passou manteiga na queimadura, e disse para vovó: arruma tudo que nós vamos com eles, se irmão brigar com ela, terão de brigar com nós três. Eu não conseguia entender muito a gravidade do acontecido, mas quando percebi vovó arrumando as roupas deles, o medo ficou colado comigo. Pouco depois meu pai chega da roça: ué, por que esta vestindo a saia da sua avó? Eu levanto a saia, e antes de mais perguntas, vovô falou: foi um acidente enquanto fazia café. Meu pai deve ter percebido a aprontação, e foi direto: você explica para sua mãe.

E assim, seguimos viagem, nós três no banco de trás do carro. Eu deitada, cabeça no colo de vovó, e os pés no colo de vovô. Já estava noite, não dormi como era de costume, havia um silêncio-tenso durante toda a viagem. Chegamos. quando saímos os três do carro, mamãe logo veio: o que houve? O que houve? E o silêncio-tenso continuou. Levantei a saia para ela, mas Tática?!?, como isso aconteceu? E vovô encerra a conversa: é uma longa história, agora precisamos cuidar da queimadura.

Assim, inicio uma longa história.

Antes preciso cortar os cabelos, dar passagem para essa escrita só é possível enquanto cabeça nua. O peso dos cabelos me afasta da menina. Durante esses nove meses, me olhei várias vezes, e era minha avó que via refletida no espelho. As ondas que nasceram no meu cabelo eram como as dela. Precisei acordar essa avó em mim. Afirmar esse avô que sempre foi muito presente, e quarenta anos depois, me levou para as águas. Eis que no mergulho a tese escapa. Deixo no fundo das águas o medo, de lá volto com minhas forças em presença. **As páginas vazias são a tese. As páginas escritas são as águas.**

Um tanto estranha. Creio ser os hormônios e a lua. Nada consegui fazer que de fato achasse produtivo. Um andar pra lá e pra cá. Quase um sem sentido. Até que me dou conta do vazio. Do espaço. Do vazio.

Sinto saudade de casa. De comer um bolo com café fresquinho. Sinto saudade de algo que ainda não vivi. Sinto.

Meu corpo está pesado. Em algum lugar algo se travou. Tem excessos. Talvez não tenha nada. Talvez seja o hábito de achar que algo falta ou algo pesa. Esses binários que teimam insistir no pensamento.

Algo não vai como gostaria.

Creio que o sangue precisa fluir. Está contido. Esse frio que gosto. Mas o sinto em demasia.

O sol me flertou com toda força, não consigo nem enxergar. E no mesmo instante que pareceu enorme a me atravessar. Se foi. Na rapidez do piscar dos olhos. Continuo sem ver. Tudo ficou escuro. E aos poucos tudo vai voltando. Meio que cinza. Árvores nuas. Um clima de despedida presente.

Clichês. Tudo se resume nos clichês.

Essa tentativa de algo escrever. De algo por dizer. Clichê.

Como escrever algo que escape ao clichê. Como deixar emergir o além do clichê?

É possível?

Se for honesta, o pensamento está sempre buscando uma escrita. Como nada honesta, fico no não-escrever como movimento. Interessante que a dificuldade de expressar o tanto que acontece no pensamento, é como algo natural, não sei de onde isso surge. Nem o que isso significa, mas talvez algo esteja acontecendo. A diferença de escrever para o escrever sobre algo, para alguém. Revisitando minhas histórias, nunca houve valor a escrita por ela mesma. Sempre houve um atravessamento sobre: para quê? Qual sentido? Qual utilidade? Qual o ganho? Talvez seja o começo da minha história com as cartas. Tem escrita e tem uma necessidade. Também começa a relação com o diário. Mesmo que ainda muito coerente com a narrativa. Muitos sentidos e sentido algum na criação dessas desculpas para um silenciar se manter.

Amanheci com os pés desejando caminhos. Corpo pedindo descanso. E a mente querendo que algo aconteça. Não acordo nas vontades que se fazem presentes. Muitas coisas por vir. Estou dando voltas. Como uma tentativa de disfarçar para mim o que está dado como necessidade.

Criar método. Não ficar na contenção. A vida é contágio.

Se permitir contagiar como um lema. Todo sintoma fala de algo, deixar falar para saber da causa e como cuidar. Ontem quando o estômago estufou. Pareceu-me necessidade de espaço, silêncio. Andei a noite. Degustei um vinho. Deixei o corpo na escolha do fazer. Tudo melhorou. A digestão se fez. A vontade se acalmou.

Alguns momentos nada parece acontecer. Em outros, pareço precisar de tempo para digerir tantas coisas que acontecem. Movimentos. Não param. Ando ando, e no momento de parada, tudo continua. Não para.

“como o destino é o presente do passado.”¹³

Tudo é nada. Muita coisa é muita coisa.

Ando, ando muito. E não me canso. Outro dia, poucos passos e exausta estava.

O tempo da digestão. Não quero algo só por querer, tem um algo mais, um querer mais. A comida e seus aromas, além do lugar, há mais ainda. Não é o vulgar do comum, é complexo.

Estava sentada num banco de jardim. Estava uma delícia, mas surgiram mosquitos a tirar minha paz. Como pode? em qualquer lugar do mundo eles surgem, e não consigo ignorá-los. Até tento, mas capturam minha atenção. Não consigo não dar importância para tais criaturas. Dia desses, pensei em quantas mortes carrego comigo, foram muitas, incontáveis, posso entrar na lista dos assassinos perigosos. Pois os mosquitos despertam minha ira, os mato, sem dó nem piedade. Mas talvez no vivido de hoje, não foram eles os vilões, mas a minha percepção. Eles foram quietinhos próximo ao meu maléolo direito, sutilmente, toque suave, e eu levei o olhar para o sentir, e tudo começou. Inquietação,

¹³ Sonhar durante o fado - letra e música: Camané, 2008.

tentativa de assassinato, . Até que venceram. Levantei-me. Andei reconhecendo as ruas, localizando-me, e pela primeira vez ouvindo música enquanto andava pela rua. Diferente. Muito diferente. Pois me senti em outro mundo, diferente das pessoas ao meu redor. Gostei. Andei com Chico, Elis, Maria Bethânia..., entrei num mercado que ainda não havia passeado, e foi lindo, pois a cantiga de ciranda começou, e eu prontamente sorria, lalalaralaaa... ô cirandeiro, cirandeiro ó ...a pedra do teu anel brilha mais do que o sol ... ô cirandeiro, cirandeiro ó¹⁴ Logo me esqueci da fria assassina que sou. Olhei todos os corredores. Não procurava nada, encontrei um vinho. E segui com meu lalalaraaa... sai diferente. Olhando a bela noite. Cantarolando com a vida. Já não sei quais músicas ouvi, mas sei do som me envolvendo. Cheguei a casa, continuei com os fones. Cumprimentei a senhora, e lhe contei que andei muito. Segui meus ritmos, tomei um banho quente. E voltei às músicas. Procurando um som que deixe os ouvidos aveludados. Encontro “la valse des lilas”¹⁵ numa playlist Café Paris, são músicas instrumentais. Pronto. Tudo ficou bem. Mas será que estava mal? Mania das polaridades. Pois meu dia foi ótimo. E por que a sombra de que algo não foi bom percorre o pensamento? Parece que há uma preguiça agarrada comigo, como um feitiço lançado sei lá por quem ou onde. Essa preguiça tenta me distanciar da escrita, poderia chamar medo, ou tantas outras coisas, mas gosto da ideia do feitiço. Ainda não sei por que, mas também não preciso explicar. Cada vez percebo-me mais malcriada. As respostas escapam da ponta da língua. Ulalala ... feitiço porque podemos desfaze-lo. Assim quero imaginar.

Recolhi-me do mundo.

Neste instante silencioso, repouso no hiato dos meus pensamentos. Lá fora a chuva cria um som rítmico, aqui dentro o silêncio se esbarra nos gritos camuflados. O silenciar faz tudo parecer tranquilo, mas em brechas há algo barulhento. Sem definições, apenas agitações. Entre afetos e ideias, um tanto de caótico e intenso, banhado por calma que deixa tudo num fluxo harmônico.

¹⁴ Cirandeiro - Edu Lobo

¹⁵ La valse des lilas - Eugene Lambert, 2023.

A vida é confusa, melhor dizendo, faço confusão com a vida. Muitas forças me habitam, muitos desejos me impulsionam. E finjo ser algo plácido, tranquilo. Mentira. Há sempre um vulcão em erupção. Sem esforço aparente, a economia se faz contenção: de energia, de libido, de ideia, de .. de ... de ... , não cabe em palavras o tanto de coisas que se silenciam. E pra quê isso? Precisa disso?

No último mês estive em muitos lugares diferentes - hotéis, casas, quartos, apartamentos. Uma andarilha me alegra o viver. A busco como parceira, e a afirmo como uma saúde. Faço novos encontros, reencontros, descubro novos olhares, desvendo outros já olhados. Entregue ao devir. Com pés no chão. O peso do cansaço de tanto mudar. E o desejo de mais outras estradas seguir. A não rotina, e o compromisso com o trabalho - tenho horário. Atravessada pelo fuso. Nem lá nem cá. Hoje a vontade de tudo largar me pegou. Fez de mim uma menina apaixonada querendo apenas viver o deslumbre que nem sabe sobre o que é, ou qual objeto, caminho, nada. Apenas o vislumbre de estar. Estar agora em diferentes horas, em outro clima, outro país, já outra cidade ... estando, estar. Na solidão habitada por muitas. Na solitude distante de tudo. Há um vazio que produz presença. Uma presença em vazio. Ocupei esse apartamento de modo rápido, me espalhei. Lavei roupa, fiz comida, lavei louça. Comi mais do que devia, andei menos do que precisava. Algo em mim quer um lugar. Quer pertencer. Quer pousar. Implico com os clichês. Mas em algum lugar fico bem com eles, e nego isso. Ô bobagem! Pra que essa negação! Voltei atrás de algo que me fez pulsar, e me dou conta : eu que pulso! Com mais um, mais outro, mais a lua, mais o rio, mais o mar.... eu pulso. Vou compondo com a vida. Não preciso de muito, mas sou criteriosa, não é qualquer coisa, não é vulgar. O diferente me atrai. O singular me encanta. Mais achada que perdida. Finjo nada saber para evitar o encontro. Estou escapando. Fugindo do espelho, do destino, do devir. Fugindo de mim. E para onde vou, lá estou. O medo da captura me tira as nuvens, me faz agarrar ao chão. O medo do que flui, me afasta das águas, me tira o ar. Quanto imaginário! Neste momento estou cansada. Muito cansada. Desse mesmo que teimo me agarrar. Deste medo do mesmo que finjo mudar. Há algo oco no pensar. Um buraco. Uma ausência. Há um não sentido no falar. Há muitas coisas ainda por dizer... há muito mais do que há ... há.

Um belo pinheiro é minha paisagem ao acordar. Suas folhas já estão começando a se despedir. Percebo que irei acompanhar as arvores no início de seu desnudar. Esses

processos que nos acompanham, e nós os acompanhamos. Processos. Não tenho uma distancia precisa do fora. Nem tenho um marco preciso do tempo. Sinto-os.

Amanheci sonhando, não recordo a história. Na madrugada o vento me acordou, algo queria me dizer, não estava disponível para escuta-lo, o tempo de repouso foi necessário para novo amanhecer no meu pensamento. Hoje gostaria de tomar um café com a Maria Gabriela, não tenho perguntas, dúvidas, nada. Apenas uma saudade. Poderia ser um café a beira do fogão à lenha com minha avó. Ouvir suas histórias, e ficar acompanhando o movimento de suas mãos, a habilidade dela em sua cozinha sempre me encantou. Tudo me parecia milimetricamente reconhecido por ela sem a necessidade do olhar. Até hoje busco isso, levantar-me a noite e andar pela casa, sem esbarrar. Pegar as coisas sabendo que lá estão, sem para elas olhar. Reconhecer com a ponta dos dedos os objetos. Sentir com a palma da mão. Não ter duvida sobre o movimento. Minha mãe sempre brincou: no final da tarde ao tomarmos café na sua cozinha, a penumbra entre fim do dia e a noite tornava escuro o ambiente, sempre perguntei: quer que acenda a luz. E sua resposta: pra quê?., já nos conhecemos.

Dias em silêncio. O não saber da língua local. A não vontade de partilhar palavras. Andar. Andar. Deixar os caminhos se desenharem. O projeto é acertar o caminho de volta ao hotel no final do dia. Sem roteiro. Sem expectativas. Silenciar da constante produção narrativa. Ando pensando. Penso andando. Movimentos que atravessam a produção de sentido. Não é para ser coerente, é para fazer sentido. Isso é singular. Muda a todo instante. Requer presença. Atenção constante.

Ontem às margens do Sena fui me conectando com os afetos. O vento frio. O som das águas. A paisagem conhecida. Tudo como um primeiro encontro. Carregado de magia. Universos que não se encontram, mas por algum sentir querem mais do que ser desconhecidos. Sinto. Nesse silenciar de palavras, o corpo pulsou muito – fome, cansaço, saudade, vontade – pulsou sem nomes. É vida. Desejei voltar para casa, mas não soube qual casa. Desejei nunca mais sair dali, mas senti que precisava para algum lugar voltar. Tento agora organizar os pensamentos, carregados pelas lembranças desses dias. Não

consigo. Há um turbilhão. Envolta em calma. Carregada de expressão tranquila. Há medos, vontades, inseguranças. Há tantas coisas que desconfio se tudo não passa de drama, uma busca nervosa de enredo?!

Um dia calmo, cinza, muito frio. Andar pelas ruas de árvores nuas. Deixar os olhos livres para experimentar a paisagem. Deixar os pés livres caminhar. Deixar-se livre do tem que algo fazer. deixar-se... A dificuldade de abandonar a busca pela narrativa, e deixa-la para depois do experimentar, nesse não convencional modo, não há coerências, mas há encontros. Qual seriam as diferenças? Não ter a intenção e experimentar o acontecimento. Ainda não deve ser o momento. Ainda não há palavras.

Madrugada. O silêncio acalenta meus pensamentos. São outros sons, ruídos silenciosos. O ar muda. Tudo muda. Sempre achei a noite incrível, há uma sedução que me envolve. A escrita ganha outro movimento. A sensação de estar acordada enquanto o mundo dorme - sonho, pois o mundo não para - mas essa minha imaginação fica lá fora no dia. Então, assumo outro mundo aqui dentro. Hoje há pingos de chuva, as gotas no telhado criam um fundo ao som da digitação. Talvez uma música se faça. Em mim algo se faz lembrança: adorava o som da máquina de escrever. Ainda menina, com muito cuidado, minha mãe deixava que mexesse em sua relíquia. Sempre a emoção me envolvia. Havia alegria, medo, nostalgia. Uma imaginação me conduzia na folha vazia que ganhava letras, na musicalidade que essa materialidade produzia. Era uma bela cena. Ao tentar resgatar essa menina, me lanço no bailar da cena atual. O teclado do notebook produz outros sons. Caso digite errado, há sinalização, e tudo bem, só corrigir. Não tem que tirar a folha, tentar consertar. É outro movimento. É uma virtualidade. Mas a menina está aqui. Hoje estou na região do Porto, em Vila Nova de Gaia, Portugal - aqui as pessoas referem-se (na maioria das vezes) a mim como: menina. “O que a menina vai querer hoje?” E acho essa expressão um carinho. E me recordo que quando menina odiava que me chamassem de menina. Queria logo crescer, uma lembrança me atravessa:

Estava numa maratona de terapia, era monitora - quer dizer que estava trabalhando (no apoio) com pessoas no início da formação. E a cliente que estava cuidando era uma senhora, muito senhora; e começou a me chamar de “menina”, e por vezes, sentia ser de

modo pejorativo, havia uma intenção em criar uma distância entre nós. Em algum momento minhas vísceras começaram a se mover, muitos sons se produziam na minha barriga. E ela continuava: menina isso, menina aquilo ..., e eu delicadamente tocava seu corpo. Musculatura rígida. Um corpo frágil, pequeno. E lentamente comecei a sussurrar para ela: r e s p i r a ... , quando o seu corpo começou a ceder, ela arregalou os olhos e disse: menina, chama meu terapeuta. Mas ele estava ao meu lado, então, sussurrou no meu ouvido: respira no cu. se aproximou dela, com a voz doce e firme: se entrega, está lindo ver seu corpo ceder ao toque da menina, se permita. E ela se entregou ao choro. Ele saiu, e meu corpo pode dar colo aquele corpo tão pequeno da senhora. Naquele instante entendi que minha menina era grande, sempre foi grande, mesmo quando a brincadeira era escrever.

Esse bailar de memórias desenha espaços-tempos que se atualizam. Afirmam uma perspectiva de cuidado de si, de cuidado do outro. Esse processo que chamo de “terapia” é uma arte. Acompanha minha vida, não consigo determinar como começou. Desconfio que no momento que precisei de cuidados médicos para um problema considerado sério, uma doença reumática, despertei que cuidar não é resolver sintomas, mas acolhe-los.

Atravessei a fronteira. Não sabia o que estava buscando, não imaginava o que poderia encontrar. Ruas não reconhecidas. Uma saudade de outro lugar. Não conseguia olhar o céu e o chão, uma fragmentação para caminhar. A memória não se produziu. As ruas sempre eram novas, mesmo a do hotel vista todos os dias. Uma não vontade do lugar. Uma desconfiança nas sensações. Nas ruas pessoas bonitas, todas olham, há uma altivez no olhar e postura. Roupas mais coloridas, lugares mais barulhentos. Tudo muito corrido, sem tempo para pensar, desde a fila no mercado ou restaurantes. Tudo me pareceu mais agitado. Os poucos peregrinos que observei, não olhavam ao redor. Alguns sozinhos, não percebi para onde olhavam. Os acompanhados falavam e olhavam os seus. Fui à missa na catedral de Santiago de Compostela ao meio dia. Bastante pessoas. Alguns caminhantes, turistas, um peregrino me chamou atenção, roupa esvoaçante, parecia um monge ou um tipo Jesus. Andava com cajado de madeira rústico, nada lapidado. Fiquei com vontade de olhá-lo fora da catedral, mas não o avistei mais.

A missa não me emocionou, pouco dela ouvi. Mas a imagem a minha frente ficou a me olhar, e com ela recordei minha avó, a igreja do lugarejo que morava. Uma imagem me trouxe imagens, nesse momento, emoção. Segui peregrinando, mas com ausência de pecados, nenhuma busca de consolo, nem se quer uma vontade de acalento. Nada. Queria mesmo outro lugar. Me livrar do não contato com a dor sustentada em tantas pedras, tanta onipotência. Não me comoveu. Me trouxe a reflexão do quanto precisamos ter sofrimentos, pesos. Essa necessidade de culpa e perdão. Essa busca por redenção. Não me toca. Algo que produziu enjoo. Senti-me em fuga atrapalhada, pois não reconhecia as ruas, logo me perdia novamente. Nesse dia de maior afetação. Encontrei pessoas gentis, sentei num lugar na rua da rainha, experimentei um vinho “crianza” delicioso, comi uma tortilla tradicional. Escrevi e estudei por algumas horas. Até que a temperatura começou a cair mais, achei melhor andar, e buscar um museu. Nesse caminho os pensamentos de não identificação com o lugar voltaram, flash das ruas de Évora surgiram, inclusive o céu azul do final de tarde. Quando sinto um empurrão pelo ombro direito. Resisto ao desequilíbrio até cair ao chão. Olho e não há ninguém. Do outro lado surge um senhor querendo me levantar, agradei, mas não deixei. Respirei primeiro, e levantei sozinha. Fiquei procurando o buraco que poderia ter virado o pé, nada. Voltei a andar desejando sair rapidamente daquela região, que seria a parte histórica da cidade. Sentei-me no primeiro café depois das bordas desse miolo histórico. Um pouco tonta. Um pouco intrigada. Mas com uma ideia: fiz o que tinha de fazer. Não sei o que isso significa, mas sinto. Andei no museu de arte contemporânea, e o que mais me capturou foi uma

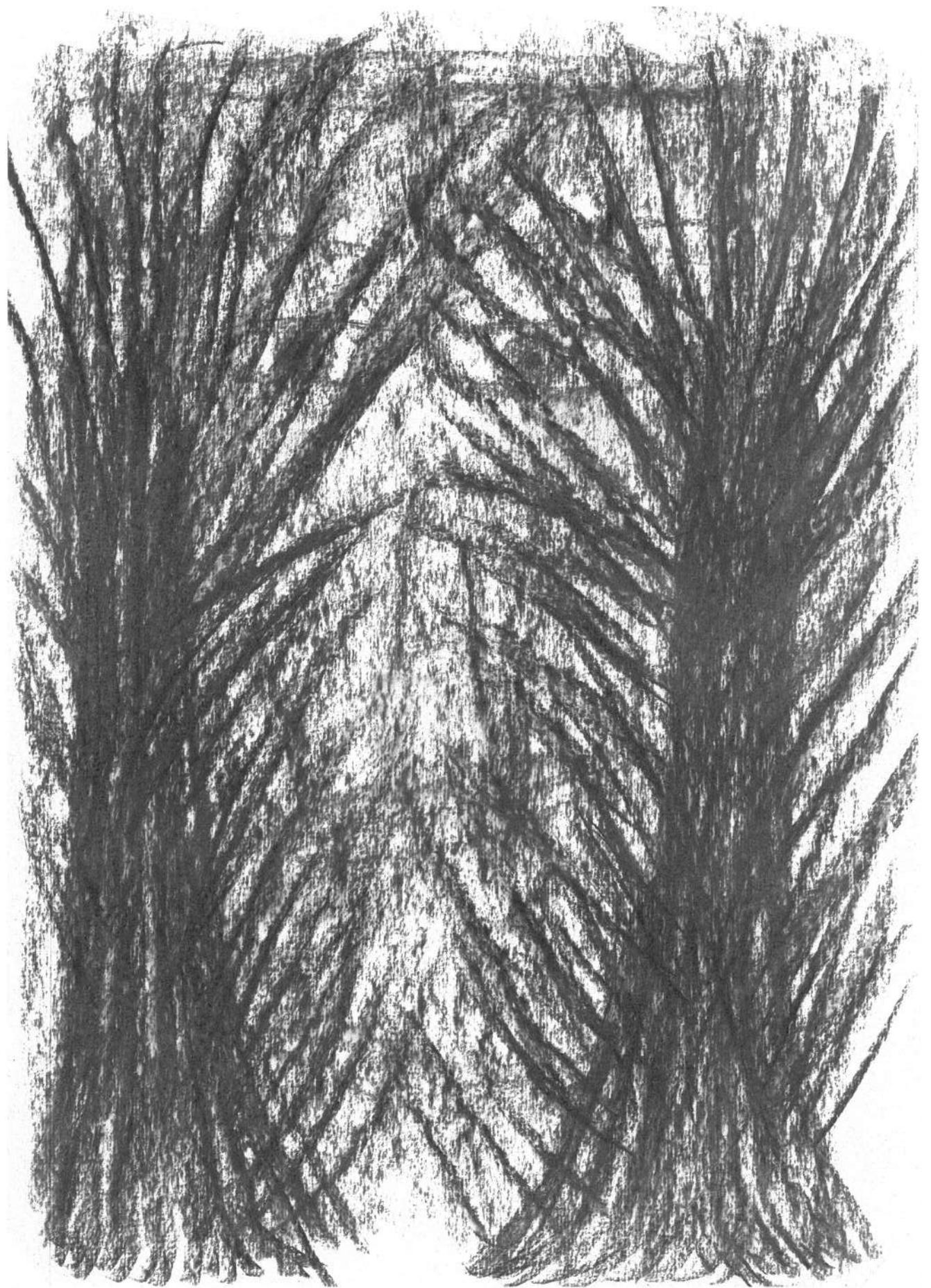
instalação do Christian Boltanski¹⁶, com caixas metálicas, e rostos de pessoas mortas/ desaparecidas no holocausto. Memórias e mortos.

Não por acaso o livro que trouxe comigo “um brinde aos mortos - histórias daqueles que ficam”. Retomo a leitura, a tranquilidade volta a me habitar.

E a relação disso tudo com a pesquisa? Será mais uma pergunta da qual não me ocuparei da resposta. Do contrário, dela prefiro outros fios puxar: como a morte não tem relação com a pesquisa? Se as memórias estão na criação, como negá-las nos afetos vividos? Se somos a narrativa que criamos, como incluímos nossos mortos e nossa morte? Se a vida é uma afirmação, e a multiplicidade é algo que desejamos, a morte seria uma perspectiva binária da vida. Então, como afirmar a morte na realização dos desejos/dons de nossos mortos?

Profunda relação com minha escrita do último ano, meus avós em presença, os sonhos como conselhos. Quando Cecília me disse para trazer esse livro, véspera da viagem, fiquei relutante. Quando em Portugal cheguei, foram as primeiras linhas lidas, e não senti, mas continuei próxima. Precisei da Maria Gabriela, me acompanhou quase diariamente. Precisei de afeto para esse retorno. Mesmo depois de aqui estar, ainda havia a angústia por respostas. Uma tentativa impotente de explicação, interpretação. Essa dobra se fez numa quinta-feira. Estava no café tupi no centro do Porto. Ali algo aconteceu. Aqui algo aconteceu. Consegui me encontrar com Favret-Saada, já estava semanas com ela, mas ali naquele momento o encontro se deu. “Ser Afetado”. As feiticeiras e nossas narrativas. Não me senti sozinha, encontrei mais uma.

¹⁶ Christian Boltanski - Reliquaire, 1990. Disponível: <https://ca2m.org/en/activities/case-christian-boltanski>

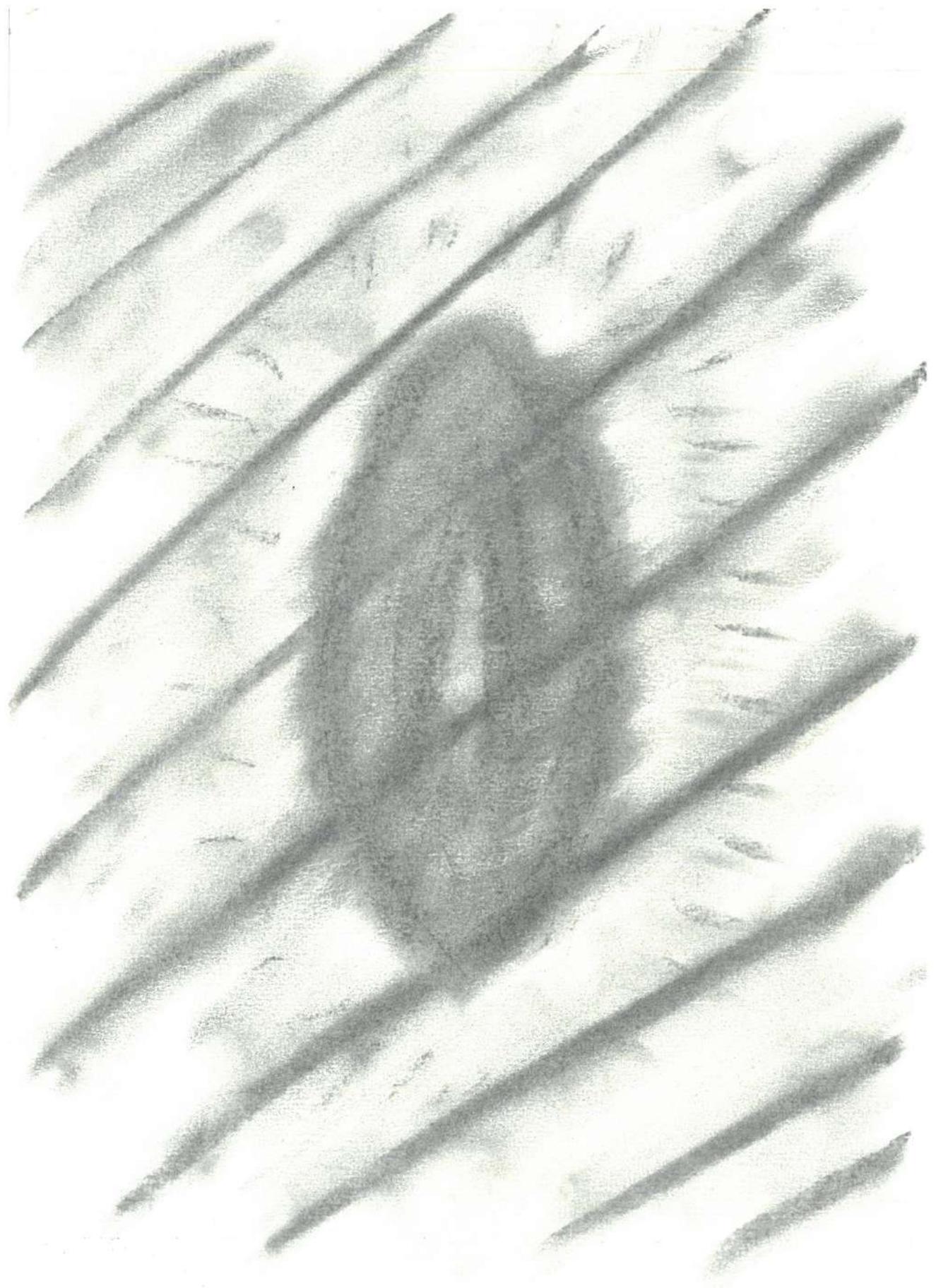












BLOCO TRÊS

Mergulhando¹⁷

sensação de desespero, medos, tremor no corpo. sensação de colapso.

na expressão nada aparente, apenas quando os lábios travaram.

a respiração travou, não era a água no nariz, não era muita coisa, mas naquele instante era tudo. tudo naquele instante reduzido na sensação, na falta de alguma coisa - não tem nome ainda. não tem muita coisa - agora sinto. nada falta. é alguma outra coisa. não tem nome (ainda). não são os pés que não tocam o chão, é um não reconhecimento do contorno de si. como se a pele se diluísse com a água ... e não fosse mais possível o toque.

isso.... algo que passa pelo toque, pelo não toque. uma ausência do outro.

um abandono.

abandonada.

*

sou afobada. se pensar nos movimentos me desconecto, perco o ritmo. a cabeça entra em controle e não acerta, faz esforço. uma não confiança no corpo? talvez. senti como a cabeça e os pés ficam tensos. sinto muito o abdômen, e não percebo as costas. molhar o rosto não causou desespero. mas sentir a água entrando pelo nariz produziu taquicardia. liberdade?!? a professora foi falando da sensação de liberdade da água e do movimento. não consegui saber disso ainda. hoje boiei com ela me segurando. não me senti relaxar, mas foi bom. primeiro contato com o som da água, o som debaixo d'água. os ouvidos imersos, outro som, outra pressão, outra percepção do corpo no mundo. fiquei com vontade de ficar mais tempo nesse outro som ...

*

a água como um convite: me senti chegando com pressa de entrar na piscina. será isso mesmo?!? que novidade!! menos sensações ruins, mais alegria por estar na água. descobrindo outras coisas. conciliar tantos movimentos ao mesmo tempo é difícil, me sinto confusa. esse controle do pensar diante do corpo, é confuso, tem tempos diferentes do movimento. a professora propôs um nado sem o macarrão, não consegui. brinquei que

¹⁷ Escritos pós contato com a água - início 28 de maio/2021 e deixaram de ser escritos em 15 de abril/2022.

estou grudada nele. é minha extensão. senti medo de não conseguir, medo de sentir medo - foi o que senti.

*

cheguei sozinha. nenhum olhar que eu conhecesse. segui. entrei na água. fiquei sentindo o contato, a alegria desse contato. parece simples para muitos, mas para mim era algo do impossível. andei até a outra margem. voltei. apoiada na barra da piscina fiquei experimentando a respiração, soltar mais ar do que puxar... soltar pelo nariz dentro da água, puxar fora pela boca. um ritmo: tentar contar, desisti disso. só fiz. até os pensamentos se esvaziarem. consegui boiar um pouco. a imersão dos ouvidos e a soltura da cabeça é algo indescritível. acho que ficaria assim por muito tempo. com a minha alma gêmea, minha metade irmã: o macarrão!!! fui até a outra ponta batendo pernas e respirando. pensei arriscar ir de costas, mas achei ousado demais.

alegria. sai pela rua pensando: eu posso tudo! isso já é quase nadar, já é mais do que qualquer dia imaginei.

há algo que me segura, que teme. mas estarei mentindo se disser que hoje senti algum medo, não, não senti. foi prazeroso. o corpo ainda tenso. ainda há pensamentos do que pode acontecer de errado, mas hoje me veio à voz da professora: é só colocar os pés no chão, você já sabe! eu já sei?!? sei tanto que não faço. nem sempre saber compõe. hoje pensei nisso na água, como compor com a água? amanhã estarei lá novamente, não sei se com a mesma pergunta, mas com o brilho nos olhos de alguém a desabrochar para amar amando os seus próprios possíveis.

*

sozinha na piscina. o guarda-vidas olhando de longe. a água e eu. fiquei olhando, sentindo. descobrindo coisas além do medo. foi bom. foi leve. por momentos queria me cobrar o que fazer. depois desisti, pensei pouco, fiquei mais no contato. consegui boiar me segurando na barra de apoio. é incrível o som. quase um silêncio. isso é muito bom. aprender a ter calma, mais calma, desacelerar. estou começando a perceber como sou acelerada, afobada. a água pede outro tempo, outro movimento.

fiquei observando as pessoas nadando na piscina ao lado, cada um no seu tempo. desconhecidos na mesma água. não vi ninguém se cumprimentando ou quiçá se olhando. pode ter acontecido enquanto não olhava, não sei, mas o que me marcou é cada um no

seu universo, e juntos com a água. e eu por vezes me pego pensando no que os outros estão pensando ou olhando, mas não importa. o outro é a água. como se dá essa relação entre vocês, entre nós!?! o que se torna possível com as pernas, os braços? ... pernadas, braçadas ... respiração... como compor com esse grande outro-água.?

o ritmo vai e vem como as marolas - ainda não se mantém - me escapa ou eu que escapo, ainda não sei. nesses desencontros vou sentindo mais vontade da água. em momentos uma ideia me assombrou: o que estou fazendo aqui? parece que é nada, e ao mesmo tempo é nada. é algo só para mim, nadar. um "r" que muda tudo, mas ainda é estranho nadar e fazer nada.

na saída encontrei com uma amiga pela rua. como ela disse: foi uma pequena marola. sai pensando no tanto de justificativas que criei em poucos minutos com ela para dizer o que estava fazendo, como se isso fosse necessário, ou melhor, pra que isso se faz necessário em mim?

então, agora já noite, depois de dirigir 180km escrevo: necessário em mim é aprender a afirmar o quê me é necessário.

*

alguns novos desafios, e o medo se apresentou. ao tentar soltar mais o corpo: a taquicardia, o tremor, a paralisia da boca. o caos do movimento, que se assusta e se perde. as pernas cansam, os braços endurecem. há um cansaço. uma pressão na cabeça. mas ao mesmo tempo é bom: há uma vontade antes do medo.

depois da aula fiquei cansada, dor de cabeça na têmpora direita e frio. deitei um pouco, não consegui dormir, mas descansei. um tanto lenta, sem vontade de fazer nada. estou respeitando essa vontade. aqui com minhas cobertas escrevo, e tento soltar a musculatura que percebi mais tensionada hoje.

na aula falamos sobre o esquema corporal e a imagem corporal. há uma dissociação entre eles. quando a imagem não é percebida, o esquema se desorganiza completamente. por exemplo: os pés param de bater, ou não acerto a respiração, ou os braços se atrapalham - me afobo no movimento que estiver fazendo - falta calma, um tempo de reflexão antes da ação. falta um bom encontro entre esquema corporal e imagem corporal.

*

hoje sem grandes sintomas. sinto mais cansaço nas pernas. dificuldade de administrar vários movimentos ao mesmo tempo. mas me senti um pouco mais calma. ouvi que é preciso ir devagar. fiquei me dizendo: é preciso ter calma.

a água já não era uma desconhecida. senti algum prazer em seu contato. talvez essa nova sensação tenha causado ciúmes ao medo, que não é mais o único a percorrer a pele, a habitar o corpo.

*

deslizei na água sem apoio. a segurança foi a sustentação no olhar da professora. me lembrou André Lapierre - a importância do olhar do adulto para que a criança desenvolva sua segurança. hoje penso no olhar para que a criança se olhe, confie em seu próprio olhar, seu próprio corpo. a água é um suporte. escuto. ainda não sinto. mas quero sentir. de cada mergulho cheguei rindo, de nervoso de alegria. agora escrevo e choro, de alegria e de nervoso. o nervoso que percorre o corpo é antigo conhecido, mas não era percebido. não é apenas na água, por causa d'água. é mais que isso. talvez pelas águas que me compõem. hoje fui escolhida por duas pedras: ágata de fogo e olho de tigre. gosto das cores, da beleza, e da força que sinto na natureza das pedras. me faz lembrar a fêmea que há em mim. por mais que não pense, é uma lembrança para senti-la presente. uma imagem para que ela encarne no pensamento como ação, intenção. a água é um meio, uma outra pele. um contorno, outro contato. hoje senti contato, tato. havia uma sensação de composição. não fui tomada pelo medo, nem pelo desespero. pude acolher na superfície profunda da pele um encontro.

*

hoje fui me encontrar com a água, ou seria a piscina, talvez seria comigo?!? mais familiarizada, sem o frisson do eterno primeiro encontro. mais à vontade. consegui atravessar a piscina batendo pernas de costa, apoiada no macarrão. senti vontade de brincar com o deslize do mergulho, mas não ousei sem o macarrão. foi tranquilo. ao chegar a casa, antes do banho, lágrimas. uma emoção me contagiou. não soube traduzir com exatidão. deixei que as águas rolassem, um relaxamento aconteceu. deitei por uma

hora, não acho que dormi, mas explorei o relaxar: deixar o corpo sem o abandonar. boiei no descanso, no colchão, nas ideias ... logo, descansei.

*

um dos desafios é a sensação de soltura: ao mesmo tempo em que é prazeroso, é assustador - desperta um desespero. hoje experimentei com menos intensidade. cansa, gera um cansaço no corpo, como se fosse muito esforço. e é esforço. essa habilidade que (descubro a cada dia) de experimentar, ir com a cara e a coragem - não sei se é tão bom como imaginava. a professora falou do disfarçar as próprias dificuldades. o não saber, não se expor. faz sentido. e eu resisti com ela não ser isso. quero achar potência nisso. quero me dizer que posso, que consigo. mas isso é tão dolorido!? esse assunto surgiu quando ela disse que até se esquece da minha dificuldade, porque eu vou. e num dado momento com o macarrão apoiado na cabeça, não consegui ficar de pé, me atralhei, meus pés boiam, e eu fico olhando como se não tivesse ação sobre eles - talvez o abandono?!? - não senti aquela sensação corporal do medo, mas há um apavoramento presente. escrevo e as lágrimas caem. penso no vivido e a vontade é deitar, ficar quietinha. algum contato com a solidão se apresenta, talvez o isolamento.

*

a calma que não me é comum. o desespero que aparece como hábito. ficar sem apoios na água - tudo fica sem imagem, sem ar - instantes em vazio - o corpo se torna o coração disparado e o pensamento dizendo que não pode.

os pés encontram o chão, e o pensamento diz: você consegue.

essas vozes que dialogam sem que os ouvidos as percebam. essas vozes que ditam “o tem que” mesmo que não tenha “nada que”. desafiar-se diante de algo que não sabe, e que ao mesmo tempo, provoca medo. um estar presente na carne como chance de criar seus possíveis - isso não está dado. pura invenção. por instante pareço estar no mergulho da aula de natação, agora, com as letras e as lágrimas se tornando expressão, dou-me conta que estou na vida. isso é viver.

*

por instantes me peguei pensando que mergulhar no mar deve ser bom. porque na piscina é tão bonito ver o fundo, olhar dentro d'água. ainda não consigo mergulhar sem o macarrão, mas já gosto da sensação, do prazer de deslizar na água. é bom estar na água. por instantes olhei o relógio e pensei: o que estou fazendo aqui?!? vou embora. e no segundo seguinte, pensei: posso estar aqui sem fazer nada. e então, percebi que essa frase "tem que" anda me assombrando, mais do que imaginava. uma resistência ao que tem que ser feito, ou mesmo, ao que deseja fazer. uma briga constante. e agora ao escrever, me vem à lembrança a disciplina. essa danada que tanto me escapa sem que eu perceba, e o tanto que se confunde com obrigação.

*

amanheceu frio, tempo fechado - domingo - dia sagrado de não ter compromisso com nada além da vontade. fiquei negociando com a preguiça. resolvi que disciplina precisa ser praticada. fui para piscina. no caminho não lembrava que havia passado por mim a ideia de não ir. isso foi bom: produziu uma alegria por não me deixar entregue aos pensamentos que me distanciam do que posso. chegando, descubro que a piscina era só minha: posso experimentar os movimentos sem a preocupação de esbarrar em alguém. ops!? isso mesmo?!? a pessoa está alegre por estar sozinha numa piscina com 12 metros de comprimento e uns 4 ou 3 metros de largura, com sei lá quantos litros de água. em um mês de aulas muita coisa está diferente. hoje, me ocupei do movimento. não olhei para o medo. não ousei nada de diferente. pratiquei os exercícios que já aprendi. tentei sentir os movimentos. imagina-los na água e fora dela: uma pesquisa. descobri que tenho pouca percepção das pernas enquanto estou no crawl (com meu amado macarrão, claro!). há mais tensão na respiração, o medo dela não acontecer. num dos descansos na borda, pensei: que medo é esse? parece ser de morrer, mas não é de morrer. sempre afirmo que esse medo não sinto. fiquei em silêncio com a água. depois de um tempo, sinto que o medo é do sofrimento, da falta de ar. a experiência do sufocamento me assusta. é mais primitivo que a ideia da morte. talvez seja a ideia de nascer. e se for medo da liberdade? deixo aqui registrado: primeiro mergulhando na escrita sem lágrimas.

*

primeira vez a noite na piscina. interessante ir pela rua olhando as luzes, os faróis - são outros movimentos. meu corpo cansado de um dia de trabalho. começamos respirando.

lembrando do bater das pernas. não sei como a professora propôs o deslizar de uma lateral a outra da piscina. depois do meio para uma parte, depois outra. de repente estava na outra borda. precisa aprender a ficar em pé! mergulha e volta, mergulha e volta. eu rindo. muitos risos. do pé que não volta para o chão, da água engolida, da respiração esquecida, que confusão! seguimos, por momentos, cadê meu macarrão?!? e muitos risos ... que sensação boa, ainda muito descompasso, mas já é tanto para quem nada(r) conseguia. vamos mergulhar!!! que isso professora?!? calma e lá fomos: mergulha e fica em pé, mergulha e fica em pé ... ainda sem ritmo, mas a alegria começa a transbordar. o riso de nervoso aparece, mas ao mesmo tempo é uma menina gaiata rindo de si. se permitindo aprender, se deixando tentar ...

percebi que as dobras estão duras. o jogo de cintura tímido. leva tempo para as dobras irem e virem ... ficaram questões: quais dobras? jogos? cinturas? entre lágrimas e risos mais um dia na piscina!

*

não consigo dormir, continuo pensando: eu resisti à água. faço força diante dela. talvez a pergunta sobre as dobras. ainda não sei compor com a água. criar movimento me apoiando nela. é como se eu precisasse correr de volta ao chão. e não precisa dessa correria. não precisa de tanta coisa! como compor com a água? como entrar em fluxo? em fluxo com a água?

*

tantas intensidades movem-se com o sangue. não consigo identifica-las. encontro com a água, e essas águas intensas. vou e volto tentando mergulhar. tentando nadar. tentando descobrir um corpo com a água. eu mesma vou me dizendo: foi melhor. e sei que isso não é elogio ou cobrança. é um modo de dizer: está tudo bem. pode continuar. como uma criança aprendendo a andar. ela nos olha e espera algo. eu olho para mim, e digo: tudo bem. criar essa nova voz que diz “tudo bem” sem cobrança é uma desterritorialização. estar propondo esse outro território - aquático - como expressão, experimentação - é um movimento. tantas coisas nadando que não as capturo, a cabeça até tenta, mas o corpo é mais sábio. brinquei dizendo que queria entrar na água com o corpo do pescoço pra baixo. porque esse sabe, pois a cabeça, quer ser a sabichona, mas é uma afogada.

afogada em certezas, verdades, culturas, medos ... posso criar uma lista enorme, mas nesse momento, vou reduzir para uma cabeça afogada em si mesma. com excessos de cobranças que deceparam a invenção. travam o movimento. fazem fugir a potência. entrar na água sem medo é poder ir ... ir consigo para qualquer lugar.

*

senti medo. tentei fazer os deslizes sozinha, e o medo apareceu. fiz o possível. sem cobrança. na piscina conheci uma senhora, conversou comigo sobre nadar, sobre medo. ficou me observando, depois me disse: falta um pulo para você nadar! é isso: um pulo! como contraímos nossos pulos?!?

percebi que ao saber que ninguém estava ali comigo: os pés escorregaram, falharam ao achar o chão. nada demais. mas o suficiente para a taquicardia. volta a lembrança: calma. consegui boiar sozinha com o macarrão.

*

num momento de descanso pensei: qual o medo?!? morrer? afogar? ... percebi que antes de qualquer pensamento é uma força que mobiliza o corpo. não passa por discernimento, racionalização. é um lugar sensível que sua força faz parar. investiguei um pouco isso na água: relaxei.

*

uma semana sem ir à piscina. mentira, apenas quatro dias, mas pareceu muito tempo. um resfriado. respirar está mais difícil. senti muitas diferenças. menos fôlego, pernas pesadas. menos medo. não me assustei com o escorregar, com o não conseguir. não estava na mesma performance que já consigo, estava mais amável comigo: tudo bem não conseguir. tudo bem escorregar. tudo bem não conseguir. estar em processo. afirmar o processo.

ficamos na piscina pequena. nela que os bebês têm aula. água mais quente, menor, menos água. olhei e pensei: não te conheço, mas tudo bem. a segurança que os pés chegam mais rápido ao chão - é um fato. mas quero a outra, maior, mais azul, mais água ... um território que já reconheço. sai da academia me sentindo bem. fui caminhando pelas ruas e respirando, o vento frio, tempo virando. minhas ideias viradas nelas mesmas.

encontro uma amiga, um almoço gostoso, com direito a sobremesa e café. sou interpelada por um menino de quatro anos e seu cão, me olha e diz: você é menino ou menina? e aí?! como responder?! agora escrevendo penso “sou criança”, essa resposta vale?!

*

respiração ainda difícil. corpo bem, intestino mais preso, alguns abusos alimentares. fugir da repetição do cotidiano cansa. causa um gasto de energia que me provoca estresse. quando estou disponível, flui, quando não, produz irritação. fui pensando nisso para a água. nela o corpo pesou. pernas afundando. cansaço na respiração. voltei para minha piscina de sempre. fiz meus exercícios com o macarrão e o flutuador. fiquei intrigada com as pernas afundadas. experimentei boiar várias vezes para sentir esse peso. mesmo batendo pernas no crawl ou de costas - pernas pesadas. voltando pra casa fui sondando os pesos. preciso aprender os meus limites. para assim falar aos outros sobre eles. não gosto de ficar a deriva nas vontades e tempos alheios. gosto de compor. não gosto de direcionar ou ficar no aguardo. como gastar menos energia? como suavizar as pernas para melhor deslizar? como não afundar, e aprender dançar o jogo que se apresenta a cada momento da vida?

*

corpo melhor!

pernas reconhecidas em sua leveza na água. como é bom estar na água!

mesmo no escorregar, na engolida de água, no não acerto do movimento - é bom. hoje descobri que os braços são muito importantes para deslocar, para sustentar. maior parte da aula foi sem apoio do material, e com o suporte da professora. fico me dizendo que foi bom, que foi melhor. hoje fiquei ouvindo o tanto que repito isso durante a aula. penso que é para que meu pensamento escute.

conseguir deslizar sem fechar os olhos, é bonito. me emociona. por várias vezes parei pela emoção. pelas lembranças. pela fala ... agora me dei conta que tantas coisas surgem nesse contato com a água. bonito viver isso tudo.

*

hoje conheci o pé de pato. muito interessante os movimentos e o corpo, a água e o corpo. movimentos-corpo-água ... desafios juntos. é necessário concentração para conseguir realizar os movimentos. começo a entender quando as pessoas falam que a água é terapia. não sei se terapia, mas é um espaço-tempo que produzimos como intervalo na vida. nada lá fora acontece. o acontecimento está na água. não existe outro mundo, talvez isso seja chamado de terapia, pois quando voltamos, já somos outro, não mais no mesmo lugar de antes.

*

fiz os exercícios, sentindo o esforço. não senti medo. consegui ao final ficar um tempo boiando (com o macarrão), não havia mais ninguém na piscina. impressionante como relaxo mais quando estou sozinha. parece que ninguém está me julgando. não tem problema errar. não preciso me preocupar se vou esbarrar em alguém.

muito desgastante perceber que o fato de não saber me atravessa o pensamento como um julgamento. sendo que as pessoas pensam completamente diferente. até o guarda-vidas falou: você está indo bem, tem que ser devagar. essa palavra d-e-v-a-g-a-r acho que apago da memória sempre.

*

o pensamento é rápido e não colaborativo. impressionante. fico me dizendo que não está certo, que não é isso ... surreal. autocrítica ruim - que não ajuda a fazer melhor. usei o pé de pato, o macarrão, a prancha, o flutuador. cansada. foram três dias seguidos.

muito bom sentir as dificuldades e a não predominância do medo. não ousei nada sem os materiais. há uma tentativa de construção de recursos no corpo. mas para isso, hoje senti: preciso mudar o pensamento ou não ouvi-lo. cansada.

*

que aula!!!!

consegui boa parte da piscina sem apoios. comecei revezando pé de pato e prancha, depois sem nada. alternando braços do crawl, tentando encaixar a respiração. ufa ... quanta coisa! percebi que se não penso no que tenho que fazer, faço. se penso, por diversas razões, travo. não respiro, bebo água ... como não pensar? não sei.

*

que maravilha chegar à água, mesmo com frio!

sinto estar diferente. hoje o medo apareceu ao treinar crawl com a prancha sem o pé de pato. senti o corpo mais afundado, mas consegui seguir. aprender essas nuances na água e na vida - sinto que tenho pressa. talvez tenha relação com esse ritmo próprio que as coisas acontecem em velocidades e lentidões que se compõem de modo único. a cabeça pesa! agora isso é sentido de fato. qualquer demora ou inclinação provoca diferença no movimento. a cabeça pesa! sustentar cabeça e quadril - percepções, jogo de cintura, solturas - se deixar solta na água, livre. vai lá, pode ir, a água está junto. pela primeira vez fiz costas sem material, apenas a materialidade do meu corpo e a água - essa composição que se revela a cada movimento. incrível descobrir

tenho

mãos, e elas me ajudam,

tenho

pernas, e elas me ajudam,

tenho

corpo, e ele me ajuda - ao chegar na outra borda consegui ficar de pé sem desespero. experimentando esses apoios na água. “é possível”. consegui me dizer isso enquanto imersa naquela água com fundo azul. minha voz se repetiu muitas vezes: “é possível” ... tenho a minha voz, e conto com o olhar da professora. hoje experimentei a voz que habita esse corpo. uma voz que fala: aos ouvidos atentos para ouvi-la.

agora na emoção da lágrima que cai, sinto que aprender a nadar tem relação com o aprender a se expressar. se autorizar a expressão. pois esse corpo sabe. esse “eu condicionado” que está aprendendo com esse “corpo que pode”.

“a força da delicadeza”.

*

outro domingo. incrível pensar que estou acordando e saindo no frio para água. a vontade faz mover. a vontade move.

consegui fazer o deslize, braços do nado de peito e pernas de crawl, sem a professora - que incrível! fiquei olhando para os lados e pensando: vocês viram?!?... a alegria da criança que conseguiu. a alegria da mulher que quer. a alegria em contágio pelo corpo - alegrando cada movimento, cada possível que se revela.

*

hoje muito melhor. nadei de costas sem material e sem apoio. claro, com a professora ao lado. mas só o fato de fazer é muito. entendi que respirar e girar os braços é difícil, pois há pressa em querer fazer logo o movimento. em tirar logo o rosto da água. há pressa! o que mais falo: calma professora!!! na verdade é calma-tátia!!!!!!

*

que alegria tentar acertar movimentos. pensar em quais posições algo não está acontecendo bem, parar e narrar o que estou sentindo no mover. perceber que o medo aparece por causa dos braços que ainda não entraram em jogo de cintura com ombros, escápulas e quadril - é preciso aprender o jogo de cintura. soltar os ombros, deslizar em ritmo. compor com a água e o movimento, sem pressa.

*

senti um pouco mais do movimento ondular aparecendo no corpo.

*

hoje acordei desanimada, mas não me permiti ficar na preguiça. levantei e fui para piscina. a vida muda depois da água. é interessante a sensação. saio da água com outra densidade, outro humor. hoje rendi menos nos exercícios. as pernas estavam mais cansadas. aliás, fiquei pensando em como me cobro demais. óbvio que estou aprendendo e querendo fazer certo, mas se bobear, fico olhando para o que ainda não faço bem, e então, parece que nada faço.

*

já estou fazendo o crawl completo. não perfeito, mas já sei sair do lugar com meus braços e pernas. é muito bom sentir meu deslocamento, o incentivo da professora. saí leve da aula, tanto de corpo como de alma!

*

o canto da sereia que povoa meu pensamento desde ontem, se fez perceber na água hoje: a voz que nasce com o nadar, a fala que se deixa transbordar nas águas.

*

chegar à piscina já faz parte da vida. o lugar, as pessoas, a bolsa cheia de tralhas que se faz necessário. chegar nadando é algo que hoje também fez parte. não precisei pensar. apenas fiz. nadando crawl, tentando nadar peito, tentando nadar de costas. hoje contei minha história para colegas na água. a narrativa foi leve. a alegria se faz maior que o medo, aliás, esse hoje não me acompanhou, se perdeu por algum lugar.

fiz os exercícios, e mais: fui nadando e me admirando. me permiti encantar por mim, por minha conquista, pela ousadia diante da vida. quando acabei, depois de alongar, o corpo queria mais: boiei - eu e a água, eu e a vontade, eu e a água. foi lindo! foi leve! foi alegre! primeira vez que boiei sozinha; sem material e sem ninguém na piscina; contei com minhas pernas, meus braços, meu corpo. é possível.

*

pela primeira vez passou o dia e não escrevi. pela primeira vez fiquei longe da água e senti saudade. pela primeira vez volto no dia seguinte para “mergulhando” como um lugar. talvez em outro tempo, um lugar-tempo que a pressa compõe com minha vontade alojada nas vísceras. que o sangue esquenta e se move na rapidez do pensamento. rubor na pele. essa mais profunda camada que assa, ruboriza, empelota... expressa com marcas, mostrando-se pela cor sangue - o fluxo vida que a esquenta e faz mover.

acerta: braço, perna e respiração. o movimento complexo que gera deslocamento. há muita pressa. mais do que necessário. curte o deslocar, calma.

como inaugurar outro tempo no corpo? se deixar levar pela água como um deslizar na vida sem resistência? como compor sem retrucar? sem temer? sem correr? como?!?

*

treinar. treinar para melhorar, para aprender. acertar o movimento de modo técnico. não é fácil, mas é bom. hoje o corpo esquentou, parecia estar transpirando na água.

*

hoje cheguei à piscina maior. mesma profundidade e vinte metros de comprimento, água mais turva - outro território. fui bem, sem pânico. dei algumas engolidas de água, mas nada tão ruim. mantivemos vários exercícios. me dei conta que talvez o incômodo da água nos ouvidos: seja uma adaptação. pois se mantiver o exercício, a água sai. a água entra e sai - comecei a sondar isso. muito interessante os braços: ainda não há percepção dos cotovelos e braços. fiz um educativo com um tipo cabo de vassoura. foi ruim, pois não acertei a respiração e percebi que esse movimento (tirar o rosto da água e voltar) causa mais nervoso. isso faz sumir a calma, e logo, dá errado.

*

depois de algumas horas que sai da piscina, fui lavar meu rosto e a sensação veio com a água: há muita tensão.

um flash se fez cena: o corpo afunda, os ouvidos tapam, as pernas cansam, engulo água, não respiro ... é a tensão que provoca esses atropelos. e talvez a pressa seja o condutor que meu corpo imagina que irá reduzir a tensão. já sei nadar. já sei o que fazer, e me atrapalho. hoje em alguns momentos a voz que se faz de canto da sereia no meu pensamento, tentou me conduzir para fora da água. frases que negam a potência. que me distanciam do que posso. que me geram dúvida diante do querer. respirei, calcei meus pés de pato e deslizei. fiquei no prazer da água. provoquei outros cantos por todos os cantos do corpo. e aqui estou: sentindo a tensão no útero com cólicas. o deixar sair o sangue, deixar sair os medos, deixar sair os cantos equivocados. deixar sair ...

*

senti meu movimento mais suave na água, menos desesperado, mais prazeroso. deslizei melhor. o corpo boiou melhor. fiquei mais na superfície. insistimos e persistimos nos braços do crawl. ainda difícil, mas me parece melhor do que já foi. não sei dizer do nado, sei da minha sensação: me senti mais leve. ao entrar na água senti meu peso, minha tensão. e logo na primeira braçada o corpo reconheceu algo, e senti algum relaxamento. a partir daí, intencionei relaxar mais. tanto que no final pedi para a professora filmar de novo. estava me sentindo muito diferente. a voz já não precisa me convencer. ela agora me lembra: você sabe. depois de tantos dias, as lágrimas voltam nessa escrita, uma emoção, a sensação que algo deslocou.

*

aconteceu, não escrevi depois da aula. será resistência? ou será mais um ganho de tempo diante do tempo? sem respostas. recordo que há escápulas em mim, que doem e se abrem, estão se descobrindo. e reflexo a elas há o esterno, dolorido, sendo remexido em seus guardados. se deixar flutuar. se deixar fluir. aprendizados que agora percebo como são difíceis de desloca-los com calma. na água está mais possível. ir e vir ganha leveza. estava sozinha, boiei, relaxei, olhei o céu azul ... é especial estar na água!

*

como realizar o movimento pelo prazer do movimento? me senti mais pesada na água. até peguei os pés de pato no final para tentar sentir a diferença, mas acho que foi apenas minha impressão. realizei tudo como venho fazendo. mas tem um agito aqui dentro que perturba um pouco, causa umas ondas não conscientes. há sempre algum julgamento de não estar certo, de poder ser melhor - julgamento x cobrança - quase uma constante. e hoje, percebi que a professora é o olhar que me autoriza, faz reduzir essa voz que cantarola melodias impotentes.

*

medo diante do que posso - é tão ou mais assustador do que o medo em si. nesse instante o que pulsa: posso. e tenho medo por saber que posso.

*

piscina grande, insegurança. aumenta a taquicardia e o desespero se faz presente. engoli várias vezes água, parei antes. o medo quis me paralisar. mas reagi. tomei as rédeas e segui, nadei. fiz no meu ritmo, com meus atropelos, meus erros. tentando lembrar da calma, e agora sinto: como isso é difícil. muita cobrança, pouco acolhimento. muito por fazer.

parece que defender (defender-me) um espaço, minhas vontades, é um erro. será que não posso ser apenas uma pessoa que vive sua vida?!? tanta complexidade que só me afasta do simples viver. quero só ser meu corpo, habitado de vontades e necessidades. será isso muito?

*

vários dias que não consegui escrever. hoje na água pensei sobre a razão disso, mas agora não recordo. talvez ainda não consiga se materializar em palavras. muita correria, vontade de chegar logo, acabar - assim na água, assim na vida. sempre uma pressa me atravessa como urgência. um terminar logo. estou falando vulgarmente, pois ainda não sei o que significa essa tal pressa.

*

pressa não é velocidade? velocidade não é pressa? técnica é precisão, que inclusive, nos torna mais rápidos. questões?!?.

*

uma aula gostosa, sem pânico. conseguindo desacelerar um pouco mais. a pele que não está bem: irritada - axila, entre coxas e virilha assadas, pele vermelha e grossa. sempre penso: a pele está falando. ainda não tive ouvidos de escutar. para cuidar aqui estão: cremes, óleos, toques suaves, respiro. inventando possíveis.

*

perna de peito, braços de crawl. descobre que tem cotovelos. descobre que tem sola dos pés na água. descobre ... descobre. um tal de cobre e descobre que não para. entende e não entende. faz e não faz. ir e vir. calma. vai devagar. desliza. desfruta.. desacelera. um outro-tempo, outro corpo, uma outra-eu se desenha nessas águas da vida em movimento.

*

corpo cansado. faltando fôlego. em poucas voltas cansei, parei. aproveitar, sem pressa de chegar. não precisa chegar a lugar algum. apenas se deliciar do e no caminho. muito difícil! descobro que não é só na água, é na vida. minha pressa é constante. minha agitação rápida em se tornar presente. a pele ainda sente as assaduras, precisa criar cascas, couraças, ou nada disso, apenas estão expressando o atrito. pele-água. vamos devagar, preciso aprender a devagar no tempo do viver sem ter que fazer alguma coisa.

*

relutei, mas lutei. levantei e fui para piscina. muitos nervosos circulando pelo corpo. medo de afundar. um peso-cansaço nas pernas muito diferente. momentos de angústia, vontade de sair da água. em momentos muito medo da sensação de afundar, do rosto na água. mas lá me mantive. fiz mais exercícios, usei mais os pés de pato. fui respirando. fazendo contato com a pressa de chegar do outro lado. é o medo. vontade de por os pés no chão logo. boiei algumas vezes, consegui relaxar, ficar bem. mas há medo. há estranhezas. há muito por vir.

*

voltei às águas. uma emoção. uma alegria. mistura de muitas sensações. alegria por abraçar a professora, estar com ela na água. alegria por estar na água. afirmar essas mudanças que emergem na delicadeza dos dias se desenhando no meu corpo - outros modos de vida. novos contornos. outra pele. desenhar outro corpo com a água, na água. pés que flutuam. braços que deslocam. peso que se desfaz. respiração em outro ritmo - mudanças. instantes com algum medo, outros algum prazer, outros apenas existindo. insistindo na afirmação dos possíveis.

*

começou ao acordar: uma luta entre ir e não ir para piscina. algumas lágrimas pelo medo imaginado. uma lentidão enquanto a hora passava. respirei fundo e fui. sair da dúvida com uma atitude é calma. águas mansas se produzem. nadei um pouco, fiz alguns exercícios. e respirei, mais que tudo, respirei. ter pés no chão e pés na água em deslize. uma outra memória que se marca no meu corpo. remexe nas certezas. desfaz as garantias. outro território se apresenta. outro modo de perspectiva se inventa.

*

uma boa aula. sem medos. sem crises. deslizando. entrando em afirmação comigo e os possíveis que se apresentam a casa instante.

*

água - como é bom tê-la como possível. hoje no aprender a sustentar o corpo no palmateio, o medo e a alegria, o corpo afunda quando tenso. essa relação entra em atenção ao que precisa mover para manter-se boiando. vida - como manter-se em fluxo sem tensão? como manter-se em atenção sem tensão? volto os pés para terra firme, e algo mais leve segue no corpo.

*

entre respiros e suspiros, muito deslocamento. vai e vem da água produziu mais leveza e rapidez no corpo. senti como se estivesse transpirando. uma delicia de movimento. na afirmação. na alegria. no contato.

*

espontaneamente tentei mergulhar. há receio. o corpo boia, não quer ir ao fundo, afundar. mas é bom. e aos poucos consigo mais um pouco. não tem que ter pressa. como é afirmar? esse foi nosso papo hoje. como nos afirmar? nada nos falta.

*

senti câimbra forte, incomodou, ficou dolorido. mas também percebi a forças dos braços. e algo bonito: o copo sabe o que fazer na água. é só confiar em sua sabedoria. senti isso. não sei como, nem por qual razão, senti.

*

estar na piscina é muito bom. a pele da minha axila está pior, mas me sinto bem.

*

mesmo com chuva a piscina é uma escolha, principalmente a aula. estar junto, trocar. esse momento é especial. foi lindo deslizar, e no meio da piscina virar e seguir no

palmateio de costas. descobrir essas pequenas coisas são coloridos nesse desafio. há também a descoberta pela busca da taquicardia, como dissocia-la do medo?!

*

chego à água e não chego. há algo correndo, que me faz acelerar mais. o corpo parece relaxar, mas há algo tenso. não consigo identificar. uma agitação que se fez em cada braçada,

mergulhar é um desafio, o corpo boia, o pensamento não sabe o que faz ... um emaranhado de coisas, e na sensação, algo de muito bom.

*

hoje de fato mergulhei.,
ainda na emoção, ... ,
foi incrível. aquele fundo.
eu no fundo. aquela água toda.
o mundo lá fora, e eu lá dentro.
aquela imensidão de água, mesmo que já saiba seu início e fim, reconheça suas bordas...
me parece muito.
uma experiência que me leva para algum lugar bom, especial em mim.
depois de tanto tempo sem escrever,
escrevo com lágrimas, pois, consegui, mergulhei.
fui sem medo ao fundo.
mesmo que seja uma piscina, é um oceano para alguém que uma bacia já era muito.
se vou conseguir de novo, não sei, não importa,
mas hoje consegui.
uma emoção diferente, o medo não me envolveu, não me tomou... nem sei bem como
cheguei em casa, mas sei que mergulhei em águas minhas, para além da piscina,
e nelas ...
alguma paz,
algum conforto envolto em alegria,
encontrei.

*

saltos. mergulhos.

abra os olhos. proteja-se com os braços.

olhe a água. vá ao fundo.

um pouco de medo ou emoção.

pouco de muita coisa.

alegria do barulho do corpo na água.

a água no corpo.

um som.

Nem antes nem depois, apenas neste instante. Um suspiro. Silêncio. Aqui dentro há uma tempestade. Não há tempo para muitas vozes, nem espaço para outros sons. Sem alarde, os olhos disfarçam para melhor ouvir com os ouvidos, vem lá de dentro, dos recônditos das vísceras – a minha voz.

Há dias que envolta em coragem, decido por tudo de modo altivo, em outros, covardemente me rendo ao medo, nada faço ou decido. Há muitas nuances durante um dia, uma estação, uma madrugada. Há muitas diferenças que conduzem essa voz que me conduz.

Estava no fundo da água, dentro do útero ou da piscina, agora não tenho certeza da lembrança, o mais importante é que há essa lembrança – que perdura pelos tempos, conduz minhas escolhas, por vezes silencia,

é quando mais a escuto.

Por anos acreditei ser o tilintar dos ossos, depois achava que era o correr do sangue, mas foi só quando mergulhei que entendi: é uma voz. Ocupa meus pensamentos, cria narrativas de mim e dos outros, sejam próximos ou distantes – narra tudo, não para um instante.

Mas preciso silenciar, não suporto mais ter que ter tanta narrativa, será possível outro modo de contar? De expressar? De dizer tudo que está transbordando de modo diferente de palavras?

Sem palavras.

Do gesto que nasce lá nas escapulas sinto que coisas brotam na ponta dos dedos, o corpo se lança, o carvão torna-se o contato, a folha o corpo, e o dedo a expansão, e no gesto que brota, faz parecer canção, olho e não encontro palavras. Canto e não ouço sons. Silêncio e sinto.

Sou louca? Efeitos pandêmicos? Excesso de não encontros?

Respiro.

Sou gente. Por mais belas palavras que encontre, mais articulada que me transforme. Sou gente. Habitada por carne, ossos, sangue, fluxos, excreções, secreções, ideias, pensamentos, emoções, moral, medos, transvalorações, surpresas, invenções ... me habitam mais desconhecidos que conhecidos, há espaços que nem consigo ser criativa para imaginar. Há,

potência que há.

É assim, num mergulho desprovido de horizonte, sem bússola ou narrador, que convido
você ...

Não.

É um aviso:

... leia-me, traduza-me, silencia-me ...

apenas não me deixe sozinha por um instante.

personagem ou cenário,
mergulhamos ... ,
poderia ser para ouvir o canto das sereias,
mas não,

Assim, sem lógica ou sentido, sem

buscamos o silêncio que há.





BLOCO ...

tanto tempo depois, encontro um bolo com memória. traz sensações de tempos bons quando a expansão acontecia sem esforço. o café forte acorda paisagens adormecidas com o tempo.

sempre uma cozinha me desperta a atenção. tantos alimentos que estão em sua própria natureza, até que alguma alquimia acontece. e outras coisas se criam a partir de uma natureza. não sei se assim posso chamar, talvez tenham outras palavras, conceitos melhores. mas gostei desse pensamento. uma maçã é uma natureza, um ovo, o leite, o azeite, são naturezas ... e juntas essas naturezas se permitem outras coisas se tornarem. um bolo, um cozido, uma sopa ... não são metamorfoses, ou são? penso que é uma mágica. um caldeirão como de uma bruxa, era apenas uma panela, mas a alquimia a transforma. tudo se transforma.

no caminho para essa escrita quase desisti, pois haviam ideias confusas querendo me dizer que alquimias não são possíveis, ou isso é apenas minha tentativa de criar uma desculpa para dizer: não é fácil.

meu pensamento se perdeu, uma amiga passou e me viu no café, veio e sentou-se. uma conversa agradável. venho encontrando pessoas que parece não vejo faz uma vida. esse recorte que vivi em outro país fez reverberar diferenças nos afetos. uns acham que fui embora. outros temem que eu vá. e eu, ainda chegando em algum lugar.

*

desejo com toque de ira nos dedos, isso quer dizer uma combinação de esmaltes vermelhos vivos, sem dúvida para a vibração do momento. uma força. na vontade o desejo por um felino. uma saudade embala esse desejo. mas uma vontade de novos amores sustenta esse desejar.

ao andar pelo bairro que me acolhe nos últimos vinte anos. começo olhar os pet shops como novos lugares a descobrir. um das antigas é o que escolho para entrar. pessoas simpáticas e disponíveis. e eu a falar, falar. eles atentos e sorridentes. uma das moças pega seu celular, e mostra fotos dos filhotes recém nascidos de sua gata. já me oferece um. brinco que ainda estou pesquisando, é preciso descobrir quanto um gato irá me custar no mês. penso por alto nos números, são minha tentativa de dar contorno para essa ideia.

muitas coisas se envolvem no abrir-se para um novo afeto. medos e dúvidas se tornam presentes. um frio na barriga gera uma empolgação que me faz crer que reflete um brilho nos olhos. falo com minha parceira de casa-vida que fica rindo, mas a lembro: você me disse que tudo bem um gatinho, lembra?! digo para mim mesma: tudo bem um gatinho. ligo para uma amiga, e pergunto: você me ajuda? ela diz: quando você estiver fora, ajudo. fico rindo e pensando: tudo bem um gatinho.

ando ando. volto para o café de sempre, que já não é mais o mesmo, várias mudanças, novos donos, e o café continua muito bom. sento à mesa que seria a mesma de quase dez anos atrás, me recordo de janeiro de 2015. estava lendo Suely Rolnik (cartografias sentimentais) fazendo anotações para uma monografia que estava escrevendo. mas em qualquer espaço de tempo pesquisava sobre uma labradora cor caramelo que estava desejando. mas será que deveria? depois da morte da Pérola, o luto me acompanhou. mesmo agora ao escrever tempos depois, as lágrimas são presentes. uma cadela que me olhava na alma. sempre a disse: só falta você falar, mas ela sempre falou, e falou muito. seus olhos carregavam a certeza do querer. um ser inesquecível. a morte sempre é precoce. não sei se há alguma que entendamos sua causa e tempo. voltando para o café, lembro que estudei o dia todo nesta mesa. já por meados da tarde almocei, e logo voltei aos estudos. rascunhei sobre meus medos. naquele dia uma querida ex-professora chegou para almoçar, sentou-se ao meu lado. e conversamos muito, foi com ela que aprendi a levar os cães para os atendimentos. com ela aprendi uma clínica do sensível. e quando ela se foi, afirmei, eu quero uma cadela labrador cor caramelo. logo chegou Melissa. foi minha co-terapeuta por alguns meses. experimentei outra qualidade de afeto. não fiz dela prisioneira da minha atenção, assim como, não sou o principal afeto dela hoje. uma relação mais livre. ela busca o contato, e se vai quando não quer mais. ela é gulosa. e o gato? ainda não sei o que busco, ou o que quero que me encontre, ainda não sei.

meu terapeuta me disse: se precisar cuidar, o afeto sempre vale, é um cuidado. e fico avaliando: preciso cuidar? ser cuidada? descansar? só tenho uma resposta: estou exausta do doutorado. por mais livre que me sinta, por mais parceria que tenha com minha orientadora. tem a instituição, têm as amarras, têm têm têm ... tantas coisas que não são dadas.

há vontade de escrever por escrever, assumir esse outro afeto com a escrita. assumir o estar livre com os devires. isso talvez seja a escolha mais difícil de todas. estou de algum modo dizendo que cansei das amarras. ainda não sei se consigo viver sem elas. ainda não sei muitas coisas, e assim espero continuar, descobrindo, sem a priori. o que não

quer dizer não ter cuidados, projetos. quer dizer aprender a ter jogo de cintura. deixar os fluxos guiarem as escolhas. deixar a vida oferecer convites. exercitar o sim e o não quando necessários.

*

outro dia começando, não sei se continuo nas questões de ontem ou se invento outras para hoje. momento delicado. há uma espera de algo indecifrável. há também a cansaça de algo inacabado. há complexidades. essa noite sonhei com Portugal, não lembro mais do sonho, apenas sensações. um outro ritmo que muito me agrada. desacelerar é um objetivo diário. encontrar pequenos sentidos em cada gesto, uma descoberta deliciosa. hoje mais que ontem. há uma calma presente. acordar no silêncio, e assim continuar por um tempo. por vezes penso que todas as pessoas são atentas para essas delicadezas, mas desconfio que não seja real. muitos ruídos ocupam o espaço sonoro da cidade. muitas obras. muitos carros. algo de tumultuado que se naturaliza.

penso que essa escrita é desinteressante. não agrega nada a ninguém. carregada de banalidades, ou mesmo, simplicidades. talvez seja a crítica que me habita ganhando espaço nas palavras também. então penso, como tudo tem que ser produto consumível. como tudo está tão carregado de julgamentos. estou com saudades da Anais Nin. escrevo no meu antigo notebook. ele está velho e com algum curto no teclado. há o constante risco da morte súbita e o texto com ele morrer. mas gosto dele. algo nele me faz escrever. a relação com os objetos são interessantes. como nos afetam e não nomeamos. todos os dias gosto de fazer meu café logo que acordo. pó simples, mas a massala é indispensável. cravo, gengibre, cardamomo, cúrcuma e canela. aromas e sabores despertam meus sentidos. uma caneca vermelha. faz anos que começo o dia com ela. se enquanto objeto ela não tem mais valor além de sua utilidade. enquanto meu objeto, torna-se companhia do primeiro café do dia. insignificâncias que trazem a narrativa que me faz reconhecer-me. então, sento-me na poltrona cinza ao lado da janela. e contemplo o Cristo. sua montanha de pedra e mata. bela paisagem. a rua bucólica. janelas abertas. janelas fechadas. histórias inimagináveis ocupam cada casa. gosto daqui. em Portugal, era outra caneca, uma azul marinho. café pronto. sentava-me na varanda. um pouco do céu, da rua dos fundos. o Gatto, um livro. silêncio. por instantes penso que essa coreografia siga em qualquer lugar. quando necessário, há adaptações. então, eu, a atriz

ou seria a personagem. sigo cenas. a mesma seria cruel, mas com gestos que em diferença se reconhecem quase o mesmo. lembro dos animais e suas repetições. penso nas minhas plantas, e a constância do lugar e da água que as fazem ficar bem. isso seria rotina ou nossos modos de não nos perdermos de nós? esses hábitos se tornam Tátia. ou seria Tátia que se torna esses hábitos? óbvio que minha lente está reduzida para esse pequeno trecho do dia, mas a questão se agiganta diante de tal banalidade que (talvez) poucos observem.

*

domingo. dia enigmático (para mim). se posso escolher, é um dia para dormir, comer, dormir, ler ler ler, não ter hora para nada, de preferência não colocar os pés fora de casa. esses rituais são micro regulações no meu corpo. há domingos que nadar ou caminhar são necessários. hoje em especial, apenas café e livros. quer dizer: esse texto. mexer nas plantas. lavar roupas. fazer uma comida gostosa. talvez o comum aos domingos seja o "não dever", permitir que tudo aconteça no fluxo sem a cobrança do relógio. desconfio que seja hábito. mas avalio que a aposta na micro regulação seja tão grande quanto o hábito. diferenças sutis. esse pensamento condicionado ao encontro de algum conceito com certeza é o maior dos meus hábitos. numa supervisão com Cecilia falamos disso. meu perfeccionismo com o texto, meu compromisso com a consistência. será mesmo necessário tudo isso? romper com esse controle que se instaurou sem percepção ativa, alguma possibilidade?

*

hoje escrever está mais emperrado. há uma alegria que me ronda. um cansaço que me segue. muitos pensamentos rodopiando como criança levada.

olho para a senhora sentada ao meu lado, um curativo no pé esquerdo, mais localizado no calcanhar. diabetes é uma das coisas mais difíceis. corrói silenciosamente parte do organismo. não consigo desviar a atenção da conversa delas. uma senhora pouco mais nova que a outra. talvez algum parentesco as aproximem. a menos idosa tenta discorrer

sobre necessidade de aprender a se alimentar para melhorar os exames. a outra afirma: já faço tudo que é preciso. minha atenção mergulha nas memórias com minha avó. cuidei muito de suas feridas. a diabetes causou-lhe problemas circulatórios. suas pernas tinham uma coloração amarronzada. também falava que fazia tudo corretamente. até o dia que quase entrou em coma por conta do aumento súbito de sua glicose, e a causa foi a manga carlotinha que estava deliciosa, e com o pé carregado no quintal. ela não comeu nada além das mangas por alguns dias. acabou com nossas férias. meu pai precisou ir às pressas nos buscar. todos tristes por não saber o que acontecia com ela, mas todos tristes pelo fim abrupto das férias. sinto ressalvas em revisitar essas memórias. muitas emoções contidas. muitas saudades embaladas por tantos vividos.

era uma casa comum da roça. o quintal era enorme, sempre considerei que era uma chácara, mas hoje olho e vejo que é pequeno. subir o morro até o cume, e de lá olhar para o povoado, era uma longa caminhada. programa para uma manhã toda. as dimensões do corpo da criança e o espaço. as dimensões do tempo e o espaço da criança. desafios para adultos perdidos em seus tamanhos e imaginários. qual tamanho têm? qual tamanho imagino que tenho? essa proposta de entrar em experimentação que aconteceu no doutorado, fez e faz bagunças no que reconheço como eu. “como eu pesquisadora”. tudo entrou em questão. eu e os textos. os textos e o eu. a proposta possível durante meses era a ‘morte da linguagem’. como? é possível? dias perturbada pensando em como fazer isso. ainda não reli os textos dessa tese, mas imagino que quando o fizer irei encontrar muitas angústias como escrita possível. não teria como continuar nas experimentações do corpo sem órgãos de outro modo. não sei dimensionar o tempo que levei me debatendo entre a ideia encaixotada, e o têm que ser do acadêmico. junto a isso uma pandemia. não tive intervalo entre as ideias e a realização de alguma coisa. a urgência era sobreviver. fui salva pelas escritas dos “diários na pandemia”. escrita livre. me autorizei a estar livre. escrever por escrever. terminar no tempo do possível. enviar para o editor, que quase sempre logo publicava. o tempo e a escrita entraram em outras relações. nos encontrávamos com frequência. o notebook era esse que agora ressuscitou, mas como todo vivo: a morte já o foi anunciada. ele não precisa desligar, basta baixar a tela, tudo fica como deixei: textos em fluxos., textos em conta gotas. as experimentações já estavam acontecendo sem percepção. voltei a leitura do Incesto da Anais Nin. uma companhia.

*

no mato não há silêncio. infinitos sons. por momentos se tornam sinfonia. em outros barulhos desconhecidos. há medo do não visto. minha pele já demonstra sinais. pescoço, braços e tornozelos com muitas picadas. pontos vermelhos e inchados. coceira constante. essa sensibilidade existe desde que nasci. minha pele grita por qualquer coisa. a sensibilidade é uma constância no meu corpo. talvez isso que me permita entrar em experimentação (?!?).

essa paisagem rural. muitos verdes. muita vida. fui roubada pelo cão. deixei o saco de pão sobre a mesa, e fui à casa pegar meus livros. na volta ele dava as últimas lambidas nos beiços. achei graça da minha inocência. achei graça da esperteza do cão.

tento escrever a partir das afetações do instante. tento algo escrever. imaginei concluir esse texto aqui, nesse dia na roça, mas não é assim que as experimentações acontecem. não há planejamento. é um constante trabalho. os fluxos acontecem. as intensidades ganham força sem planejamento. quando defendi o mestrado em julho de 2018. acreditei que iria dar pausa nesse projeto “corpo sem órgãos - experimentações em devir”. impossibilidade. duas semanas depois estava escrevendo o projeto do doutorado. e mais um mês estava no processo seletivo, resumo: sem férias. quase final do semestre viajei para Paris. primeira viagem internacional sozinha. na bolsa o livro Parasceve da Maria Gabriela Llansol. havia comprado em maio desse mesmo ano em Lisboa, e por falta de tempo não havia começado a ler. tenho a lembrança viva do encontro com os livros dela na Livraria Bertrand no Chiado. o pouco que folheei me encantou. o nome me convidou - Llansol - algo me soa familiar. primeiras frases numa página aberta pela sorte. o coração pulsou mais forte. o sorriso brotou nos lábios. e a alegria do encontro me preencheu. ainda no avião e a descoberta que não estava sozinha. a força-sensível de seus textos trazem emoção. não passa pelo entendimento. é um caso de sentir.

*

me despedir desse texto está difícil. não sei explicar, mas sinto. algo que não cabe na razão. talvez faça parte da experimentação. os dias passam, meu pensamento se angustia. muito por dizer, e nada a dizer. esse hábito que nos força a busca por alguma coerência. vários não nomes. as narrativas e suas construções como se fossem a própria vida. essas indagações sempre me rondam.

*

acordei com a decisão do término. pode parecer dramático, mas processos longos são difíceis. é preciso em algum momento dizer: ponto final. o que não quer dizer que acabou, mas é um final, uma digestão, uma borda delimitada. não imaginava como isso seria difícil. quantas angústias iria despertar. são muitos anos investidos nessa escrita, nessa pesquisa. muitas relações, muitos afetos. essa escrita final, é por mim, esse eu que entra em experimentação, mas não se abandona. sempre volta diferente.

quando numa terça-feira à tarde decidi que a tese seria “páginas vazias” achei que era o auge da loucura me habitando. falei com um grande amigo do pensamento. imaginei que ele me daria limites. e ele: uau tatis, bom isso... e enviou mensagens teóricas sobre minha ideia. fiquei semanas assustada. ainda estávamos na pandemia, receosos de sair. me sentia órfã da Cecilia, sentia saudade do encontro. então, conseguimos coragem de ir para rua, andávamos nas ladeiras de Santa Teresa. procurando as sombras, e sentando nos murinhos das casas. eu falando, falando... até que escapou: a tese são páginas vazias. no pensamento a certeza que agora o limite chegaria como contenção: "Florzinha, eu topo, estou contigo." mistura de alegria com desespero embalados na empolgação. aqui chegamos.

início ou fim. isso seria coisa de narrativa. a busca desenfreada pela coerência. não é o caso, aqui a tentativa é uma imanência. luto para não me justificar ou explicar. é uma experimentação. como cada leitor se encontrar com o vazio, com a escrita, com os desenhos, com os conceitos - é uma experimentação. corpo sem órgãos não é individual. se desfazer da linguagem, da coerência, é também desfazer a anatomia do corpo, quero dizer: também, do **corpo de uma tese**.

Referências Bibliográficas:

ANAÏS, Nin. **Incesto - diários não expurgados de Anaïs Nin (1932-1934)**. Trad. Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2008.

ARTAUD, Antonin. **A nota fervorosa - textos e desenho de Antonin Artaud**. Seleção e trad. Ana Kiffer. São Paulo: n-1 edições, 2022.

_____. **Para acabar com o juízo de deus - e outros textos**. Organização Alex Galeno ... [et al.]; trad. Olivier Dravet Xavier. Belo Horizonte: Moinhos, 2020.

_____. **Para acabar de vez com o juízo de deus - e outros textos finais (1946-1948)**. Trad. Pedro Eiras. Lisboa: FLOP, 2019.

BARRENTO, João. **Na Dobra do Mundo - Escritos Llansolianos**. Lisboa: Mariposa Azual, 2008.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. **Lógica da sensação – Francis Bacon**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

_____. **Pintura: el concepto de diagrama**. Bueno Aires: Cactus, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, v.3**. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, v.4**. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DESPRET, Vinciane. **Um brinde aos mortos - histórias daqueles que ficam**. Trad. Hortencia Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2023.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

_____. **Le discours antillais**. Paris: Seuil, 1981. p.190-201: Le Même et le Divers. Trad. Normélia Parise.

_____. **Pensamento do tremor**. Juiz de Fora: Gallimard/Editora UFJF, 2014.

LLANSOL, Maria Gabriela. **O livro das comunidades - I da trilogia: Geografia dos Rebeldes**. Porto: Edições Afrontamento, 1977.

_____. **Onde vais, Drama-Poesia?** Lisboa: Relógio D'Água: 2000.

_____. **O raio sobre o lápis**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

_____. **Outra forma de canto - Entrevistas e textos de intervenção (1962-2002)**. Organização de João Barrento. Lisboa: Mariposa Azual, 2020.

_____. **Parasceve - Puzzles e Ironias**. Lisboa, Relógio D'Água: 2001.

_____. **Um conjunto de espirais - Livro de Horas IX (Colares, 1985-1990)**. Seleção, transcrição, introdução e notas de João Barrento. Porto: Assírio & Alvim, 2023.

_____. **Um Falcão no Punho**. Lisboa: Relógio D'Água: 1998.

PESSOA, Fernando; QUEIROZ, Ofélia. **Cartas de amor de Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz**. Edição de Manuela Parreira da Silva. Porto: Assírio & Alvim, 2013.

RANGEL, Tátia. **Corpo sem órgãos - experimentações em devir**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2020.

UNO, Kuniichi. **Artaud - pensamento e corpo**. São Paulo: n-1 edições, 2022.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Sinergia: Ediouro, 2009.